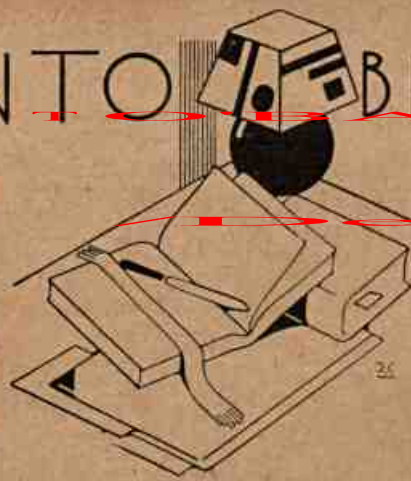
O CONTO BRASILEIRO

O BANDIDO

De Affonso Netto

MARCIO levantou o braço. E o omnibus parou.

— Olha a ficha!

O logar era num dos ultimos bancos. Num daquelles que fazem da gente "Cok-tail".

Mas, a vizinha era bonita. E Marcio, mal sentára, já sonhava com uma conquista.

O diabo era que a pequena nem olhava para o lado delle. Parecia preoccupadissima com a paizagem, isto é, com o casario da Avenida Beira-Mar...

Dentro daquelle omnibus, nos outros bancos, as mesmas caras de todas as tardes. O negociante gordo. Testa enrugada. Buscando no cérebro solução para o problema do caixeiro que lhe pedira augmento. O médico de occulos. Muito myope. Meditando sobre o automovel que a mulhér lhe exigia e os clientes que não appareciam. A loirinha deliciósa da rua Domingos Moutinho. Com um relogio pulseira na pérna. O advogado esqueletico e nervoso. Terno cinza muito surrado. Absorvido pela literatura politica do "O Globo".

A *madame* de muitas sardas e pouco juizo. Dengósa. Fazendo tudo para chamar a attenção do deputado careca.

E toda a costumeira série de caras mais ou menos grotescas que faziam parte daquelle omnibus como o *chauffeur* e as poltronas.

Marcio voltou os olhos para a vizinha. De novo. E ensaiou uma tossezinha discréta:

— Cóff... Cóff... Cóff...

Infelizmente ella parecia surda. Continuava interessada pela paizagem.

Lá na frente o advogado magro estava mais pallido. Um discurso mais violento do senhor Campos do Amaral a tremer-lhe deante dos olhos encovados.

— Fifi... Firfiriu... Firfiu...

E nada. Nem com o assobio a morena se voltára. O assobio carinhoso que era todo para ella...

Perto duma dama estrangeira, mui distincta italiana nascida em Marechal Hermes, um mulato pernóstico fumava com affectação vagabundissimo charuto.

Isto lembrou a Marcio que devia fumar tambem. Levou um cigarro aos labios. Accendeu-o com abundantes géstos. E pôz-se a enviar elegantes baforadas contra o rosto da morena convencida.

Porém...

— Drin... Drinn...

O *chauffeur* obedeceu á campainha. E do ultimo banco veiu avançando uma avalanche humana.

Marcio espremeu-se contra a vizinha. Sem malicia... Apenas para defender os frisos das calças...

Quando a *hipopotamica* senhóra passou por elle, o nosso heróe quiz defender tambem o paletó.

— Oh!

— Magoei-a senhorita?

— O seu cotovelo...

— Perdão! Foi involuntariamente...

A nutrida viajante já saltára, depois de ter dado encontrões pelos passageiros e na portinhola do omnibus. E este arrancava...

— Devia ser prohibido a semelhantes exemplares de falta de esthetica viajarem em commum, não acha "mademoiselle"?

"Mademoiselle" não achou coisa nenhuma.

— Um caso como o nosso, por exemplo...

Ella olhou-o admirada. Aonde queria chegar aquelle idióta?

— E'... E' resultado dessa desastrada negligencia de serviço.

A garota com certeza, se julgava ao lado de um recem-interno daquelle casarão amarello da Praia Vermelha.

— Si o *chauffeur* não tivésse permittido a entrada daquella dama, eu não lhe teria dado uma cotovelada...

Aqui Marcio notou que ella fazia esfórços para não rir. Teve uma esperançazinha. E continuou:

— E a senhorita não faria de mim o juizo que faz...

Ella não se conteve:

— E que juizo pensa o senhor que eu fórme da sua elegante pessôa?

Verdun rendia-se. Melhor, Itararé estava em vesperas de cahir. Pelo menos, era isso que pensava Marcio quando explicou:

— Ora! Julgar-me-á um descortêz... Talvez um mal educado... Ou um idióta...

Ella teve um sorriso. Porém, ironico. Cortante como uma gilléte.

— Engana-se. Eu o considéro apenas um conquistador de segunda classe...

E a campainha retiniu. Marcio sentiu pelos joelhos o passageiro contacto de uma carnação rija. Viu ante si a silhueta elegante da terrivel morena. E, em pouco, achou-se só no banco sacolejante do omnibus "Mauá-Leblon"...

* * *

Rua Conde de Avelar. Era ali. Marcio saltou. E pôz-se a caminhar em busca da nova residencia de seu amigo Ricardo. Achou lógo. Um palacete cinzento. Com um muro de ficus. Jardim muito bem cuidado.

Tocou a campainha.

— O dr. Ricardo Albuquerque está?

— Está sim senhor.

Marcio estendeu o cartão para a creadita. E, pouco depois, era introduzido.

— Olá!

Ricardo correu para o amigo.

— Sim, senhor! Voltou queimado, hein!

Marcio sorriu.

— Não é para menos. Dois mezes numa fazenda cheia de sól o dia inteiro...

Silencio. Ambos se examinavam.

— Mas, e você? Deixo-o sózinho numa pensão e venho encontrál-o num palacio!

— Comprámol-o. Mamãe, como lhe escrevi, veiu morar commigo. Porém como é natural, não quiz se sugeitar á vida de pensão ou hotel. E trez dias depois de ter ella chegado já nos achavamos aqui. Que tal?

Marcio olhou o salão. Grupos de velludo. Tápete pérsa. Cortinas de renda do Cairo. Enórme lustre doirado.

— Magnifico!

— Quér ver o résto?

— Não iremos incommodar a senhora sua mãe?

(Continúa na pagina seguinte)

— Não. Ella está em casa de mme. Nogueira. E esperará por Ilca para virem juntas. Minha mana, quando vae passear, é demorada. Até que chegue á casa das Nogueira, até que ella e mãe se resolvam a vir, até que cheguem aqui vae muito tempo... Venha!

— Então você está "caseriando"?

— Que remedio meu velho! Estava só, com o ultimo volume desse collossal Pitigrilli... Já o leu?

E, conversando animadamente, foram-se pelo palacete a dentro. Marcio maravilhado. Ricardo contente por rever o amigo e por poder exhibir sua fortuna.

* * *

O BANDIDO

(CONTINUAÇÃO)

O automovel estacou. Silencioso. Imponente. As duas saltaram.

— Imagine mãe, que o Raul me fez uma declaração lá na Laiterie...

Discrétamente, d. Dolores casquinou:

— Ah! ... Ah! ... Ah! ...

Entraram. A creada apressou-se a declarar, ao recebêl-as:

— O dr. Ricardo está em cima.

— Vou contar a elle, mamãe. Vae morrer de rir!

D. Dolores, com a "renard" no braço, dirigiu-se para seu quarto. Ilca subiu para os aposentos do irmão.

— Tac... Tac... Tac...

— Quem é?

— Eu. Uma novidade engraçada. Posso entrar?

Na poltrona funda Marcio tivéra um sobresalto...

— Entre.

— O Raul...

Ilca estacou.

— Ah!...

Marcio engoliu em sêcco. Mas Ricardo salvou a situação:

— Vou apresental-os. Minha irmã Ilca... Meu collega mais bonito, dr. Marcio Brandão...

Ilca estendeu a mão. Marcio tambem. Cumprimentaram-se. Pasmados. Machinalmente...

— Muito prazer, senhorita...

— Igualmente, doutor...

Fez-se o silencio no gabinete.

QUIMBO

(Conto sertanejo. Vocabulário do autor)

O dia se apagou e a noite cahiu sobre a vastidão da mattaria, rapidamente, sem crepúsculo a doirar as nuvens amontoadas.

Quimbo, jogando ao sólo o picuá, (1) levantou o braço, annunciando o pouso para aquella noite. Os companheiros obedeceram, e, em pouco, naquella ilha do igapó (2) somente o fogo gemia, estralejando, lambendo lascas de embaúba.

Quimbo, silencioso, correu os olhos pelo grupo. Os trez amigos estremeceram com aquelle olhar gelado, quasi de desprezo.

Tão mal poude levantar para aquelle companheiro temido. [illegible] nervosamente, procurou a cuiambuca (3). Vando, confundido com a olhada fria do macumbeiro, a narrar historias tétricas de crimes espantosos, revolveu o fogo com um tição... E as faúlhas se levantaram, cantarolando...

Quimbo talvez percebesse a situação, mas silenciava. Não desejava augmentar a desconfiança daquelles trez homens que conhecia havia poucos dias, mas foi obrigado a falar, a responder á pergunta energica do Vando:

— Seu Quimbo, ainda está longe?

— Tá sim! Minhã temo dia inteiro de viaje.

— E o rio? — perguntou [illegible]

— Havemos de chegá mais [illegible] perdê tempo. Vancêis qué i? [illegible] vão vê...

Os trez homens se calaram. Temiam, não a imaginária maldição sobre as pepitas cubiçadas, mas o terrivel companheiro que o Alves lhes déra para guial-os até o rio... Com uma indisfarçavel má vontade, o Quimbo deixou seu pirí (4) socegado, rangendo os dentes, disposto a levar aquelles amigos do patrão ao logar apregoado, onde a vóz corrente dizia estar escondido um montão de pepitas refulgentes, dum aventureiro audaz — um thesouro em ouro.

1. *Picuá* — saccóla sertaneja.
2. *Tyapó* — matta alagada.
3. *Cuiambuca* — cabaça com agua.
4. *Tapirí* — rancho sem parede.

E foi-se tornando penoso. Felizmente, porém, Ricardo o quebrou:

— Mas que ia você contar-me com tanta animação? O Raul?

— E'... E'...

— E' o que?

— O Raul... O Raul... Depois contarei.

E, procurando desculpar-se:

— Mamãe chama-me. Voltarei já. Com licença, sim!

Nem Ricardo nem Marcio haviam escutado chamarem a moça. Porém, o ultimo apressou-se em dizer:

— Pois não, senhorita.

"Conquistador de segunda classe!" E era irmã de Ricardo! Oh! Céus!...

Ricardo interrompeu os pensamentos de Marcio:

O BANDIDO

(C O N C L U S Ã O)

— Não sei o que tem a mana! Parece que encabulou com você!...

E, apresentando a caixa de charutos ao amigo:

— E agora voltemos a sua aventura lá no Rio Grande. A costureirita queria então, matál-o? E você?

Marcio, sem ter accendido o charuto:

— E'... Matou-me dentro do omnibus...

— Quá! ... Quá! ... Quá! ...

— Que foi?

— A Ilca deixou-o zonzo!... De fórma que a costureira paraguaya o matou dentro do omnibus? Que pena! Vou mandar-lhe uma corôa... Quá!... Quá!... Quá!...

Marcio riu amarello, accendeu lentamente o charuto. E foi olhando a subida das espiraes azuladas da fumaça. Silenciosamente. Escutando com o mesmo sorriso forçado as pilhérias do outro...

* * *

Na varanda do palacete cinzento da rua Conde de Avelar, em um anoitecer cálido de verão, duas bôccas sedentas de amôr se encontraram.

No ouvido della, suavemente, Marcio indagou:

— De segunda classe, Ilca?

Ella, languida e terna:

— Bandido!

De O. Emboaba

(Da Academia de Letras dos Moços do Paraná)

tolhido numa dezena de annos de mineração, talvez em agua redonda (5) desconhecida.

Não havia remédio... Só elle sabia o logar, por lá haver andado quando alli o Brejahú, qual negro fugido, tinha o seu tijupar (6) — ali mesmo onde a morte o apanhára sem que pudesse aproveitar o ouro.

Os aventureiros temiam... Quilombo com razão era afamado conhecedor de raizes medicinaes, de mundrungas (7) bem feitas; accusado de desconhecer, e de mesmo ter empregado, muitas vezes, toda a especie de maleficios...

Temiam... Afrontaram a floresta desconhecida, mas agora receiavam... Não podiam refrear a repulsão que lhes causava aquelle homem temeroso, evitado por todos, com a vida cheia de mysterios... Mas não podiam prescindir da sua companhia imposta pelo acaso.

Da mente do Vando não sahia a idéa:

— Esse nêgo tambem sabe o logar, mais ou menos... Não queria que o achasse... Bem poderá aproveitar nosso trabalho... Não! Não sou embiara (8)... Elle que vá com o meu mutá. (9) Isso sim.

Feliú, fingindo despreoccupação, fumando, tambem calculava:

— Eu bem queria dizer ao Vando, si esse nêgo não tirasse o olho de nós: "Olha, Vando, alerta com o Quilombo... E' nêgo treloso, (10) mal falado, prompto pra matar sem dó, sem piedade, sem estremecimento... Feitiço delle é morte certa. Está tinguijando, (11) urupemando... (12) Já sinto pitiú

5. *Agua redonda* — lagôa.
6. *Tijucar* — ranchinho indigena.
7. *Mundrunga* — feitiçaria.
8. *Embiara* — animal caçado.
9. *Mutá* — girau de espera á caça.
10. *Treloso* — esperto.
11. *Tinguijar* — lançar timbó n'agua para envenenar os peixes.
12. *Urupema* — peneira.

(*Continúa na pagina* 10)

UM SUSTO — De Ital

LUIZ HENRIQUE DAMOUR, brilhante reporter do jornal *Intervalli*, recebêra a incumbencia de percorrer demoradamente a Italia, de onde mandaria a seus chefes descripções detalhadas de suas impressões politicas, urbanas, e artisticas. — Veneza devia justamente servir de scenario ao encontro de dois eminentes chefes de Estado, e o nosso reporter não hesitou em apressar sua viagem para chegar na mesma occasião na vetusta cidade dos Doges. Fervoroso apreciador do bello sexo, arrastava em seu peito um mundo de harmonias soltas, que só pediam uma occasião para se concretizar numa pagina de amor que guardaria só para elle.

A belleza das mulheres de Veneza tem fama mundial e ancestral. Percorrendo diariamente o trajecto entre a praça São Marcos e o telegapho, Luiz Henrique espreitava as reconditas viellas, os nichos de penumbra sob os arcos, os cafés e os theatros illuminados, á cata do seu *typo* — do *typo* ideal da mulher loura, esbelta, alta e.... veneziana, que deveria partilhar de seu sonho italico. Nos primeiros dias a caça não deu resultado; mas no ultimo dia da semana, talvez porque *não haja sabbado sem sol*, Luiz Henrique avistou, emfim, a deusa de seus sonhos. Loura, com reflexos côr de bronze, esbelta sem ser magra, elegantissima, ella dignava-se pizar com passo firme os decrepitos lagedos da velha praça deixando á sua passagem um perfume inebriante, resultado da sabia mistura de trez ou quatro essencias de Houbigant e de Coty.

Luiz Henrique precipitou-se para as pégadas da luminosa creatura. Ella andava apressada, mas o nosso reporter tinha as pernas tradicionaes do officio, e num momento alcançou-a; então diminuiu a marcha, seguindo-a pacientemente para observal-a melhor.

Andaram muito, dando voltas e viravoltas por viellas impossiveis; subiram degraus, atravessaram pontes, até chegarem a um bello palacio de marmore ennegrecido pel[...] chuvas e os seculos. O port[...] tirou o barrete, fazendo u[...] grande cumprimento, e a lu[...] nosa creatura penetrou sob [...] arcada da porta sumindo-se [...] sombra do pateo interno [...] edificio, emquanto Luiz He[...]rique se dispunha a entrevist[...] o porteiro. Para um jornalis[...] reporter, industriado a fazer [...] proximo dizer mesmo o que [...] pensa, parlamentar com [...] porteiro seria brinquedo [...] criança. Cinco minutos depois [...] com cinco liras de accresc[...] Luiz Henrique sabia que a [...] tonteante creatura era dou[...]ra; que vivia sozinha, que [...]nha numerosa clientela e [...]nhava muito dinheiro; [...] não tinha amantes, que [...] carne mesmo ás sextas fe[...] e que tinha o quarto de d[...]mir todo forrado de côr de [...]sa.... Uff! Luiz Henrique s[...]pirou, alliviado e rompeu [...]cididamente pelas escadas a[...]ma. No terceiro andar, á d[...]reita, tocou a campainha [...] Trrim! trrim! trrim. Uma [...] nusoula criada, com ares [...] enfermeira em miniatura, abr[...] a porta e o fez entrar num[...] saletinha onde já esperavam [...] trez doentes, e pediu-lhe o [...]me, que inscreveu num re[...]tro. Levou o livro para um o[...]tro quarto, perdendo-se atr[...] de uma cortina. Hora e m[...] depois de uma enfadonha e[...]pera, que Luiz Henrique [...]pregou percorrendo revistas [...] jornaes illustrados emquanto [...] imaginava como seria a disp[...]sição dos moveis no quarto [...] de rosa a creadinha reap[...]ceu, emfim, levantando a [...]tina e acenando-lhe que [...]trasse. Estava, afinal, [...] frente do seu typo — da [...] rinha ideal, louro bronze[...] exhalando o perfume e[...]teante das quatros mist[...] exoticas. Luiz Henrique [...] meçou a falar. Disse que.

Gomes Vaz de Carvalho

passagem por Veneza e conhecendo a boa reputação da joven doutora, desejára consultál-a e ahi estava para um exame medico.

A luminosa creatura fêl-o passar então para o seu gabinete. O rapaz não parava mais de contar, com pormenores de um grande pittoresco, seus males physicos, que se complicavam, não sómente pela fadiga da vida vertiginosa que era obrigado a levar, mas tambem pelos padecimentos moraes que o mortificavam por não ter ainda encontrado a alma irmã, o typo ideal de mulher que o comprehenderia, partilhando amorosamente com elle do labor de sua existencia.

Falava, falava, rebuscando termos escolhidos, entremeando o seu discurso com uma ou outra palavra italiana, tentando fascinar a joven doutora. Esta, emfim, o interrompeu:

— Já o conheço muito. Leio sempre com interesse suas peregrinações jornalisticas. Recebo, tambem, o *Interralliè*, além de outras revistas, francezas, e sei o quanto o senhor é celebre.

— Oh! Mas não é de celebridade que carecem o meu espirito e o meu corpo! Este fogo inesgotavel que me consome, esta ansia apaixonada que me devora...

— Dispa-se. Agora veremos do que se trata — disse de repente, a doutora, sem pestanejar.

Luiz Henrique mordeu os labios. Não contava chegar tão depressa a esta emergencia. Um homem que faz tanta declaração de amor em mangas de camisa é superiormente ridiculo. Elle sentiu que, se tirasse o paletó, estava perdido, e tentou retardar o momento fatal com medo de precipitar as coisas:

— Mas... eu ainda não conclui o que tinha para lhe dizer... Eu... eu vou perseguindo por toda parte este phantasma de suprema ventura que traz em continuo sobresalto o meu pobre espirito enfermo. Ah, minha senhora, tenha dó de mim! Todos os céus deste mundo já viram minha pobre alma agitada á procura da felicidade perdida... e Veneza tambem já a viu. Digo

já a viu, porque não mais a virá, desde que me parece ter encontrado hoje, ha duas horas apenas na praça de São Marcos, o ideal que eu sonhava. Por isso, estou aqui a seu lado, implorando-a que me diga que não me engano... que sua sciencia é soberana e que meu mal tem cura!

Luiz Henrique olhava a doutora, e percebeu que ella o havia perfeitamente comprehendido. Abaixando a cabeça, com os olhos quasi cerrados, a moça parecia reflectir. Luiz Henrique esperava ansiosamente:

— Dispa-se! — repetiu, emfim, a doutora, com mais força.

O rapaz não teve outro remedio senão se libertar de sua indumentaria; porem, certo do resultado de sua eloquencia, o fez sem maior preoccupação. A doutora pediu-lhe que se estendesse sobre um divan e começou a mais minuciosa investigação medica. Luiz Henrique nem se lembrava mais que aquella linda mulher fosse uma medica. Confiante em sua excellente saúde, deixava-se auscultar e apalpar sem receio; e, terminado o longo exame, esperou, sorrindo, a sua sentença, certo de que ella diria mais ou menos o seguinte:

— Nunca vi um individuo de melhor constituição. Meus sinceros cumprimentos!

Mas a doutora disse, com seriedade e num tom de voz que não admittia replicas:

— Sinto muito dar-lhe uma noticia desagradavel; mas, em nome do meu dever profissional, devo prevenil-o de que o senhor é tuberculoso.

— Quê?!

Luiz Henrique saltou do divan, segurando as roupas que abotoava num indizivel alvoroço.

— Tuberculoso?! Eu, tuberculoso?! — Isto é pilheria, minha senhora! — Mas, com a vida que levo, deveria então já estar debaixo da terra ha mais de dez annos! Não sabe que fiz a reportagem da Siberia palmo a palmo, dormindo sobre a neve durante um anno inteiro? Que estive no centro da Africa, num clima infernal, viven-

(Continúa na pagina seguinte)

do mezes e mezes sob chuvas diluvianas e torrando ao sol do Equador!... Mas todos os tuberculosos então haviam de se querer chamar Luiz Henrique. Isto é pilheria! A senhora ficou certamente impressionada com meus argumentos anteriores. Mas foi tudo mentira. Foram todas historias imaginarias, inventadas por mim. Não havia nada de exacto. Absolutamente nada!

UM SUSTO

(CONCLUSÃO)

— Bem sei! Comprehendi perfeitamente; mas o senhor *não deixa de ser um tuberculoso!*

Luiz Henrique vestiu-se nu... relampago; agarrou o chap... e precipitou-se pelas escad... abaixo, perturbadissimo.

Quando, mais tarde, os am... gos o viram no restaurant... Florian, ficaram assustad... Que lhe teria acontecido?

— Nada! Sou um home... perdido! Perdido!

Pediu o endereço do ma... celebre medico veneziano e f... logo se dirigindo para o co... sultorio, a passos tropegos, c... mo um ébrio. Alguns amig... o seguiram, por precaução.

O grande medico auscultou-... e garantiu ao rapaz que jama... fôra tuberculoso quiz cons... tar mais dois especialistas. E... Roma e Napoles, fez o mesm... e, de volta, em Bolonha, aind... quiz ouvir o parecer de u... clinico illustre, senador do Re... no. Todos o achavam em opt... mas condições de saúde. E... Paris, recomeçou a série d... consultas e quando chegou, f... nalmente, a falar com o tris... simo professor, chefe do hosp... tal especialmente fundado p... ra debellar o terrivel flagel... esse lhe perguntou:

— Mas quem lhe disse a im... mensa tolice de que o senhor é tuberculoso?

— Uma doutora, em Venez... uma deliciosa rapariga lour... que não achou nada de m... lhor a fazer, para se vêr liv... de um galanteador aud... impertinente. Pregou-me... susto atroz. Brincadeira... máo gosto! Mas hei de... vingar!

TITULOS PUBLICOS PAULISTA

No periodo de janeiro a julho... corrente anno o movimento... transacções de titulos publicos... São Paulo attingiu a importancia... de 121.194 contos, tendo... ultrapassado qualquer dos... ciclos do ultimo quinquenio.

O MEDICO

SÃO onze horas da noite. Odette, joven de dezoito annos, está só em seu apartamento. Seus paes foram ao theatro e não na levaram, por achar impropria para uma moça de sua idade a peça que iam ver. Os 6 criados já se retiraram para seus aposentos do sexto andar.

Subito, Odette parece tomar uma resolução... Pallidissima e tremula, sae, e, apoiando-se ás paredes, chega até a porta do apartamento vizinho, no mesmo andar da grande casa de apartamentos.

Um moço de cerca de trinta annos, apparece quasi immediatamente, e, surprehendido, pergunta á joven:

— Senhorita... em que poderia ser-lhe util?

— Desculpe-me, senhor... mas não me encontro com forças bastante para subir até o sexto andar, afim de reclamar o auxilio de nossos criados: a campainha electrica tambem não funcciona... e eu não posso, igualmente, descer para prevenir ao porteiro...

Ella parecia mal poder falar; e como parecesse proxima a desfallecer, elle a segurou cavalheirescamente e de novo perguntou:

— Está doente, senhorita? Poderia eu servir-lhe em alguma coisa?

— Oh! sim!... Ajude-me a voltar ao meu apartamento...

Elle acompanhou-a até ali, conduzindo-a ao salão. Ella lhe pediu que fosse á procura de um medico. Mas, antes, quiz explicar-lhe: estivéra sozinha, sentada no salão, lendo uma novella, quando, de repente, foi acomettida de uma vertigem... Quiz permanecer na cadeira, á espera de que aquillo passasse, mas havia perdido a razão, e uns dez minutos depois se encontrou extendida no tapete...

— Vou immediatamente buscar um medico — affirmou o joven, desejoso de ser util á sua encantadora vizinha.

— Não... não; espere um momento... Tenho medo, agora, de ficar só! Poderia adoecer de novo. Parece-me que um calice de vinho do Porto me faria muito bem, me reanimaria... Seja indulgente, senhor, e abra a porta da direita daquelle apparador... Sim, sim, esse ahi; eu ainda não tenho forças para mover-me... Ali, encontrará uma garrafa de vinho do Porto, e calices...

O moço obedeceu, solicito.

Nunca, até então, havia reparado em sua joven vizinha; nunca a tinha olhado detidamente, e agora, pela primeira vez, verificava que, sem ser uma belleza perfeita, ella possuia, no emtanto, um semblante delicioso: tez nacarada, então um pouco pallida, era verdade, uns olhos negros, luminosos e alegres, momentaneamente um pouco velados, com certeza, pelo mal estar que a acommettêra; o seu sorriso era, realmente, de uma graça e um encanto irresistiveis...

Começaram a conversar. Pouco a pouco, descobriram que tinham muitos gostos communs, entre elles a antipathia que lhes inspirava o proprietario da casa, um velho avarento, que continuamente augmentava os alugueis... Até que Odette observou:

— Sinto-me, agora, muito melhor... Verdadeiramente, não sei o que foi aquillo... Foi um pouco ridiculo!

De facto, parecia não mais necessitar do medico; solicitára o auxilio de seu vizinho para que elle fosse á procura de algum, mas como já se sentia melhor...

— Não, não! — exclamou o moço. — E' indispensavel que agora mesmo lhe tragam um medico. Poderia dar-me o endereço de algum?

— Não; nunca estive doente. E' esta a primeira vez...

— Então, irei buscar um que sei residir muito perto daqui.

— Tenho absoluta confiança no senhor.

UM quarto de hora depois, voltou em companhia do doutor Benjou, a quem não conhecia, mas que era o mais proximo. Discretamente, retirou-se, agradecendo com modestia as palavras de gratidão da joven, e dizendo:

— Voltarei amanhã, senhorita, para saber de sua saúde.

O doutor Benjou havia pouco que terminára seus estudos, e só algumas semanas atraz se installára naquelle bairro de Paris. Tinha vinte e seis annos, era alto e bem podia merecer que o chamassem

(Continúa na pagina 12)

(13) no igarapé... Ah, Quimbo! peixe que pula muito qué itapuá... (14).

O Tão, sentado á frente do Quimbo, olhos pregados nas dubias chammas do fogo, tambem pensava:

— Esse sarú (15) me põe nervoso... Nêgo feio... Mais nesse parí (16) não cáio sem furdunço... (17) Elle não quer que achemos o ouro... Ainda bem que não gapuiou (18) a nossa bocada (19) d'hoje cedo...

E o Quimbo philosophava:

— Qui gente vontadosa... (20) Fazê um véio cumo eu, já cansado di vivê, saí do meu canto... andá num sei quantas léguas atráis dum lugá dos diabo, a pura passóca e jacuba... (21) Quá!... Isso di tizouro interrado nunca deu resurtado... E' piracema (22) perdida... Quem'lhé agóra que vai encontrá ouro, nesses cafundó, guardado mais di vinte ano?...

* * *

O mundrungueiro (23) levantou-se dum salto... O corpo encarquilhado tremia... Os dedos daquella mão, tal a de uma mumia, se re-

QUIMBO

(CONCLUSÃO)

curvaram como se quizéssem apertar, esmagar o vulto que o atemorizára.

Os trez homens estremeceram, chibateados pela feição horrorosa do preto velho... Seis olhos espantados o fixaram...

Vando pensou, em mixto de assombro e cólera:

— A anta vem do caidor... (24) Já ouço o esturro! (25)

Piôli calculou, num arrepio, a mão pousada na coronha do rifle:

— Sucurí está no matupá... (26) Ouviu barulho do jacumam do igarité! (27)

Tão murmurou entre dentes tremendo:

— Desta não volto panema... (28) O aturá (29) vai pesar!

E o Quimbo tambem tremia da visão macabra, sem tirar os olhos dum sapopema sombria. (30)

— Tá lá ella! — exclamou em vóz mortiça.

— Ella quê? — inquiriu Vando arrepiado, arranhado pela vóz fantastica.

— E' a Morte que tá rondando... Ella... Um di nóis vai... Eu sei... Ella tá esperando... Num vorta sô... — gargarejava o rei dos ... assombrosos na calada das noites aziagas, quando Iacy (31) alumiar a festa de Satam.

— Nêgo maldito! — urrou Tão.

— E' mundrunga pra nós! — gritou Piôli.

— E' mundrunga! — berrou Vando.

E o baque dum tiro espantou o quiriri da terra bravia. (32)

13. Pitiú — cheiro do peixe a apodrecer.
14. Itapuá — arpão de pesca.
15. Sarú — silencio dos lagos sem peixe.
16. Parí — barreira ou trançado de taquaras para apanhar peixes.
17. Furdunço — briga.
18. Gapuiar — pescar n'agua empoçada com arpão.
19. Bocada — conversa.
20. Vontadosa — cheia de vontade.
21. Passóca — carne pilada com farinha. Jacuba — bebida composta de agua e farinha.
22. Piracema — subida de rio dos cardumes de peixes, para desóva, em 21 de setembro.
23. Mundrunguiero — feiticeiro.

24. Caído de anta-trilha de ... na matta, desembocando no rio.
25. Esturro — barulho.
26. Matupá — capim ...
27. Jacumam — remo de ... pôpa das canôas grandes. Igarité — canôa ...
28. Panema — sem caçar ou cor nada.
29. Aturá — cesto indigena que se carrega ás cóstas, como mochila.
30. Sapopema — raízes á flor da terra, formando furnas.
31. Iacy — yi-ry, jacy a lua.
32. Quiriri — silencio nocturno.

bello rapaz. Sobretudo, seus olhos possuiam uma perspicacia singular.

Permaneceu de pé deante da joven, dirigindo-lhe algumas perguntas preliminares. Mas, quando pretendeu tomar-lhe o pulso, ella, rindo de bom humor, lhe disse:

— Não estou enferma, doutor, nem nunca, felizmente, o estive...

— Que diz, — senhorita?! — exclamou o joven medico, cheio de surpreza. — Permitta-me manifestar-lhe que não comprehendo em absoluto...

— Explicar-lhe-ei, doutor. Acho que um medico é como um confessor, não é verdade? Bem se lhe póde, pois, confiar um segredo: eu só inventei toda esta historia de enfermidade, de meu desmaio, afim de attrahir para mim a attenção de meu vizinho, que é solteiro e com quem sympathizo muito. Tambem lhe confessarei, doutor, que tenho o maior desejo de casar-me... Meus paes, que são excellentes creaturas, e que me mimam de todo modo, têm, no emtanto, o defeito de conservar-me muito presa, não querendo nem ouvir falar que eu possa contrahir nupcias. Comprehendo que só o seu grande affecto por mim é que os faz agir dessa maneira, afastando-me de toda parte onde eu pudesse encontrar-me com eventuaes pretendentes... E não tenho culpa, não acha o senhor?, não tenho culpa si me vejo no caso de arranjar-me da melhor maneira possivel para obter meu intento...

Si o doutor Benjou fosse velho, é indubitavel que não gostaria daquella pilheria; mas, como era moço, apenas sorriu. No emtanto, antes de tudo, fez questão de ser o profissional e insistiu em contar as pulsações da joven, julgando util examinál-as um pouco mais detidamente. Tirou o relogio, e, tomando o fino pulso de Odette, perguntou, com maior naturalidade:

— Permitte-me, senhorita?

— Mas, quer mesmo levar a serio a sua visita?

— Deixe-me fazer, por favor...

Depois de alguns segundos, disse, sentenciosamente:

— Sim, sim... é o que eu pensava... Vamos ver a lingua...

Não sem experimentar alguma inquietude, Odette obedeceu. O doutor Benjou continuou perguntando:

— Não se sente continuamente fatigada?

— Muito raras vezes!

— Ah! Mas, reconhece que se sente algumas vezes?

— Por certo... Sobretudo quando jogo muito o tennis.

— Justamente... é isso. E tem bom appetite?

— Magnifico!

— Mas não assimila em absoluto. Permitte-me que a ausculte?

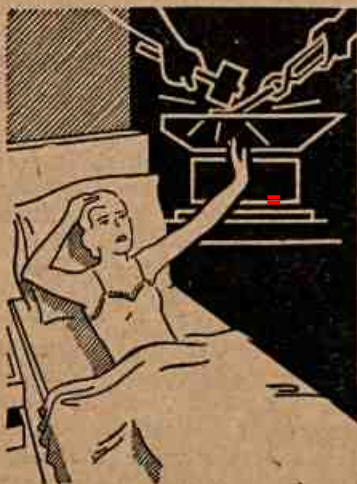
— Não vejo nenhum enconveniente nisso.

O MEDICO

(CONCLUSÃO)

Odette começou a inquietar-se... Respirava muito forte, respirava muito baixo... tossia, e olhava ansiosa o medico, o qual, por sua vez, tinha um aspecto de visivel preoccupação.

Mas, no teve necessidade de reflectir longo tempo, e em tom doutoral explicou a joven:

— E' precisamente o que eu suppunha desde o principio: sem a menor duvida, a senhorita está bastante anemica. E não ha mais nada peor, nem mais perigoso, que uma pessôa que ignora sua enfermidade, ou que não crê nella. E' preciso que se trate muito... Oh, não se inquiete! Seu mal não é muito grave, porque tenho a satisfação de poder curál-o em seu inicio, e asseguro-lhe que a farei bôa. Mas deverá seguir escrupulosamente o regimen que eu lhe vou indicar. E devo observar-lhe que seria muito perigoso que se casasse com a saúde em taes condições. Bemdiga as circumstancias que me fizeram reconhecêl-a a tempo.

Odette estava emocionadissima. Nunca poderia imaginar que sua pequena comedia viesse a ter taes resultados!

O doutor Benjou retirou-se depois de ter redigido uma primeira receita, assegurando-lhe que voltava no dia seguinte.

Meia hora depois, chegaram do theatro os paes de Odette, muito animados pelos chistes e piadas do vaudeville, a que acabavam de assistir. Mas, ficaram consternados e muito preoccupados ao ouvir o que lhes contou sua filha, a qual os convenceu de que seu desmaio fôra authentico.

DIARIAMENTE, desde então, aquella residencia era visitada pelo joven vizinho e pelo joven medico, os quaes continuavam ambos interessando-se pela saúde de Odette. O primeiro ficava na porta, onde a criada respondia a suas ansiosas perguntas a respeito do estado da senhorita. O segundo era introduzido no salão onde o esperava sua enferma.

Era extremamente sympathico esse joven doutor... e parecia entender-se ás mil maravilhas com sua graciosa paciente, que já pouco ou nada se lembrava de seu vizinho. E quando, trez mezes depois, o medico annunciou aos paes de Odette que a joven se encontrava já completamente restabelecida, ninguem se surprehendeu que solicitasse sua mão. Tratára-a com tanto fervor e ternura... Assim, pois, se realizou o casamento.

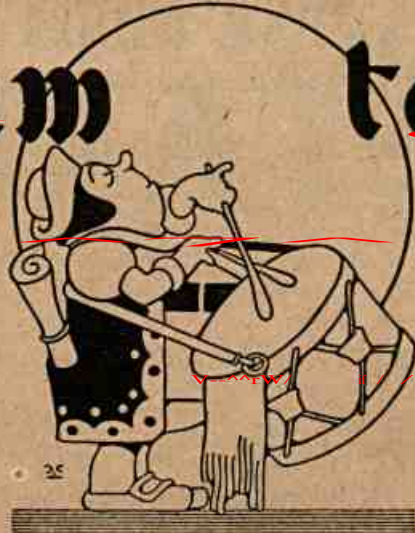
Na vespera da cerimonia, o doutor Benjou fez esta confissão a sua linda noiva resplandecente de felicidade:

— Quero que saibas, agora, meu amor, que te enganei... Dize-me que me perdôas... Eu te amo tanto! Mas, não quero fazer-te minha esposa sem antes confessar-te tudo e implorar teu perdão. Nunca estiveste anemica... Tu inventaste aquella comedia para aproximar-te de outro; e eu, immediatamente, inventei essa outra, comprehendendo que só assim poderia obter o teu amor. Aquelle teu vizinho me pareceu um rival bastante perigoso, e desde o primeiro instante me senti tão attrahido por teus encantos, que resolvi ser intelligente para vencêl-o. Soube conquistar teu coração e teu amor! Não lamentas nada? Responde-me...

A resposta de Odette consistiu em um prolongado abraço, acompanhado desta phrase sussurrada ao ouvido do medico:

— O que fizeste... está bem feito. Eu te amo!

GERMAINE ACREMANT

Saibam todos...

JUDE (S. Paulo) — V. ex. fez um romance de um motivo litterario (ou sentimental?) que podia ser definido, ou explicado, com duas simples palavras: "Yves, desejo que me dê uma resposta confidencial. Ahi vae o meu endereço."

E' prompto!

Mas, v. ex. fez dessa coisa simples — uma pergunta, uma interrogação — toda uma historia das *Mil e uma noites*, — onde ha muita fantasia, muita imaginação, mas nada de real e concreto.

Depois, v. ex. se queixa de que as "outras" (as outras criaturas de saia...) são esphynges, que exigem: "Decifra-me!" emquanto, v. ex., menos complicada, (é o que diz...) toma a si a tarefa de se decifrar a si mesma...

Felizes os que têm tempo para fazer romances de amôr!... — E' signal de que sonham accordados!... E eu, nem dormindo — sonho...

YVETTE (Minas) — E' verdade que a graphologia não distingue o sexo pela morphologia do graphismo. E' tolice de muitos tratadistas que o affirmam. E' possivel, em certos casos, determinar si a letra de *A* foi traçada por Eva ou Adão. Mas, quantas vezes, os casos deixam duvida? A sua letra, por exemplo, póde ter sido feita por um nervoso pulso feminino. Mas tudo leva a crêr que se trata de um marmanjo como eu... Pelo menos, a sua calligraphia revela uma criatura culta, vivida, illustrada e capaz de todas as artimanhas... E, nesses casos, a mystificação é bem admissivel... Em segundo logar noto que uma pessôa confiante e enthusiasta, — não raciocina: é victima sempre dos seus primeiros impulsos.

E v. ex. é prudente. Medita bem sobre o que vae fazer. Age com reserva e cheia de precauções. E a prova é que, fazendo a confissão que me fez — e que só se faz a um confessor, á hora extrema — v. ex. se esconde por traz de um pseudonymo, — como quem diz: "Posso escrever o que entenda, porque nunca se saberá quem eu seja..."

Ora, v. ex. não deve fazer a injustiça de pôr em duvida, sem mais nem menos, a intelligencia alheia. E' claro que um homem como eu, treinadissimo em assumptos epistolares, em *bluffes*, em trucs, em lábias de todo genero, e, sobretudo, em psychologia feminina — não vou accender as pupillas de enthusiasmo e alegria, somente porque v. ex. me faz aquellas revelações, que tanto podem ser feitas por *Yvette*, como por *Maria Rosa*, *Carolina* ou a *lourinha dos olhos de crystal*...

E' tudo um delicioso carnaval, mas, em todo caso — carnaval!...

ANNA (Capital) — Continúo a agradecer-lhe extremamente sensibilizado as nimias demonstrações de sympathia e amizade que me tem dado.

E' mister reconhecer que v. ex. é sempre encantadora e gentil.

Muito obrigado.

MILONGUITA (Capital) — Nome de tango argentino: Milonguita. Por isso, v. ex. me dá a idéa de uma criaturinha esguia, elastica, moreninha, cheia de sangue, como as filhas do Prata; e ondulante requebrada, sinuosa e de gestos harmoniosos, como os passos de um tango...

Será assim v. ex.?

Bem.

A sua graphologia é muito facil de ser resumida: ciumenta, dissimulada, exclusivista e de vontade vacillante.

Quanto aos livros do momento, eu lhe posso indicar: *Era uma vez uma illusão*, de Paulo Gustavo; *Viagem interior*, de A. Austregesilo; *Para Você*, de Raul Leitis e *Novellas phantasticas*, de Gomes Netto.

Os dois ultimos são nossos collaboradores.

O Raul Leitis é um *conteur* excellente, de imaginação fecunda, estylo simples, mas elegante. *Para você* é uma collecção de contos e fantasias onde não ha apenas um narrador e um urdidor de tramas de ouro: ha, sobretudo, um emotivo que sabe dizer tudo com ternura e elegancia.

Gomes Netto é um espirito arrojado.

Arrojado? Eis o que não é facil dizer, á primeira vista.

Não se sabe si é um humorista, a utilizar-se de um creacionismo scientificista, á Wells ou á Julio Verne, ou um escriptor que fóge ao *terre-á-terre* da nossa literatura de ficção, sempre ôca e banal, a gyrar em torno de motivos explorados, ha mais de meio seculo.

Dahi o arrojo da sua imaginação, quando engendrou os seus contos, plasmados em assumptos que o leitor commenta, achando que são "impossiveis", mas que fariam rir, si fossem exequiveis. E nisso está o merito do *conteur* magnifico.

PAULO (Capital) — Caro e prezado confrade. E' com o maior prazer que registro o recebimento de sua gentilissima cartinha, na qual me concede tão carinhosas palavras.

Menos por mim, entretanto, do que pela resposta que dá ao nosso collaborador J. Claudio, quero ter a satisfação de publicar a sua bella missiva.

"Meu poeta e meu amigo. Minhas saudações cordealissimas.

No interessante "Saibam todos", do ultimo numero da victoriosa revista FON-FON, cuja leitura é, para mim, todos os domingos, uma verdadeira volupia intellectual, li as bondosas referencias feitas ao signatario destas linhas. Você é um espirito scintillante, harmonioso e bom, espalhando bondade, rythmo e luz por toda a parte. Muito obrigado pela suavidade do seu gesto. Meus agradecimentos muito sinceros, meu poeta.

Li tambem a carta de J. Claudio. Achei muito interessante ter este considerado a mim um humorista. O humorismo é, segundo julgo, o mais lindo e mais elevado genero de literatura, mas é tambem o de mais difficil execução. E' eriçada de difficuldades a arte de fazer rir. Neste ponto — unicamente neste ponto, bem entendido — penso com Pitigrilli.

Em todo caso, acceito. Se bem que sendo um homem sério e de bons principios, vou comprar um "Breviario de Humorismo" para ver se dou para a cousa. E' sempre melhor sorrir...

Um abraço. Vou lêr "Tulipas". — *Paulo*."

(Continúa na pagina seguinte)

MENESTREL (Ceará) — Olá poeta! Bastava a leitura de sua carta para que eu logo fizesse um juizo seguro a respeito da sua arte poetica... Mas, para contrapêso dou a carta e o soneto que me enviou...

Lá vae a missiva:

"Illustre Yves. Não sei o que lhe vai mais aborrecer, se estas linhas, ou se êste soneto "Partida", incluso.

Mas não mediando a consequencia de sua resposta, (certamente negativa), aventuro-me, pela primeira vez, muito interessado, em levar a "Saibam Todos" êste descolorido soneto e aguardar ancioso a sua criteriosa e autorizada julgação que desejo logo, para felicidade ou infelicidade dêste humilde poeta seu admirador."

Em seguida, vem a outra "obra-prima" — o soneto *Partida*...

Eis a "maravilha":

SAIBAM TODOS

(CONTINUAÇÃO)

PARTIDA

Quadro triste agora eu vi — o da realidade —
Quando de tua casa passando pela frente,
Vi cerrada a porta, eu estava já descrente
Vagando pelo mar patente da verdade.

Que partiste meu bem, é dura esta certeza.
Em que se encontra agora um pobre coração
Ferido no seu eu, na dôr da isolação,
De quem para lhe é o simbolo da pureza.

E se minha alegria foi que partia contigo
Ou se foi a tristeza que ficou comigo
Não sei do certo não. E nesta soledade

Fiquei pensando eu no que fazer decidir
E quando eu procurei minh'alma ela já foi
Rolando no deserto imenso da saudade!...

Menestrel.

Meu caro, a sua "pequena" partiu com medo que o sr. lhe fizesse outro soneto identico ao que ahi vae...

Imagine a moça sendo obrigada a ouvil-o dizer bobagens como "dôr da isolação"...

Não, poeta! O sr. póde amar á vontade. Mas não tem o direito de amolar os ouvidos da sua querida com tolices de tal quilate...

Ahi está o segredo do "fóra" que ella lhe deu...

Quando quizer, fale em prosa, que não é verso... em amor, talvez em prosa o sr. cante e entôe... Em verso a joven logo é que de pensar que o sr. é um "prosa"... sequioso de "conversa fiada"...

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 61

Caixa Postal 97

Telephone: 2-4136

FON-FON — 15-9-934

Data da consulta ....

Nome da consulente ....

....

AS BIBLIOTHECAS EM SÃO PAULO

Durante o mez de agosto ultimo a Bibliotheca Publica de São Paulo foi vizitada por 2.507 pessoas que consultaram 3.493 obras. No mesmo periodo vizitaram a Bibliotheca do Instituto de Educação, náquella capital, 1.636, registrando-se ná media de 33 consultas diarias. Foi a de 92 a media diaria de consultas na Bibliotheca da Faculdade de Direito.

BENY, A MULHER ESTRANHA

DE BILL BRAGA

— Alô, Gabriel!

— Alô, Raul! Vá entrando. Sente ahi um momento, emquanto eu acabo isto.

Gabriel voltou-se na cadeira gyratoria e completou a carta que estava dactylographando. Pôz, a seguir, um endereço num envelop-pe sem timbre, e, dirigindo-se ao amigo, emquanto assignava a carta:

— Então que ha de novo?

— Nada. Vim buscal-o para jantarmos no "Caverna Bar". Inauguram hoje uma orchestra typica e o programma é excellente. Vamos?

— Nem sei, Raul. Ando tão indisposto para divertimentos!...

— Ora essa! Você sempre foi ao "Caverna". Agora, que inauguram uma orchestra, não quer ir! Ora, deixe de moleza e vamos! Espere: quem é essa "garota" do endereço — accrescentou Raul, emquanto lia no envelope:

"Miss Beny McBride".

— Ninguem — fez Gabriel, com um gesto impaciente. — Deixe de ser curioso!

E os dois amigos deixaram a pequena sala do escriptorio do primeiro, em demanda do "Bar e Restaurant Caverna".

* * *

— Dois *cocktails* sêccos — pediu Raul ao *garçon*.

E, dirigindo-se ao amigo:

— Eu não sei o que tem havido com você, ultimamente. Anda enfezado. Quasi não fala. Foge dos amigos. Está me parecendo que é a senhorita do endereço a culpada de tudo. Conte-me isso, Gabriel!

— Ora, não vale a pena!

— Vale, sim. Eu me interesso muito pelas historias de amor.

— Tolice! Onde já viu você duas historias de amor que não se assemelhassem? Pois a minha será parecida com alguma que você mesmo viveu, e mais ou menos igual á que a humanidade inteira vive. Comtudo, ha uma differença...

— Logo não é igual. Vamos, conte...

O segundo *cocktail* fôra servido e agora Gabriel parecia mais disposto a falar. Accendeu o cigarro e, voltando-se para o amigo:

— Você sabe bem sob que ponto de vista eu aprecio as mulheres. Muitas passaram pela minha vida e só mesmo por acaso é que lhes relembro a imagem. Nunca me apaixonei, nunca levei meu sentimento além de um méro interesse dos sentidos. Mas Beny é, sinão differente de todas as outras, pelo menos a mais differente de quantas já conheci.

"Ha trez semanas atraz fui ao baile offerecido ao embaixador francez, de regresso da Europa, onde estivéra de ferias.

"Quando cheguei ao recinto da festa, ainda se faziam os discursos protocolares. Atravessei o salão e fiquei na porta que leva ao bar, de frente para o auditorio silencioso e attento. As palavras do orador feriam-me os timpanos sem que lhes désse sentido. E fui correndo os olhos pelo amplo salão. Muitas senhoras decotadas, muitas casacas luzidias, e, dentre tudo isso, uma cabecinha loira e um par de olhos muito claros me prendiam a attenção. Quem seria ella?

"Durante toda aquella discurseira que levou horas, os nossos olhares se encontraram com frequencia. Cheguei mesmo a ensaiar um sorriso; mas ella manteve-se tão séria, que eu me senti corar de decepção. E, no entretanto, continuava olhando-me com tanta insistencia...

(*Continúa na pagina 13*)

CONSERVE SUA CUTIS Jovem e Formosa

ELIZABETH ALLEN

Uma cutis immaculada constitue a base de toda belleza. As obrigações sociaes, as enfermidades, os affazeres domesticos, o trabalho e as multiplas actividades a que está sujeita a mulher moderna causam damno á sua delicada tez. Si V. S. quizer conservar sua cutis em perfeitas condições de saude e belleza, adquira cêra pura mercolized e applique-a ao seu rosto e collo e tambem ás suas mãos se deseja tel-as macias e sem rugas. Cêra mercolized faz desprender imperceptivelmente a cutis gasta com todos os seus defeitos, offerecendo á vista uma cutis formosa. **Melhor que "rouge".** Um pouco de côr confere sempre vida e encanto ao rosto. Experimente o resultado que se obtem applicando ás suas faces uma pequena porção de carminol em pó, o que lhes dará um delicado tom rosado, mui attrahente e natural. Carminol adhere ás suas faces de uma maneira que não se tornam necessarios continuos retoques. **Pello superfluo.** O methodo mais simples e efficaz para fazer desapparecer a penugem ou pello superfluo do rosto, collo braços e pernas, consiste no emprego de porlac em pó. Sua acção é immediata, não irrita e o seu uso resulta agradavel. A cutis fica limpida e lisa. **O attractivo dos cabellos** póde obter-se fazendo a lavagem da cabeça com stallax, shampoo deliciosamente perfumado o que produzirá a ondulação, brilho e suavidade dos cabellos. **Os cravos afeiam o rosto.** Dissolvendo uma tablette de stymol rosado em uma chicara de agua quente, dará uma efficacissima solução para instantanea extirpação dos cravos. Estas substancias embellezadoras se obtem em toda pharmacia, drogaria e perfumaria ou onde se vende artigos de toucador.

PALADINO - (A Fernando Xavier) - De Horacio Mendes

Receberei calado, quedo, mudo,
As palavras de fél de quem não pensa,
Para enfrentar o riso, a mofa, tudo,
Bastam-me as armas duma forte crença.

Talhei soffrendo o meu soberbo escudo
No bronze singular da indifferença.
Minha força há de ser o verbo, o estudo:
Pois não há força que essa força vença.

Incansavel serei nesta cruzada,
De alma serena, limpa, alcandorada,
Arrostando a sorrir qualquer desgraça.

O poviléo ulula, grita, berra.
Mas, ao me ver, aos poucos vae por terra.
Calam-se os cães e o Paladino passa...

DISCIPLINA BANDEIRANTE

O espirito de disciplina dos paulistas revela-se em qualquer das suas formas de actividade. [illegible]

O pavilhão de São Paulo, na Feira de Amostras, por exemplo, é vizitado diariamente por mais de [illegible] pessoas. No emtanto, não se registrou ali, até o mais ligeiro incidente.

"As palmas ecoaram applaudindo o orador. E o homem, com uma cara de "bull-dog" depois de longa corrida, curvava-se em reverencias agradecidas. Então, o *jazz* rompeu o primeiro numero. A carecinha loira e o par de olhos muito claros ainda sobresahiam em meio de toda aquella gente.

"Pensei em convidál-a para dançar. Mas quem m'a apresentaria? E se ella recusasse por não conhecer-me? Todavia, seria melhor tentar. E tentei:

"— Senhorita, dar-me-ia o prazer?...

— Não — respondeu.

"Mas deu-me o braço. E dançámos todo aquelle numero sem que eu tivesse dito uma só palavra. Não sei como certas coisas acontecem, mas os poucos minutos em que dançámos foram bastantes para que eu me sentisse mais do que interessado por aquella mulher. E um desejo irresistivel punha-me nervoso, atrapalhando-me os movimentos, descontrolando-me as atitudes.

Quando o *jazz* emittiu a ultima nota da valsa, tentei um pouco mais:

"— Dar-me-ia o prazer de offerecer-lhe qualquer coisa? Deve ter sêde. A valsa foi longa e eu sou tão máo dançarino...

"— Obrigada; tenha a bondade de conduzir-me.

"Sentámo-nos na ultima mesa do bar junto á janella aberta. Lá fóra, os reclames luminosos faziam de grandes vagalumes multicores e o reflexo de uma lampada da rua punha-lhe uns tons de ouro velho na cabelleira ondulada. Como ella estava linda naquelle momento!

"— Se me permittisse, gostaria de saber seu nome.

"E adeantei-lhe o meu.

"— Meu nome? Qualquer um que queira usar. Um nome significa tão pouco. Chame-me Beny, por exemplo. Beny McBryde, se quizer um nome completo. Eu não gosto dos nomes proprios. E para provar vou chamal-o somente "Gab". (E dizia Geb com o accento peculiar á sua origem.)

"— Ingleza? — perguntei?

"— Sim.

"Accrescentou:

"Não me disse ainda por que me olhou tanto durante os discursos?

"— Não acha que eu teria o direito de fazer-lhe a mesma pergunta? Comtudo, olhava-a por duas razões. Primeiro, curiosidade: nunca a vi aqui antes. Segundo, attracção: os seus olhos são tão encantadores...

"— Admitto a curiosidade, mas devolvo o elogio. Meus olhos são iguaes a muitos outros.

"— Porem mais attrahentes que quaesquer outros.

Beny, a mulher estranha

(Continuação)

"— Permitte que eu a convide para este "blue"?

"— De certo, sr. "Casanova" — fez ella, sarcástica.

"Agora o *jazz* tocava um "blue" preguiçoso e lascivo como um gato. Eu sentia no ouvido a sua respiração ligeiramente offegante, e o perfume de seus cabellos penetrava-me as narinas, deliciosamente.

"Voltámos ao bar, depois do numero. Pedi mais dois *cocktails* e accendi-lhe o cigarro, que ella tragou com sofrêguidão.

"— Você já observou, Gab, (como me era agradável ouvil-a chamar-me assim) como no Brasil a humanidade prima pela malicia? Eu seria capaz de apostar que o meu cigarro está sendo motivo de commentario e a minha permanencia tão demorada aqui, muito mais.

"Toquei-lhe a mão sobre a mesa.

"— Mas eu imploro que fique. Que importam os commentarios? Se você deve satisfacções a alguem...

"— Nada! Fico, porque gosto de sua companhia.

"— Obrigado, Beny.

"Apertei-lhe novamente a mão sobre a mesa, significativamente.

"— Deixe a minha mão, Gab: Não seja vulgar! Que mania que vocês homens têm de só achar encanto na companhia de uma mulher sentindo-lhe as mãos, senão beijando-a!

"Só nos levantámos daquella mesa do bar quando a orchestra tocou o ultimo numero. Durante horas a fio conversámos. E sempre que eu lhe fazia referencia aos encantos pessoaes, ouvia uma phrase ironica que me desconcertava. E cada vez menos eu comprehendia aquella mulher mysteriosa e differente em todas as suas atitudes.

"— Gab, você poderia acompanhar-me até em casa?

"— Certamente, — respondi-lhe com a satisfação de quem recebe uma coisa que esteve a pique de ser pedida e que não o fôra pela quasi certeza de ser negada.

"— Veio só?" — indaguei.

"— Não falei na minha companhia. Falei? Um homem não devia ser curioso. Acompanha-me ou não?

"— Claro que sim.

"Lá fóra, uma garôa fina, muito gelada, gileteou-nos as faces. Dei o endereço ao *chauffeur* do taxi e sentou-se ao meu lado aconchegando ao collo a pelle cara do abrigo.

"— Que noite encantadora tive hoje! A opportunidade de conhecêl-a, a impressão de têl-a conhecido sempre, tudo isto parece um sonho que quizéra proseguisse sempre. Beny, posso pedir-lhe uma coisa?

"— Diga.

"— Dê-me uma opportunidade de vêl-a novamente. Eu gostaria de falar-lhe ainda. Anote o meu telephone e chama-me um dia qualquer.

"Olhámo-nos em silencio. E tomei-a nos braços e beijei-lhe a bôcca avidamente.

"Ella se desvencilhou dos meus braços com um movimento rapido e energico. E, fitando-me firme:

"— Lamento sua atitude. Pensei que fosse cavalheiro...

"Murmurei um "perdão" desageitado. Fizemos o resto da viagem em silencio. Quando o taxi parou em frente a sua casa, quiz descer para acompanhál-a ao portão.

"— Póde continuar — atalhou sêccamente. *Good night.*

"E desappareceu atráz da trepadeira que floria a grade do jardim sem deixar-me tempo de apertar-lhe a mão".

— E voltou a vêl-a? — indagou Raul, interessado.

Gabriel continuou sem responder á pergunta.

— Eu comprehendi que fôra precipitado. Os dias que se seguiram foram de um verdadeiro martyrio para mim. Roia-me uma vontade doida de tornar a ver Beny; mas como, depois daquelle "pensei que fosse cavalheiro"? E tentei esquecêl-a. Comtudo, a sua lembrança perseguia-me sempre, e eu não podia afastar da retina

(Continúa na pagina 22)

Não se amofine!

Quem vive nos grandes centros e, mesmo, nos pequenos, está sujeito, a cada instante, a se amofinar. Isto acontece, sobretudo, ás pessôas de nervos delicados, que ora recebem um esbarrão, ora passam ao lado de um individuo mal educado, que ronca um escarro e o projecta ao chão, ora se assustam com o fonfonar de um automovel. Tais pessôas, em certos periodos do ano, sofrem de perdas de fosfatos, de insonia e se amofinam por qualquer motivo.

Um meio de combater tais estados é viver ao ar livre, longe, quanto possivel, dos "mal educados" acima referidos, alimentando-se convenientemente e fazendo uso de um medicamento fosforado de ação intensiva sobre o metabolismo. Dos medicamentos mais aconselhados pelos senhores clinicos destaca-se o Tonofosfan, da Casa Bayer, que vem sendo largamente empregado em adultos e em crianças com os melhores resultados. Eis aí um conselho util aos que facilmente se amofinam, por ter os nervos delicados.

AS MÃOS DO OPERADOR

De Olive Barrett

O brusco e imperativo toque do telephone interrompeu os pensamentos que davam um sabor amargo á bocca e um olhar sombrio aos penetrantes e profundos olhos de Jules Winton.

Poude ouvir os leves passos de Burrow sobre o tapete do hall, como ultimo repique da campainha, no momento de segurar o phone, e seus pensamentos regressaram das tortuosas estradas pelas quaes caminhára.

Por que voltára essa idéa a assaltál-o o passado, de modo tão vivo e tão intenso?

O vento do outomno, varrendo as folhas seccas, rodava na rua, quando de repente lhe pareceu que tornava a vêr, através de uma nuvem de pó, a diminuta figura de Cecilia, dirigindo-se apressada para casa.

Cecilia, tal qual como era, no primeiro outomno que seguira ao seu casamento com elle. Tornava a ouvir o vivo e irregular bater de seus perigosos e absurdos tacões sobre o pavimento.

Uma quantidade de embrulhos na mão, seu fiel cãosinho "Wong" a seguil-a á distancia, fazendo lembrar um crysanthemo amarello, separado de sua haste que, empurrado pelo vento, corria confundido com as folhas seccas.

A' turva luz da lampada, á frente da entrada da casa, Winton via de novo os pallidos cabellos brilharem debaixo do chapéo, emquanto ella o olhava através das vidraças.

Mas seu rosto? Era sempre assim que a lembrança o atormentava... Não podia nunca recordar seu semblante. Seu gesto de virar a cabeça, o suave sorriso que se desenhava em seus labios e o costume que tinha de abrir os olhos, até ficarem duas vezes maiores do que eram na realidade.

Todos esses fragmentos passavam por sua cabeça; mas nunca mais poude representar toda a physionomia de seu amor perdido.

As folhas sêccas se agrupavam em torvelli-

(Cont. na pag. seguinte)

nho na calçada e a rua estava deserta. Tão deserta como naquella tarde em que Cecilia o deixára e como o estivéra e como o estivéra todos os outomnos que se seguiram.

Winton olhava suas mãos descansando sobre o peitoril da janella e via seu semblante de traços energicos e irregulares reflectir como uma sombra sobre a vidraça. Mas, a verdadeira interpretação de sua personalidade eram suas mãos. Pareciam ter vida por si sós. Prendiam a attenção, por qualquer coisa que nellas suggeria firmeza, habilidade e força. Eram as mãos de um dos mais brilhantes cirurgiões de Londres.

Mãos de cirurgião — tão impessoaes em seu contacto com a vida como seu dono. Tambem ellas tinham o seu segredo. Faziam-no recordar centenas de momentos e emoções passadas. A maneira que tinha Cecilia de apoiar nellas sua macia face, como uma gatinha; a sêda de seu cabello deslisando entre seus longos dedos... E julgava sentil-as tremer só ao pensamento.

Outras recordações acudiam em tropel, favorecidas pela escuridão outomnal. Por que seria que era sempre outomno quando dobrava uma pagina de sua vida?

Agora, parecia-lhe que apertava de novo, entre suas mãos, a terrivel carta que encontrára áquella noite sobre sua mesa:

"Parto com Jack Doran. Perdôa-me... Não merecias isto, mas não posso evital-o... Esquece-me, querido Clive, porque não valho o sacrificio de uma recordação..."

As mãos do operador

(Continuação)

Jack Doran!... Um ladrão!... Um aventureiro!... Porém Cecilia não o vira tal qual era. Qual seria o feitiço que a attrahia para aquelle homem?

Seus punhos permaneciam firmemente apertados, emquanto se lembrava da maneira como ella morrêra só e abandonada em um hospital de Napoles...

E quando a campainha do telephone soou trazendo-o de novo á realidade do presente, suas apaixonadas mãos suffocavam a vida de Jack Doran.

Ouviu os leves passos de seu creado Burrow atravessar o *hall* e dizer-lhe:

— Desejam falar-lhe do hospital...

Os fantasmas, os sonhos e as velhas paixões se dissipam como por encanto. Eram outra vez as firmes mãos do cirurgião que tomavam o receptor.

— Prompto!... Sim...

Sua voz era clara e segura.

Sou eu... Será melhor que vá e que o veja eu mesmo... Parece-me necessario uma operação immediata.

* * *

Em menos de meia hora o dr. Winton chegou ao hospital, para ouvir os detalhes do caso que Ricardo Carter, o medico do estabelecimento, considerava tão sério para chamal-o com urgencia.

Tratava-se de um accidente de rua. Um homem apressado, que, resvalando no asphalto humido, ficára debaixo das rodas de um auto...

— Esses loucos, só servem para encher os hospitaes! — resmungou Winton.

Quando o cirurgião entrou na sala onde estava o ferido, uma dezena de olhos curiosos acompanharam sua marcha através da dupla fila de camas brancas.

— Ainda não recobrou os sentidos — disse a enfermeira.

Com effeito, inconsciente, com a cabeça enfaixada e mortalmente pallido, porém ainda reconhecivel, jazia ali Jack Doran. O homem que Clive Winton desejara matar estava deante delle, quasi sem respirar, á mercê de suas mãos, e sua débil esperança de vida.

A emoção produzida pelo inesperado encontro deixou Winton por um momento petrificado. De repente, seu antigo odio tornou a se apoderar delle e o fez dar um passo ameaçador, em direcção á cama; porém quasi em seguida voltou á normalidade. Sentiu os olhos de Carter fixos nelle, a voz fria da enfermeira pedindo uma informação... e compenetrou-se outra vez da realidade.

De maneira mechanica, procedeu ao exame do caso e fez um esforço para poder tocar o corpo immovel e examinar seus ferimentos com sua voz tranquilla e natural.

— Vae operal-o? — perguntou Carter.

— Operar?... Era evidentemente a unica esperança de salvar o individuo. Estavam todos esperando seu veredicto. Podia elle dizer: "Este é o homem que roubou minha mulher... Se o opero, matal-o-ei!..."

As mãos do operador

(Conclusão)

— Preparem-n'o para uma intervenção immediata — exclamou.

Quando entrou na sala de operação, estava certo do que ia, afinal, matar Jack Doran.

Ia-o, porém, fazer com tanta habilidade, que o homem teria tempo de voltar a si, para soffrer.

Sentia que o odio lhe fervia na cabeça.

Olhou suas mãos. Tremiam dentro das luvas de borracha.

Tomou os instrumentos e de repente quando seus dedos iam operar, lhe occorreu uma coisa estranha. Seu cerebro se esclareceu e toda a emoção desappareceu. Já não odiava Jack Doran... Já não tinha nenhuma relação com o corpo inanimado, que estava a sua frente. Seus habeis dedos trabalhavam com serena segurança. Suas mãos eram só as de um cirurgião, compenetradas em seu intrinseco trabalho; o remendo de um corpo quebrado.

Quando terminou, tinha a sensação do triumpho. O caso apresentara um interesse extraordinario e estava convencido de ter realizado um brilhante trabalho de cirurgia. Duvidava que outro medico fizesse o mesmo.

Agora estava cansado de corpo e alma, e, ao chegar em casa, dormia como uma creança.

* * *

— Voltou a si esplendidamente! — disseram-lhe, na manhã seguinte. Comtudo, ainda não sabe o que aconteceu nem que foi operado. Neste momento dorme..

Clive Winton olhou o homem que operara salvando-lhe a vida. E, emquanto o observava, Jack Doran começou a se mexer e abriu os olhos.

Um intenso olhar de surpresa se desenhou nelle, quando se pousaram no medico.

— O cirurgião — explicou a enfermeira.

Mas os olhos do enfermo estavam fixos nas mãos de Winton.

— Cirurgião? — repetiu, tentando se recordar.

Depois deu um grito terrivel.

— Não, não!... — Não o deixem se aproximar! — gritou. Meu Deus!... Salvem-me!... Elle vae me matar!...

Agarrou-se com força á beira do leito, querendo se levantar, porém, de repente, com um gemido de dor, cahiu sobre o travesseiro.

— Morreu? — perguntou a enfermeira.

— Falhou o coração — foi a resposta de Winton.

A terrivel ironia do destino só era conhecida por elle. A ironia do homem que morreu de medo das mãos que lhe salvaram a vida.

visão daquella cabelleira loira e farta, de perfume tão esquisito. E daquelle beijo roubado, de toda ella emfim. Assim, foi uma surpresa quando uma semana após o telephone me chamou no escriptorio, momentos antes de minha sahida para o almoço.

"— *Is that you Gab?*

"— Yes...

"— Convido-o para almoçar commigo hoje. Aqui na cidade. Venha encontrar-me na Rua 15. Sim, agora. Fico esperando.

"Fiquei tão alegre como uma criança que recebe na escola o premio de melhor comportamento. E, emquanto me dirigia ao seu encontro, ia pensando nas maneiras indecifraveis de Beny.

"— Grato pela attenção. Aonde prefere ir?

"Citou um nome de restaurant ao acaso; e tomamos um *taxi* na esquina.

"— Sabe porque resolvi provocar este encontro? — dizia-me ella, já no *taxi*. Fiquei pensando que você se tivesse magoado com a minha phrase daquella noite. Comquanto você tivesse sido culpado, eu não gosto que me guardem rancor. Esqueçamos o incidente. Concorda?

"E estendeu-me a mão enluvada, que eu apertei.

Beny, a mulher estranha

(Continuação)

"Almoçámos neste mesmo restaurante e começámos como hoje por dois *cocktails* sêccos.

"— Sabe que é a ultima vez que nos vemos? — disse ella.

"— Não. Por que?

"— Viajo para a Inglaterra na outra semana. Não me peça para vêr-me antes de partir, porque não posso.

"— Comprehendo...

"— Não seja tolo, Gab! Você está pensando que faço isto porque existe alguem mais na minha vida. Eu sou livre. Absolutamente livre. Mas a nossa amizade tem que ficar onde está. E não me peça explicações.

"— Por que você é tão mysteriosa? Desde aquella noite da embaixada fugiu de mim. Quando eu menos esperava, revêl-a faz-me uma surpreza como esta, e agora já ameaça não voltar a vêr-me. Você é bem mulher, Beny!

"— E você bem homem! Ficou louco de alegria com o meu convite de hoje. Quer negar?

"— Não nego, todavia...

"— Eu sou sem coração porque não lhe prometto outro encontro: não é isto que quer dizer?

"— Exactamente. Se você sentisse, iriamos a um logar tranquillo, sem musica, sem rumor, onde houvesse muita solidão e somente você...

"— Vae fazer uma declaração de amor?

"— Que mania de criticar tudo! Estou ficando até com medo de lar!

"— Mas não critico; apenas fujo á vulgaridade. Basta que sejamos vulgar um dia.

"— Quando?

"— Quando nos casamos.

"— Quer dizer com isto...

"— Que já me casei uma vez. E você?

"— Tambem.

"— Tolo!

"— Todos nós homens o somos ao menos uma vez.

"— Em cada semana — concluiu ella rindo.

"A surpresa que a revelação de Beny me trouxe fôra sem limites. Eu ia para dizer-lhe que era casado e não achava meio de fazêl-o quando ella propria eliminou a difficuldade. Agora, as minhas esperanças a seu respeito tomaram novo vulto. E, sem que eu lhe perguntasse, me foi contando a sua historia. Casára-se na Argentina. Fôra feliz, porem. Semanas após o companheiro já passava as noites nos *cabarets*, esquecendo em casa os encantos extraordinarios daquella creatura. E dois mezes depois separaram de casa, quando já muito se haviam separado de facto. Obtido o divorcio, viéra para o Brasil e nunca mais ouvira falar delle.

"Falava devagar, sem mostrar resentimento. Depois, sacudiu a cabeça, num gesto de desdem, olhando-me:

"— Não acha, Gab, que é mesmo uma tolice casar? Nos primeiros dias eu senti impetos de ir matál-o. Não por uma questão de amor, mas pela desconsideração que me fazia. Nem sei por que estou relembrando tudo isto.

O papagaio. — Ou vocês me apanham uns biscoutos, ah! na gaveta, ou eu grito: "Péga, ladrão!"

cê é a primeira pessôa que houve na minha historia. Mas, deve esquecel-a depois, ouviu?

"— Lamento, Beny, mas não comprehendo por que elle a desprezava. Você é tão...

"— Encantadora, já sei! Muitos fazem assim, sem que se saiba nunca porque o fazem. No entretanto, eu lhe asseguro que na maioria das vezes é o casamento que elimina o amor. Sua mulher de certo é linda. Amava-o. E, um dia, sem que ella comprehendesse bem a razão, você preferiu outra.

"— Nem tanto. Além de não ter preferido outra, a nossa separação foi uma consequencia da nossa desigualdade de genios. Divergiamos de opinião a todo o instante e em qualquer terreno. Foi tudo. O mais interessante, porém, é a affinidade que existe em nossas vidas. Parece que passamos as mesmas decepções. Tinhamos de nos encontrar um dia porque as nossas existencias se completam. Peço-lhe uma ultima vez que me deixe vêl-a ainda. Não aqui, porém. Nem em qualquer logar publico. Mas em qualquer outra parte onde estejamos a sós. Eu queria ouvir um pouco mais de você.

"— Não, Gab... perdôe, mas é impossivel.

"Não houve supplica que demovesse sua opinião. Negou-me qualquer outro encontro, e, quando nos separámos á porta do restaurante, porque ella teimou em não ser acompanhada, apertou-me a mão calorosamente e falou-me num tom de voz nervoso, que ainda não percebêra nella, olhando-me nos olhos, as narinas arfantes:

"— Você foi a creatura melhor que eu já encontrei na vida. Gostei tanto de você... Peço-lhe uma coisa: esqueça-me, sim? Adeus...

"E afastou-se a passos rapidos. Não tive animo de dizer-lhe qualquer coisa. Sentia a voz embargada e um desespero medonho por não poder evitar aquella separação assim abrupta. Nunca vi creatura tão enygmatica como aquella!"

— Mas, e esta carta que você lhe escreveu? indagou Raul.

— Você não imagina o que aconteceu! Beny disse-me que viajaria

Beny, a mulher estranha

(Conclusão)

dentro de uma semana e eu já me habituára a pensar naquillo como uma coisa irremediavel, quando hoje pela manhã ella me chamou ao telephone.

— E então?

— Convidando-me para acompanhal-a a Porto Prada. Não me disse o que ia fazer. Somente me preveniu que ia sozinha pela estrada da Serra na sua pequena barata Chrysler. Queria ter minha companhia. São trez horas de volante e ella poderia cançar. Voltariamos segunda-feira pela manhã. Falou-me ás pressas como quem precisa resolver logo um assumpto.

— Venha, commigo, Gab; eu faço questão! — pedia-me ella.

Disse que sim. Combinámos o local do encontro para a sahida amanhã.

— Até que emfim ella terminou por dar a opportunidade que você tanto desejava, heim? Vae ser um domingo inesquecivel o de amanhã, não?

— Não, porque eu não vou.

— Não comprehendo — fez Raul, atonito.

— Nem eu proprio me comprehendo. Esta carta que você viu é uma desculpa por não poder acompanhal-a sob um pretexto qualquer. E, no entretanto, eu sonhei tanto com um passeio assim! Em que estivessemos sós. Eu havia de fazêl-a render-se ao meu amor.

— Mas você não tem a opportunidade, creatura? Por que foge?

— Não sei, Raul; eu tenho medo dessa mulher.

* * *

Segunda-feira, á tarde, Raul irrompeu pelo escriptorio do amigo com uma edição de "A Tarde" dobrada ao meio. E, atirando-a sobre a mesa:

— Veja isto!

Um *cliché* mostrava os destroços de um automovel e logo a seguir uma noticia informava. "Horrivel desastre na estrada da Serra. Uma barata despenhou-se de mais de 50 metros, espatifando-se no fundo do precipicio. A motorista que a dirigia ficou irreconhecivel. Verificou-se sua identidade pela carta de "*chauffeuse*". Trata-se da senhorita Joan Gilman, de nacionalidade ingleza. Junto á licença encontrada em sua bolsa, havia uma regular importancia em dinheiro e uma carta dirigida a Miss Beny McBryde, cuja identidade ainda não se sabe. Presume-se ser accidente".

Quando ergueu os olhos daquella noticia, tão inesperada quanto triste, Raul indagou:

— Deve ser ella, não? Que estranha creatura! Teria sido accidente ou suicidio?

— Accidente ou suicidio... — repetiu Gabriel, como um éco.

— Então vaes viajar e não sabes para aonde partes?

— Até agora, não... minha mulher ainda está comprando as passagens...

Mez de agosto

AGOSTO, mez das lendas sombrias, das brumas, da tristeza infinita que paira sobre as cousas e que nos envolve numa suave e dolente nostalgia, é o mez em que a alma do crepusculo reina numa apotheose de encanto e de mysterio, projectando suas azas cambiantes nos espiritos insatisfeitos e sonhadores...

E as flôres de melancolia desabrochadas na alma sentimental de Luiz Carlos, que as converteu em versos, espargem o seu aroma calido e inebriante sobre a aridez desoladora de meu mundo interior:

Mez de Agosto. Que tristeza!
O sol de uma luz tão presa
Nasce já como sol posto.
"Bruma... vento... ansia de um
[grito.
Suffocação do Infinito.
Minha vida é um mez de Agosto!

E neste mez, e no dia de hoje mais um anno se escôa na ampulheta triste do meu destino; um anno de esperanças frustradas, de sonhos desfeitos, de anhelos de felicidade que se dissiparam, de ansias e de inquietudes na conquista da ventura que se diluiu no véo negro da desillusão...

E aos "desejos de felicidade" e de "parabens" ecôam na minha imaginação os divinos versos do poeta:

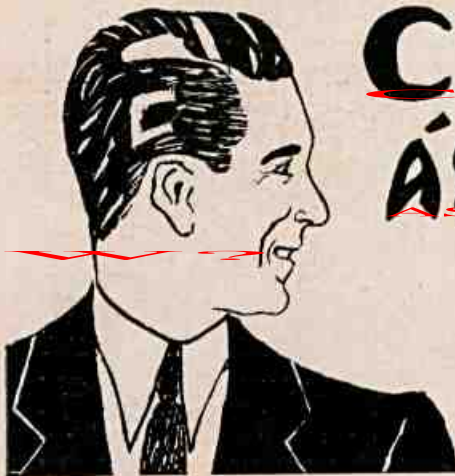
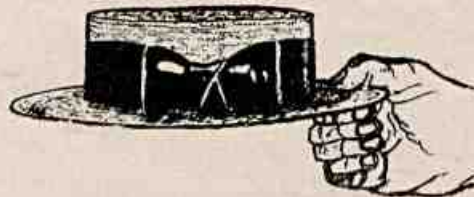
"Triste banalidade" — "Fazer
[annos!"
Ficar mais velho e ouvir — "Meus
[parabens".
Contando o dia pelos desenganos
Entregue á sorte feita de vae-
[vens.

Vou — Mazepa — em corcel de
[horriveis dam...
E nasci para andar em palafre...
Minha vida de males deshumanos
Faz dos menores os maiores bens.

Mas si esta é a lei — "Meus pa-
[rabens". Que importa?
E' que mais perto estou da ul-
[tima porta:
Onde, quer que se entre o infer...
[quer o céu...

Acendam velas, para que a alma
[enxergue
E vá depressa... e sobre o corpo
[se ergue,
Si a terra pesa pouco, um mau-
[soléu.

E eu penso na vida com seus desenganos e seus pesares e depois... a morte implacavel e mysteriosa envolta nas trevas que se esfumam no marmore branco e frio dum sepulchro...

MARUCHA

O IMPOSTO TERRITORIAL EM SÃO PAULO

A cobrança do imposto territorial está sendo feita em São Paulo por uma forma inteiramente nova: Aos contribuintes é facultado acompanharem os trabalhos das commissões, na parte que lhes diz respeito, verificando, assim, de "vizu" a exactidão ou os possiveis enganos dos exactores fiscaes.

DEPOIS DO BANHO O BEBÊ DORME PLACIDAMENTE

É TÃO travesso que não pára limpo! Tambem não se deve esperar que o bebê comprehenda a hygiene como nós... Por isso, antes de colocal-o no berço, a mamãe lava-o cuidadosamente em agua tepida e com o sabonete EUCALOL, á base de eucalypto. O sabonete EUCALOL, purissimo e deliciosamente perfumado, torna o banho do bebê uma delicia!

CAIXA
4$000
NO RIO

Á BASE DE EUCALYPTO

COM A FITA VERMELHA DE GARANTIA

STANDARD P. C.

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 37

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1934

ORAÇÃO CIVICA

(Palavras á juventude feminina da Escola Secundaria Téchnica Bento Ribeiro)

JOVENS PATRICIAS: O Brasil é Nação independente ha 112 annos. Depois do grito historico do Ypiranga, elle se libertou da escravidão politica de seus conquistadores. E, emancipado, viveu sempre altivo e nobre na sua liberdade. Respeitando os outros paizes, mas fazendo-se, tambem, por elles respeitado. Dahi o prestigio internacional que sempre desfructou nessa existencia centenaria de terra livre.

A historia patria enaltece, com factos empolgantes, a vida gloriosa deste grande paiz que nunca foi vencido pelas ambições envolventes de outros povos. E eleva, bem alto, luminosamente, o nome do Brasil.

Minhas jovens patricias: vós sois a alma e o sangue do Brasil! Todo paiz vive da vibração estuante da sua juventude. Pertence á mocidade o papel de animar os enthusiasmos civicos que devem sacudir a sensibilidade de um povo. Sobretudo a mocidade feminina tem esse dever perante os destinos da Patria. A mulher sabe comprehender melhor o sentido moral desse nome de seis letras, que resume, com o Amor, todas as grandezas da vida. Patria e Amor... Uma não póde existir sem o outro. Porque as suas affinidades se completam. Porque se completam os seus anseios. E porque, numa e noutro, ha o imponderavel do sentimento, a inquietação do desejo e a serenidade da virtude. A Patria suggere a gloria de ser bom". O Amor preconiza o sonho de ser puro. Patria e Amor.... Gloria e sonho, belleza e fascinação do mundo.

No coração da juventude está o coração da Patria. No coração da Patria está o coração da mulher, cuja ternura amacia as arestas da vida e avelluda as asperezas do destino. A vossa alegria primaveril desperta o patriotismo do homem que não perdeu ainda o amor da Patria e sente a irresistivel obrigação de engrandecer cada vez mais a terra onde nasceu. Traduzi bem o vosso dever, jovens brasileiras, que ensinaes, aprendendo, a risonha philosophia do optimismo! E cumpri-o com a mesma exaltação que illumina as vossas esperanças, os vossos sonhos, a vossa graça adolescente... Sem essas esperanças, sem esses sonhos, sem essa graça, a Patria teria menos encanto, porque seria mais tristemente vazia. E vós a encheis da alegria sã e do são idealismo da vossa mocidade cheia de fé, cheia de gloria, cheia de sympathia humana.

"A Patria não é ninguem — escreveu Ruy, o apostolo civico da nossa raça: — são todos. E cada qual tem, no seio della, o mesmo direito á idéa, á palavra, á associação. A Patria não é um systema, nem uma seita, nem um monopolio, nem uma fórma de governo: é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos filhos e o tumulo dos antepassados, a communhão da lei, da lingua e da liberdade. Os que a servem são os que não a invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emmudecem, os que não se acovardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o enthusiasmo. Porque todos os sentimentos grandes são benignos, e residem originariamente no amor".

A nossa Patria é o Brasil, com o seu povo forte, com a sua gloria rutilante, com o seu passado luminoso, com a sua terra moça, com a sua natureza esplendente. E com essa fascinação tropical que deslumbra o espirito desprevenido de quem o visita para sentir um pouco de curiosidade e emoção. E com as seducções melhores da sua sensibilidade, da sua intelligencia, do seu patrimonio intellectual, do caracter de seus filhos que sabem honrar e dignificar o nome desta terra de tantas tradições e de tão altas possibilidades. Desta terra que ha de ser sempre grande e generosa como o coração grande e generoso da mulher brasileira..

MARTINS CAPISTRANO

NÃO é preciso procurar uma palavra bonita, para louver setembro.

Basta dizer: é o mez da Primavera.

E quem não concebe o que seja o mez da Primavera?

Um turbilhão de flores. Perfumes. Passaros e rosas desabotoadas. Os jardins numa festa colorida. Uma polychromia estonteante. Céu azul, limpo, cheio de sol...

Mas, aqui detenho a penna para meditar um momento...

Céu azul? Limpo? Cheio de sol? Não será exagero?

Pelo menos, esse não é o céu que vemos aberto sobre a cidade linda. O céu destes ultimos dias tem sido feio, triste, enfarruscado, como uma carranca má, de quem não está contente com a vida nem com os homens.

O céu desta Primavera — até agora — tem sido um céu de tedio, de spleen. Palavra que, por ser ingleza, impressiona ainda mais as sensibilidades delicadas e os temperamentos emotivos.

Tedio ou spleen, o que estes ultimos dias me causam é melancolia. E' muito nacional...

Melancolia carioca. Legitima. Uma vontade estranha, esquisita de chorar, misturada com um furioso desejo de dar pancada em certas pessôas antipathicas.

Ahi está por que, até agora, ainda não achei um modo de tecer elogios a setembro.

Cheguei, mesmo, a riscar, no começo desta chroniqueta, o bello verso de Robert de Montesquiou, exaltando a Primavera:

"Vous êtes un Printemps de
[Botticelli], neuf..."

NUMA roda, onde ha representantes dos dois sexos, jovens e cavalheiros maduros, cidadãos grisalhos, senhoras de "idade avançada", almofadas e melindrosas — typo seculo XX — nessa roda alguem pergunta, com certo ar ingenuo:

— Póde-se amar sem ter ciume?

Todos dizem o que pensam. E cada cabeça é um conceito, uma opinião, uma idéa diversa.

Quem lançou a pergunta foi uma dama adiposa, o rosto empastado de crême, horrivelmente pintada.

— E o sr? Que diz, sr. Yves?

Tive vontade de dizer: "Uma senhora da sua estirpe póde ser amada, sem ciume. E' dessas que podem ficar na rua, toda vida..."

Mas, o momento era de cortezia.

Respondi, com gravidade:

— Não ha amôr sem ciume. O amôr integral é uma trilogia: Amôr, Desejo e Ciume. Quando lhe falta um desses elementos, é claro que o amôr não se apresenta completo.

Fiz uma pausa. E como ninguem falasse, prosegui:

— Mas, vejo que o ciume, no amôr, não resolve o problema da felicidade.

E resumi o soneto de Maurice Vaucaire, numa prosa sem arte, — sómente para exemplo:

— Diz o poeta francez: "A minha amante de hontem é a tua de hoje. Nós dois desempenhamos igual papel. Eu, por mim, duvido do coração della. Tu, por ora, acreditas no que ella te diz. Tu tens ciumes de mim, por que eu a amei, e ella foi bem minha... Mas tempo virá em que a abandonarás como eu a desprezei. Qual de nós dois terá razão, amigo? Si tu ainda não soffreste, é necessario pagar a tua divida. Tu revelarás as tuas maguas e, depois, te farás poeta. E eu tenho chorado tanto por ella!... E sei que ella chora tambem...

"Póde ser que ella te ame... E, nesse caso, deves ser infiel...

"E, mais tarde, rindo, os dois, poderemos comparar os nossos sonetos, traçados segundo este bello modelo..."

Ninguem falou mais sobre o assumpto.

* * *

UM communista militante, desses que não perdem vasa para fazer propaganda das suas idéas extremistas, encontrou, certa vez, um dos nossos jécas, e entrou a cathechizá-lo.

Citou os grandes *leaders* do regimen dominante na Russia: Lenine, Trotsky, Stalin... Ennumerou os autores famosos: Carl Marx, Engels, Henri Barbusse, Gorki e tantos outros que enchem o mundo com a sua grandeza luminosa.

Mas o jéca queria uma exposição menos erudita.

— Resuma isso, *seu* moço. Fale de modo que eu entenda...

O communista explicou:

— Ser communista?... Por exemplo. Aquelle predio bonito, não será meu, nem dos outros: será nosso.

O jéca coçou a barbicha:

— Hum! Tá bão.

O outro animou-se:

— Está vendo aquelle automovel?

— Vejo, *inhor* sim.

— Pois bem. Quando vier o communismo, será nosso.

— Que bôa coisa, *seu* moço. E que é mais?

— Gosta de gallinha?

— Muito.

— Pois no novo regimen, si o seu vizinho tiver uma gallinha ella será sua...

— Tá bão, moço. Que bom o communismo!

E depois de uma reflexão:

— E si a gallinha fô minha?

O extremista esclareceu:

— Ah, nesse caso, a sua gallinha tambem será nossa...

O matuto recuou alarmado, de olhos fóra das orbitas:

— Tá bésta, moço. A minha gallinha é minha e de minha muié...

O communista evaporou-se.

Y V E S

A MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

Robe d'après-midi en fleur de soie noire, garnie de mousseline apprêtée. Calotte de feutre bord de linon. Papillons de plumes multicolores à la robe et au chapeau. (Photo especial para FOX-FOX).

O MANTO de ARLEQUIM

Anthologia de poetas belgas

III

O desejo de subir, de ascender, de aperfeiçoar-se canta como uma alvorada no coração luminoso dos poetas. E' o que Philéas Lebesque faz sentir nestes versos:

Philéas Lebesque

J'ai gravi le sentier qui monte
[vers les cimes:
une eau fiére á mes pieds san-
[glote, écume et fuit,
pour se précipiter follement
[vers l'abime
Lá s'abreuve l'izard, lorsque
[la lune luit.
Saurais-je aussi monter, si je
[fais comme lui?
Saurais-je aller jusqu'á la nei-
[ge éblouissante
qui, pour la gloire de la Terre
[en fiévre, enfante
sous les baisers du ciel les lar-
[mes de la nuit?

.. ..

Ah! pouvoir conquérir la blan-
[cheur immortelle
et se répandre sur les autres
[en bonté!...

* * *

A exaltação do sonho é a grandeza da poesia. Não fôra essa exaltação e ella perderia aquella força com que penetra nos nossos corações e os confrange de pesar ou os enche de toques de clarim. Sente a necessidade dessa exaltação, E. Lambeau, no seu Nocturno:

Eudore Lambeau

Ne viens pas ce soir.
Laisse mon rêve s'exalter
et t'imaginer autre que les
[autres.
Garde le voile oú ta souple
[beauté
se précise á souhait pour mon
[ame d'artiste.
Souvent, la volupté m'attriste...
Et puis j'ai peur de ta nudité.

* * *

Exaltação e ascensão; o assalto das chimeras, a conquista dos sonhos, a perseguição dos mysterios, o desejo de saber, de palpar, de sentir. Tudo isto se condensa nesta quadra de Louis Wennekers:

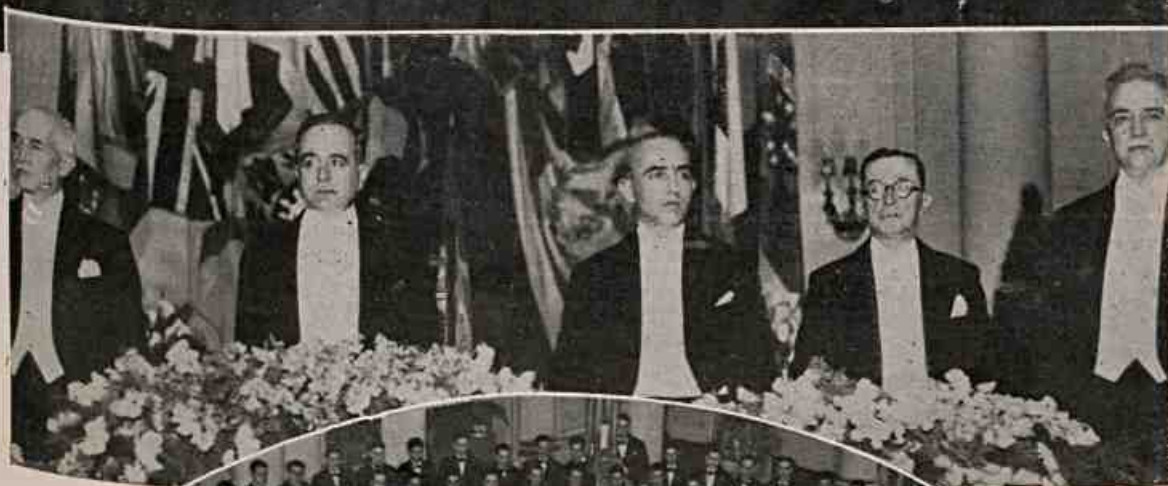
Mon corps est chancelant, mon
[ame extenuée
mais j'achève pourtant
ma course solitaire á l'assaut
[des nuées
douloureux, haletant.

E se conclúe pelo mesmo poeta:

Pourrai-je avant la nuit join-
[dre le val tranquille
que bornent les cyprés,
pour m'étendre á leur ombre
[en un songe immobile
comme si je mourais?

L. Wennekers

O desejo do repouso é o corollario do exaltado anseio de subir. Mas o repouso dos espiritos inquietos só se verifica no tumulo.

BEMTEVI

A Associação Commercial do Rio de Janeiro promoveu sabbado á noite, nos salões do Automovel Club do Brasil, uma imponente festa para commemorar o primeiro centenario de sua fundação. De inicio houve uma sessão solenne, em que o dr. Heitor Beltrão, secretario geral daquella instituição e nosso illustre confrade de imprensa, fez longa exposição sobre a vida da Associação. A seguir, realizou-se elegante baile offerecido á nossa alta sociedade pela directoria da A. C. O presidente da Republica e senhora Getulio Vargas compareceram á grande festa da Associação Commercial.

CENTENARIO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

PARA commemorar condignamente a data ... naria da fundação da Associação Commercial, sua illustre directoria promoveu, entre ... expressivas e eloquentes celebrações, uma sessão solemne, seguida de baile de gala, nos tradicionaes salões do Automovel Club do Brasil.

Essa festa de excepcional elegancia realizou-se, no ultimo sabbado, ... comparecimento das mais altas figuras do governo, da sociedade e ... plomacia.

O Automovel Club apresentou uma ornamentação rica e de afinado gosto. Muitos cravos, muitas rosas enguirlandaram os amplos e bellos ...

A' entrada, da sumptuosa séde via-se uma fonte luminosa de feerico ... As escadas lateraes estavam lindamente floridas.

Um caprichoso espirito de arte andou presidindo a ornamentação do ... cratico interior do antigo e majestoso Club dos Diarios.

* * *

A sessão solemne teve a presença do senhor presidente da Republica, ... altas autoridades e do mais fino elemento social.

O illustre presidente da Associação, doutor Raul Maia, que é um ... gentleman, mostrou-se incansavel, ao lado de seus dignos companheiros de ... rectoria, em proporcionar aos seus convidados uma festa á altura do ... acontecimento celebrado.

A data centenaria da Associação Commercial, marcando um seculo de ... balho e de progresso, envolve uma ephemeride nacional.

As commemorações desse dia revestiram o caracter de uma celebração ...

* * *

Compareceram á noite de gala do Automovel Club a senhora e senhor Getulio Vargas, a senhora Raul Maia, a senhora Heitor Beltrão, a ... F. P. Carneiro da Cunha, a senhora Nelson Pinto, a senhora Armindo ... a senhora Levy Carneiro, a senhora Braz de Pinho, a senhora Ribas ... etc.

EXPOSIÇÃO OSWALDO TEIXEIRA

NO Palace-Hotel, vem attrahindo uma sociedade elegante e culta a ... lissima exposição de pintura de Oswaldo Teixeira.

Todas as tardes, o salão do Palace se enche de uma multidão de admiradores do grande artista, o maior, sem duvida, da sua geração.

E' um acontecimento de dupla seducção artistica e mundana a ... de Oswaldo Teixeira.

* * *

Dentre as numerosas pessôas presentes, numa das ultimas tardes, ... o repórter os seguintes nomes: senhora C. da Veiga Lima, senhora ... Cartier, senhora Francesca Noziéres, senhora Miguel Oakim, senhora ... Ferraz Coutinho, senhora José Medeiros de Oliveira, senhora Mario ... doutora Ernesta von Weber, e senhoritas Léa Baroukel, Alice Bomfim, Celina Freire, etc.

"MARAVALHA"

EDUARDO TOURINHO, o poeta excellente de "Cantico Perdido" e dos "Melancolicos Poemas do Desejo e da Renuncia", acaba de publicar um volume de estudos e chronicas, subordinado ao titulo modesto de "Maravalha". A legenda de Frei Domingos Vieira explica a intenção do baptismo: ..."ramos miudos para accender lume, e cujo fogo pouco tempo dura".

Não. O novo livro de Eduardo Tourinho confirma, ao contrario, a bella reputação literaria do seu nome, ficando no movimento das letras modernas do Brasil de forma perduravel e suggestiva.

"Maravalha" reune ensaios sobre varios assumptos palpitantes, desde a poesia de Felix Pacheco, celebrada com grandes e justos louvores, ás impressões de um vôo continental; desde o perfil vermelho de Lenine á festa do Senhor do Bomfim, na Bahia.

RECEPÇÕES

Festejando a data do seu anniversario natalicio, o doutor Armindo Rangel recebeu, domingo ultimo, na sua vivenda da rua Constante Ramos, em Copacabana, as suas numerosas relações de amizade.

Foi uma encantadora recepção, presidida pela fidalguia da senhora Judith Armindo Rangel, que dividia com o seu illustre esposo, perfeito gentilhomem e festejado poeta, as alegrias do feliz genethliaco.

Muitas foram as demonstrações de sympathia tributadas ao fino casal pela elegante sociedade, que compareceu á recepção.

"GARDEN PARTY"

Realiza-se amanhã, na vizinha capital fluminense, uma festa de grande elegancia, para a qual deverá mobilizar-se toda a sociedade nictheroyense.

Trata-se de um *garden party*, promovido por nomes de illustres damas, em beneficio do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia.

A commissão, que patrocina a festa, é constituida pelos seguintes nomes: senhora Amicy Ary Parreiras, senhora Noemia Levy Carneiro, senhora America Madeira, senhora Marcéa Pardal, senhora Marqueza Canella, senhora Carlota Abreu, senhora Hilde Xavier, senhora Eponina Menezes, senhora Gilda Bekenn, senhora Laura Mattá, senhora Joannita Campos dos Santos, senhora Alice Neves Dias, senhora Maria das Mercês Calazans, senhora Beatriz Fernandes, senhora Maria Waddington, senhora Alice Mendes, senhora Arlinda Proença, senhora Dinorah Mello e senhora Judith Imbassary de Mello.

* * *

Foi organizado um caprichoso programma devendo tomar parte no mesmo a senhora Elisa Coelho de Andrade, o Bando da Lua, os Irmãos Tapajoz, etc.

O *garden party* se realizará no parque do Collegio Icarahy.

Haverá tambem um cocktail, servido pelas senhoritas Neuza Sodré, Esther Abreu, Conceição Menezes, Nini Bastos França, Margarida Hillefeld, Yedda Madeira, Graziella Paz de Campos, Margarida Salaverre, Yolanda Peixoto, Lacy Santos, Themis Torres, Maves Pontet, Thais Madeira, Aracy Ferreira, Olinda Pires de Campos, Maria L. de Abreu e Souza, Rosita Pevesnar, Mercedes Campos dos Santos, Zuleika Mexias, Maria Elza Braga e Lilia Mello.

SOCIEDADE SUL RIO-GRANDENSE

Está marcado para o proximo dia 20 um grande baile da Sociedade Sul Rio-Grandense commemorativo do nonagesimo nono anniversario da Revolução Farroupilha.

A brilhante colonia gaúcha domiciliada nesta capital dará, certamente a essa festa um excepcional relevo.

Nos meios sociaes é ansiosa a espectativa em torno do proximo acontecimento.

Em todas as paginas, Eduardo Tourinho mostra-se o mesmo artista litterario amoroso da fórma e do pensamento, que mereceu de Carlos Chiachio, o vigoroso critico nacional, o estudo admiravel, publicado como introducção de "Maravalha".

"Ha na poetica de Eduardo Tourinho — escreve o ensaista bahiano, um segredo singular de seducção, que empolga ao primeiro golpe de vista. E' a modestia benedictina, em que essa poetica se realiza, longe dos estardalhaços da ribalta, alheias ás conspurcações do cabotinismo gritante".

O prosador é em tudo igual ao poeta. Este seu livro apparece sem enganadores reclamos. Eduardo Tourinho abstráe da existencia dos amigos e publica-o, confundindo-os todos no bloco insuspeito dos leitores anonymos. E recolhe mais uma nobre victoria para o seu nome literário.

LUCIANO

O SINISTRO DO "MORRO CASTLE"

A fatalidade produziu mais um dantesco espectaculo na sombria e tragica noite de viagem de um barco americano.

Todos os jornaes já descreveram o sinistro quadro desse navio em chammas, que conduzia turistas do porto de Havana á cidade de Nova York. As côres do impressionante acontecimento são de arrepiar. Os relatos feitos pelos sobreviventes deixam-nos perplexos, sem sabermos como ainda os naufragos não perderam a razão só de lembrarem as angustias da hora tenebrosa.

Nada se me afigura mais allucinante do que a scena de um naufragio, em plena noite, em consequencia de um incendio. A fogueira do navio, no deserto do mar, com a furia dos elementos destroçando tudo, parece um excesso de imaginação.

O homem vangloria-se em vão do seu genio. O dominio apparente, que elle exerce no mundo, póde ser reduzido a nada, em poucos instantes.

Que valem o seu esforço, a sua sciencia, a sua vida contra o cego arremesso da fatalidade?

A obra da sua intelligencia é a chamma fragil de uma candeia ao desabrigo. O sopro mais forte do vento immerge tudo na escuridão.

O episodio desse novo sinistro, em pleno oceano, com o clarão de morte do incendio a bordo de um barco, cheio de gente amorosa e bôa, pacifica e temente a Deus, exemplifica a inanidade da natureza humana.

LUCIANO

DIPLOMATICAS

O senhor ministro da Polonia, doutor Grabowski, reuniu na penultima sexta-feira brilhantes figuras da sociedade e da diplomacia, no palacete da legação, para homenagear o senhor ministro da Justiça, doutor Vicente Ráo.

O fim *gentleman* quiz distinguir tambem, nessa occasião, o embaixador japonez, senhor Hayashi, cuja partida do Rio já está annunciada para breves dias.

As expressivas homenagens consistiram num jantar, seguido de recepção e de uma hora musical, comprehendendo expressivos numeros de arte regional brasileira.

* * *

Tomaram parte no jantar, alem dos homenageados e do amphitryão: embaixador Feitosa; o ministro da Bolivia e senhora Carlos de Calvo; o antigo ministro do Uruguay, senhora Ramos Montero, a senhorita Clarita Ramos Montero; senhora Nieves Ramos Montero de Marzurkiewicz; senhora Callado e sua filha senhora Carolina Fortes; senhora Myriam de Siqueira Queiroz; o primeiro secretario da embaixada do Japão e senhora Kozo Ichige; o secretario da legação da Polonia e senhora Felicia Wagnerowa; senhor e senhora cap. de corveta, Luiz Felippe Pinto da Luz; senhorita Amalia Parezynska; senhor Dyonisio Ramos Montero Filho, primeiro secretario da embaixada do Uruguay; senhor Karl Klette, addido á legação da Austria, e o senhor Witold Stypulkowski, addido á legação da Polonia.

* * *

A' legação compareceram, entre outras, a senhora Antonio Leão Velloso, senhora Arthur dos Anjos, senhora e senhorita Léa Bach, senhora e senhorita Gastão Bahiana, senhora e senhorita Muller D'Escars, senhora e senhoritas Pinheiro do Amaral, senhora Elvira Chavez, senhoritas Yolanda e Yedda Couto e senhorita Gomenzoro.

LIDO

VOLTAM as noites do Lido á animação da *season* estival. Para hoje, o jantar dançante do famoso restaurante, de gracioso estylo normando, que tão encantadora nota architectonica empresta á paizagem de Copacabana, promette grandes surprezas.

Um grupo de elegantes senhoritas da alta sociedade vae encher o Lido esta noite, com o encanto de seus sorrisos e de sua graça.

* * *

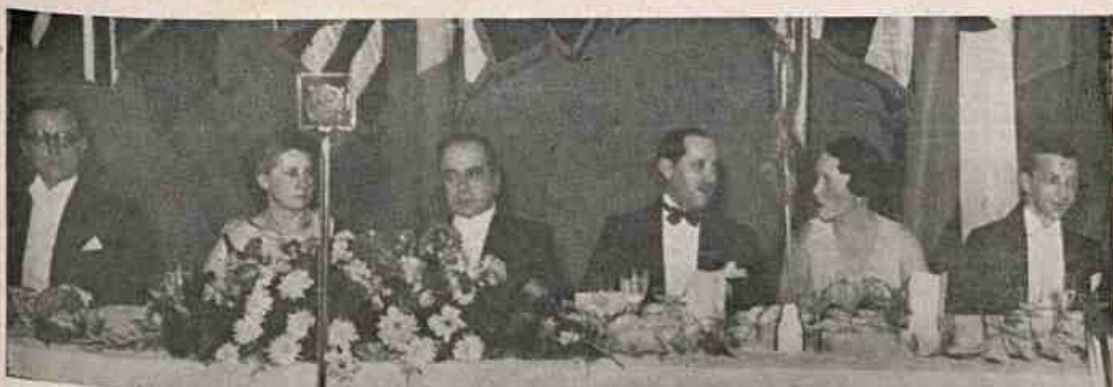
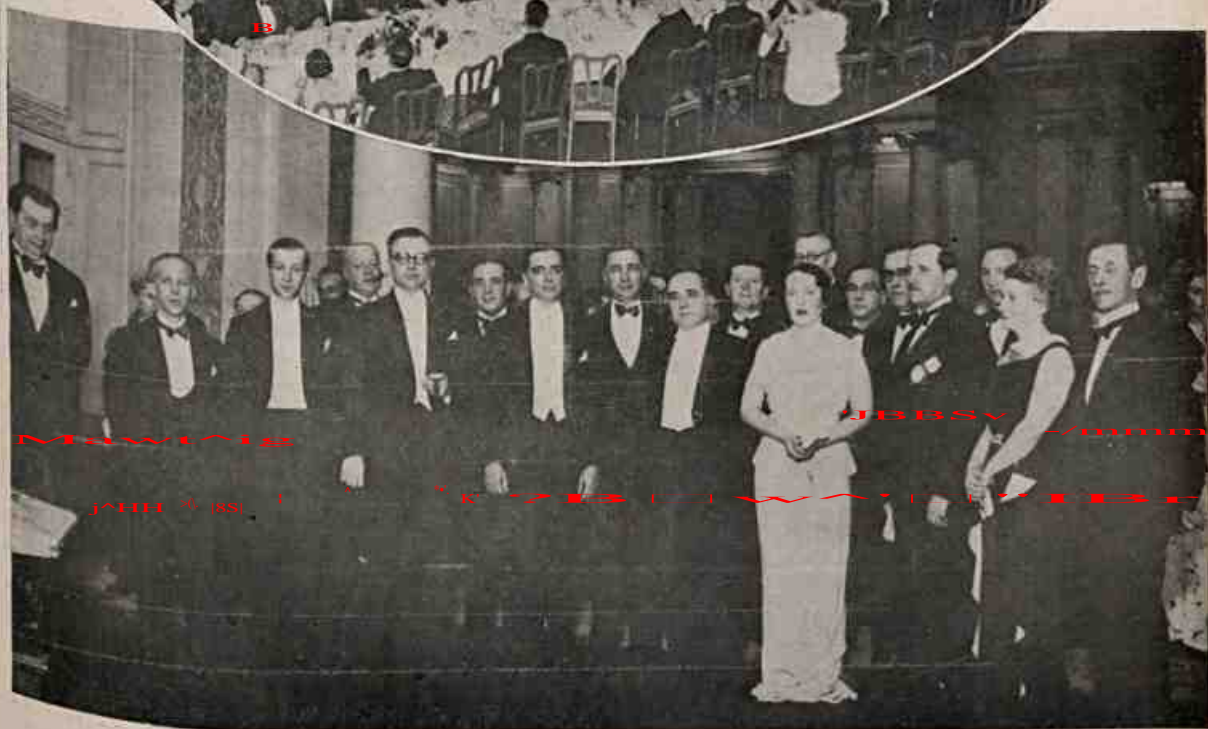
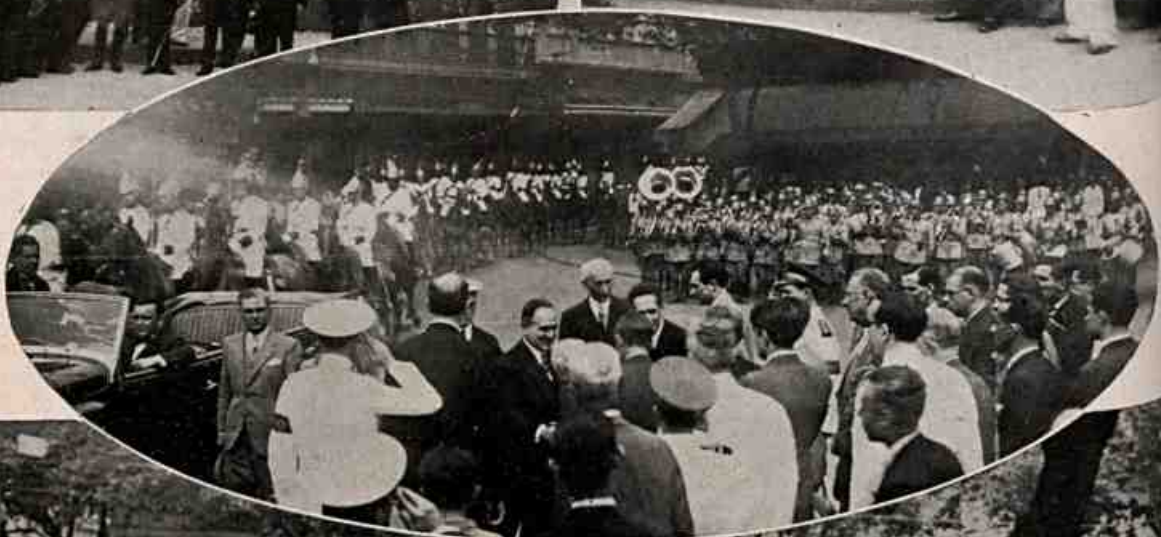
O reporter mundano lá estará para a colheita dos nomes mais brilhantes e para o flagrante literario dos *flirts*, que vae surprehender com a kodak de sua indiscreção profissional...

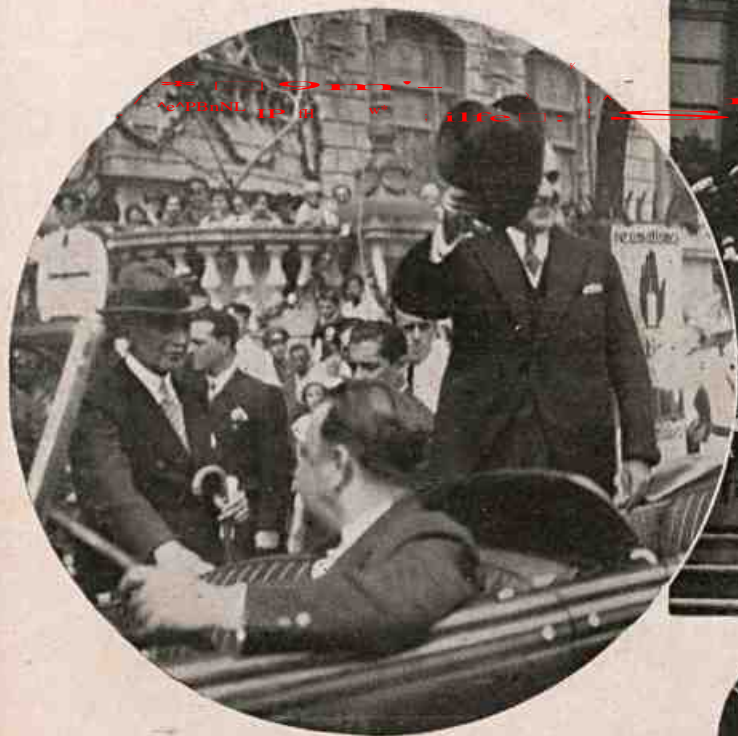
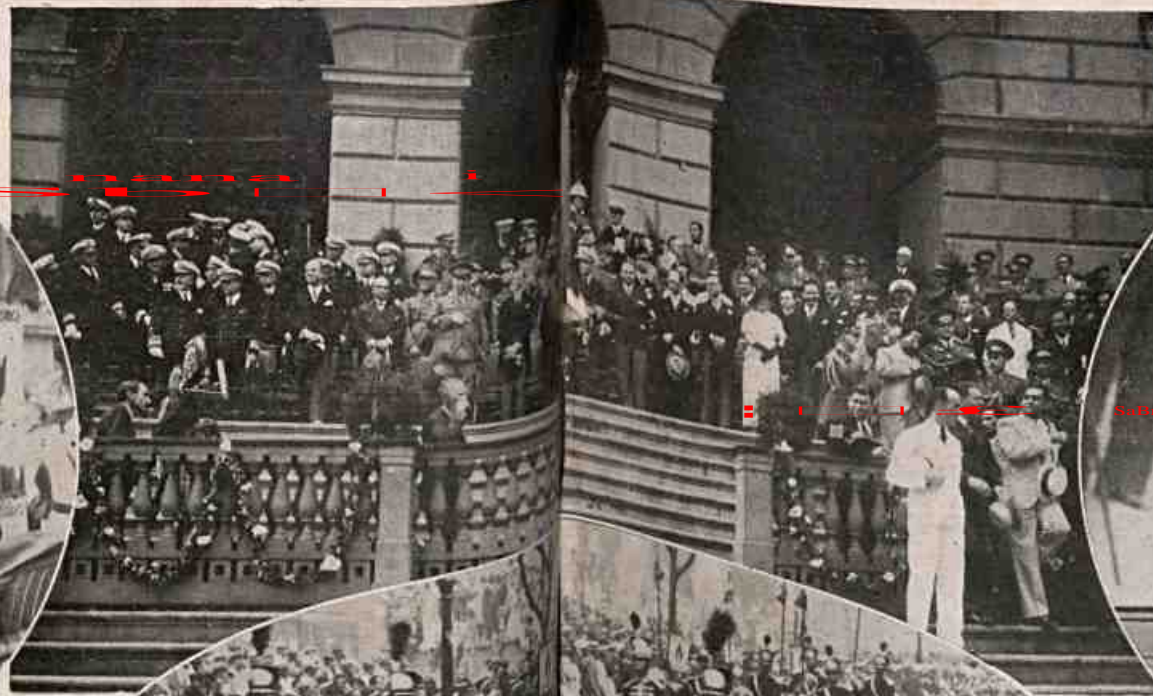
CENTRO GALLEGO

REALIZA-SE hoje um brilhante festival artistico-dançante na séde do Centro Gallego, promovido por sua directoria, em beneficio da Caixa Social.

Será representada uma zarzuela de costumes madrilenos, letra de Carlos Arniches e Garcia Alvarez, com musica dos maestros Valverde Filho e Lopes Torregrosa, intitulada "El pobre Valbuena".

Os papeis mais importantes fôram distribuidos ás senhoras Maria Navarro, Julia Parra, Pilar de Arce, Isabel Fruitos e Thereza Solozabal e ás senhoritas Elisa Carrión, Dora Margarit Tarmonia González, Lucy Solozabal, Inês Fruitos, Elisa e Conceição Fernandes e Julieta Cerqueira.

Seguir-se-ão animadas danças.

Associando-se ás celebrações civicas da data de 7 de setembro, o Rotary Club do Rio de Janeiro realizou, no Automovel Club do Brasil, uma brilhante e patriotica reunião, que teve a presença do chefe da Nação e senhora Getulio Vargas, e de outros convidados de honra. Foi orador official da solennidade o dr. Levi Carneiro, figura das mais illustres do Rotary Club.

Fazia parte do programma official das commemorações de 7 de Setembro a visita do presidente da Republica ás estatuas de D. Pedro I e José Bonifacio, que se erguem, respectivamente, no jardim da praça Tiradentes e no largo de S. Francisco de Paula, em frente á Escola Polytechnica. O dr. Getulio Vargas esteve nesses logares acompanhado de outras altas autoridades, que apparecem nos aspectos photographicos desta pagina ao lado do chefe da Nação.

As solennidades commemorativas do dia do Brasil tiveram, este anno, esplendores e belezas deslumbrantes. A parada militar realizada ás primeiras horas da manhã de 7 de setembro foi uma das ceremonias mais empolgantes com que se celebrou a data da independencia. Tropa do Exercito, da Marinha, da Escola Militar, da Policia e do Corpo de Bombeiros do Districto Federal desfilaram garbosamente, pelas avenidas Beira-Mar e Rio Branco, numa imponente demonstração de patriotismo. As altas autoridades da Republica, desde o Presidente Getulio Vargas, assistiram ao desfile, tendo o chefe da Nação passado em revista os soldados em formatura, que prestaram a s. ex. a continencia de praxe. Commandou as forças da parada o general João Gomes. Focaliza esta pagina alguns detalhes photographicos do grande acontecimento.

Depois de passar em revista a tropa formada na avenida Beira-Mar, o presidente Getulio Vargas se dirigiu á avenida Rio Branco para assistir á passagem das forças armadas da tribuna de honra installada no alto da escadaria externa da Bibliotheca Nacional. Ao lado de s. ex. estavam os ministros Gustavo Capanema, Vicente Ráo, Agamenon Magalhães e Odilon Braga; o interventor dr. Pedro Ernesto, os generaes Benedicto Olympio da Silveira, Waldomiro de Castilho Lima, Franco Ferreira, Dechamps Cavalcanti, Sotero de Menezes, Paes de Andrade,

Raymundo Rodrigues Barbosa, Eurico Gaspar Dutra, Armando Duval, Sergio Ferreira e Felippe Antonio Xavier de Barros; o marechal Espiridião Rosas; os almirantes Raul Tavares, Amphiloquio dos Reis, Aristides Gomes, Jitahy de Alencastro, Dario de Castro, Castro e Silva, Gastão Lanine Lins, Adalberto Nunes, Graça Aranha e Americo Reis; o general Jacques Baudoin, chefe da Missão Militar Franceza; membros do corpo diplomatico e outras pessôas gradas. Estão nesta pagina outros expressivos flagrantes da imponente parada de 7 de setembro.

Trez aspectos do desfile dos soldados da Patria pela avenida Beira-Mar, na manhã de 7 de setembro. No medalhão do centro tremúla a bandeira norte-americana conduzida pelos marinheiros do porta-aviões «Ranger».

SAUDADE

Lucio Gama

ESTE poema é para você, meu amôr. E' para os seus olhos que doiram a minha vida. E' para a sua voz, que enche de harmo-nias o meu coração silencioso. E' para os seus lábios, que ... çam as minhas amarguras... para a sua cabeça de boneca ... gurante. E' para a sua ternura que avelluda o meu destino, para a sua fascinação ...

Este poema é para os seus ... cantos, que povoam, risonhamen-te, a minha solidão. E' o poema da saudade. Saudade das horas apressadas em que nos ... do mundo. Saudade dos ... tes lyricos em que as nossas ... nidades escrevem um ...

... ma, illuminado de optimismo e de fé: o poema da esperança. Saudade de tudo o que você ... rama na minha sensibilidade. Saudade de um dia de sol, grande e livre, em que a senti quasi ... talmente minha... Daquelle ... em que vimos, juntos, a ... da serra verde enfeitando o ... so amôr e, juntos, ouvimos ... canção romantica de uma ... cata que nos preconizava, ... ramente, a existencia da ... cidade...

Recordar... Ter saudade... ... tir a falta de um momento ... passou... Pensar na doce ... ra de uma illusão que não ... reu... E esperar...

Este poema é para você, meu amôr. E' o poema lyrico da ... dade do que já tivemos e ... ha de voltar, quando o destino quizer, para uma vida mais ... riosamente feliz e mais ... samente linda...

BONECA — a minha boneca, já se vê — de vez em vez está a amolar-me. E fica irritante, intragavel, mesmo, le petit diable de femme. Aliás, isso nada tem de estranhavel: ella é mulher como as outras, como toda a gente do seu sexo. Um sexo que se vae dessexualizando cada vez mais, para tomar uma feição éxquise, amorpha ou anórmal, como o quizerem.

FICO, ás vezes, a monologar como o sombrio Hamlet de Sheakespeare: to be or not to be, quando me assaltam as duvidas quanto á qualificação sexual de certas mulheres. Puxa! E não é sem razão, pois, sem exaggero, nem maldade, nem parti-pris, tenho encontrado algumas mais "homem" do que muito homem.

— VOCÊ, hoje, está intoleravel, Polichinello!

— Eu?

— Sim, você mesmo! Parece uma mulher!

— Eu parecer-me com uma mulher?

— E por que não? Vocês, hoje, são tão...

— Tão, o que?

— Tão maricas, tão melosos, tão cheios de não me toques!

Ah! E' assim? Como você está engraçadinha, hoje! Um numero, Boneca! Você está, mesmo, en forme. Esplendida! Collossal! Kollossal, com K e K maisculo, bem grande!

— Não me irrite, sabe! Não estou, hoje, para brincadeiras!

— Nem eu, para ouvir impertinencias de qualquer mulherzinha!

— Mulherzinha, não, ouviu? Sou uma mulher livre, independente, emancipada, altiva, como qualquer homem que se préze!

— Está muito bem. E, agora, quer saber que mais?...

— Pode dizer. Mas, antes, deixe-me accender um cigarro.

— A' vontade...

— Agora, fale... Vamos...

— Resolvi o contrario.

— O contrario, como?

— Não falar. Nada dizer...

— Por que?

— Porque, se lhe responder, fál-o-ei como se o fizesse de homem a homem. Quer?

— Mas, eu não sou homem...

— Parece.

— Sabe de uma coisa?

— Diga...

— Você hoje está peor que a "lingua de trapo" do Berilo Neves!

— Ah! Leu a "Lingua de Trapo", do Berilo?

— Se li! Bello idiota!

— E para que leu?

— Porque gosto dos bons escriptores, naturalmente...

— Hum! E' elle magoou-lhe algum "callo"...

— Não tenho "callos" a doer; sou uma mulher moderna...

— Ultra-moderna...

— Como quizer!

— Adeus e bolas para o diabo que as creou!

— POLY! Meu Poly!

— Que quer?

— Que é isso? Por que está tão zangado, hoje?

— Eu, zangado? Que bobagem! Estou lá zangado!

— E que tem? Por que se vae assim, sem uma palavra de amôr, sem um gesto de carinho para a sua bonequinha infeliz?

— Não gosto de mulher-homem, bem o sabe...

— Eu, mulher-homem, eu que só sei ser mulher e que só me sinto bem quando sou mulher e só mulher para o seu amôr e para o seu carinho de homem!

— Essa attitude de hoje...

— Bobagem, Poly! Nervos, uma porção de coisas que se vão com um beijo...

— Não, Boneca: hoje não sei bem qual é o seu sexo, o seu verdadeiro sexo... Feminino é que não. Masculino, de todo, tambem não é possivel... Neutro, sim, neutro. E prefiro, tambem eu, ficar neutro, na duvida...

— QUER ver...

— Que?

— Como sou mulher e como o amo!

— Como?

— Atiro-me, agora mesmo, deste 9.º andar ao sólo!

— Faça-o!

— Desgraçado, vou já fazêl-o!

— Escuta...

— Não! Não quero mais! Vou matar-me... Sou uma infeliz, uma desgraçada, uma incomprehendida! E você é um barbaro, um bruto, um bandido sem coração!

— Venha cá, filhinha! Calma! Não dê escandalo!

— Você já não me quer bem! Eu sou uma infeliz!

— Mas se eu a amo, minha adorada Boneca, quando você volta a ser o que é!

— Ser, o que?

— Mas, mulher, filhinha, mulher...

— Então, eu só sou mulher quando choro, quando me sinto desamparada e infeliz?

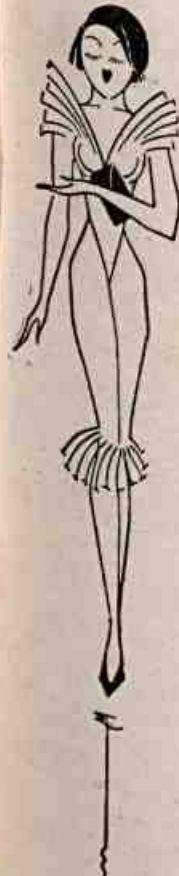
— Não! Não, queridinha! Apenas quando você mostra que o amôr sempre ha de lhe fazer voltar á sua verdadeira sexualidade...

— E, agora, você me acha mulher, querido?

— Se acho! Mulher como poucas mulheres, ma petite chatte...

— Mon chat chéri!

— Minha gatinha amorosa e sempre amada!

POLICHINELLO

A directoria da Associação Commercial do Rio de Janeiro mandou celebrar, sabbado pela manhã, na igreja da Candelaria, missa solemne em suffragio da alma dos presidentes, directores, socios e funccionarios daquella instituição já fallecidos. Esse cerimonia fazia parte do programma de commemorações do primeiro centenario da Associação Commercial.

A gentilissima e prendada senhorita Helena Muragaya Vaz da Silva e seu illustre noivo dr. Waldomiro Carneiro Leão, no dia do seu enlace nupcial, realizado nesta capital, no mez de agosto proximo passado.

NOVA RELIGIÃO

Ha algum tempo appareceu na Allemanha uma nova religião, pregada pelo sr. Von Wendrin no livro «A descoberta do paraiso». Nelle, seu autor procurava provar que o Paraiso Terrestre existiu no norte da Allemanha e que, por conseguinte, a raça allemã era a mais antiga do mundo. Portanto, Deus deve manifestar-se nella, afim de que volte á pureza primitiva e conquiste a sympathia universal.

Os individuos que tiram de sua cachola tolices dessa ordem julgam batalhar em pról de sua patria e somente podem lhe causar mal; pois o ridiculo de taes idéas cáe tambem sobre ella. Amanhã, qualquer malicioso, commentando o livro de Von Wendrin, não se limitará a criticál-o, porém estenderá sua critica ao proprio povo allemão, que tem culpa dessa tolice.

Foi recebido pelo presidente da Republica, para entrega de credenciaes, o novo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Paraguay junto ao governo brasileiro, sr. Pastor Benitez, que a gravura apresenta quando se retirava do palacio Guanabara, após a solenne audiencia.

De dentro [illegible] de crystal, entre um retraio e uma brezze doirado, sobre a minha mesa, um cravo vermelho tendia maravilhoso na ponta da haste. Vaidoso, vertical, flor aristocratica, plena do orgulho humano de ser bella, de ser nova, de ser frasca.

E parecia agitar-se pelo tumulto de suas petalas crespas, recortadas em cinzel, todo aquelle orgulho immenso, aos quadros na Parede, aos objectos, á minuscula mascotte de crystal [illegible] do tempo brilhante da manhã. E a corola côr de sangue, humida e perfumada, intumescida da seiva que lhe dava leves fremitos de carne moça — uma nota viva na penumbra discreta do meu gabinete — era um pequeno vexillo, pendão de revolta, inflammado de desafio.

Mas, dias depois, o lindo cravo rubro, quente e generoso como um vinho de sangue, havia murchado, triste, verde, [illegible] o calice de esmeralda que [illegible] o engaste [illegible] pre[illegible] natal [illegible]

Sobre a mesa, algumas dellas, pequenas, enrugadas, escuras. E uns restos de perfume, vago, indeciso, como um sonho no extração, que se dilue...

Não havia mais revolta, nem desafio.

A fatal lei da morte vencera uma vez ainda. Tambem, dentro em mim, uma ou outra vez, a revolta desfralda a sua flamula côr de rubi, de sangue quente.

Toda eu sou tambem arrogancia, desafio, orgulho.

Mas, não tarda que o pavilhão de guerra se recolha.

A fatal lei da vida vence uma vez ainda. E, como o cravo rubro, a minha revolta se desfaz inutil, em mim, dentro de uma grande agonia silenciosa...

LUCIA

Senhorita Maria Mirancos, filha do casal Antonio-Emilia Mirancos e ornamento da sociedade carioca.

«Canção da Felicidade», a linda e victoriosa peça de Oduvaldo Vianna, que está fazendo, no Rival Theatro, um formidavel successo, passa-se em 1910, 1914 e 1934. O nosso «cliché» focaliza duas scenas da interessante comedia. Na photographia de cima vêem-se Dulcina, Odilon, Aristoteles e Alberto Dumont numa das expressivas passagens da peça de Oduvaldo. Dulcina ostenta, ahi, uma elegante «toilette» de baile de 1934, executada sob o figurino de Gilberto Trompowsky. Em baixo, um episodio de «Canção da Felicidade» na actualidade

Boudoir.

"MAQUILLAGE"

"A vida começa aos quarenta annos" — é o titulo do livro, já celebre, e bem da actualidade, "Life begins at forty".

Nessa idade a mulher de hoje conquistou uma nova mocidade, graças aos progressos da sciencia, dos medicos, dos hygienistas. Possúe ainda a juventude dos orgãos — mantidos em perfeito estado por uma alimentação adequada; a juventude do corpo — graças á cultura physica; a juventude da pelle — devido ao uso de preparados scientificos apropriados.

E', pois, nessa idade que a mulher de hoje conhece os maiores successos.

Ella allia, ao encanto da mocidade conservada, a arte feminina de agradar, que póde adquirir e cultivar pela experiencia.

ANTES DE INICIAR O «MAQUILLAGE», DESINFECTE E AMACIE AS SUAS MÃOS. ASSIM, TENHA O MAIOR CUIDADO NA ESCOLHA DO SEU SABONETE.

OS CABELLOS

COM o uso, muito em voga, actualmente, dos cabellos penteados para traz, torna-se cada vez mais imprescindivel a ondulação permanente, para a facilidade e belleza da "coiffure". Com os recursos da arte do cabelleireiro moderno, póde-se, presentemente, ondular com a permanencia, mesmo tratando-se de cabellos tintos, salvo raras excepções.

Mme. Santos Elba. — Contra a excessiva oleosidade da sua pelle aconselho o *Adstringente Especial*. Use-o trez vezes por semana, conservando-o durante a noite.

P. B. — Nas suas condições, não é aconselhavel a ondulação permanente. Quanto á côr "louro cendré" com facilidade, pois, no nosso Instituto, se fazem, diariamente, dezenas de applicações de tinturas as mais variadas.

Mme. Wanda Reis. (São Paulo) — O *Adstringente Especial* corrige, em poucas applicações, a vermelhidão do nariz. Para limpar e amaciar a pelle, recommendo-lhe especialmente o *Oleo de Violetas*. Esses preparados são de minha creação. Enviamos qualquer encommenda tanto para São Paulo, como para qualquer estado do paiz.

Agradecendo a sua gentil cartinha, peço indicar-me o seu endereço afim de que possa enviar-lhe o meu catalogo explicativo.

MADAME GRAÇA

A embaixada da Associação Universitaria do Rio de Janeiro que percorre os Estados do Norte, empenhada na campanha pró-alphabetização da Cruzada Nacional de Educação, visitou, recentemente, a cidade cearense de Joazeiro, onde assistiu á inauguração da 1ª Escola Normal Rural do Brasil, cerimonia essa presidida pelo director da instrucção publica do Ceará, dr. Moreira de Souza. O nosso «cliché» fixa dois aspectos dessa solennidade, vendo-se, no grupo de cima, os membros da embaixada academica chefiada pelo universitario Justino Araujo com os drs. Moreira de Souza e Placido Castello e outras pessôas gradas. A outra photographia focaliza a primeira aula da Escola Normal Rural de Joazeiro, cujos alumnos apparecem, ahi, cantando o «Hymno ao Sol».

VOLUPIA DAS ROSAS

"Poeta! Deus fez as mu-
[lheres e as rosas
Para os beijos do sol e os
[beijos dos poetas!"

OLAVO BILAC

No jardim das caricias, as rosas, rubras de volupia, lembram bôccas de mulheres bonitas pedindo os beijos lyricos e dourados da luz.

Unindo as tuas lagrimas nas minhas, eu chorarei comtigo se chorares.

Querida, escuta! Escuta os meus pequeninos poemas em prosa...

* * *

A tua mão perdida nas minhas mãos...

E as nossas bôccas se uniram, inconscientes, na poeira branca do luar...

Olhos cheios de amôr e de belleza. Amorosos... assim...

Lembram os olhos de uma japoneza, envolta nas dobras de um kimono azul.

Kimono...

Braços nús...

No teu corpo de japoneza, ha aromas das flôres de Nyppon.

* * *

Tu és na vida o meu maior bem e és também o meu maior tormento.

Poesia...

PAULO FREI[illegible]

Grupo de alumnos da Escola n. 33 da Cruzada Nacional de Educação, installada no Patronato Operario da Gavea, em pleno funccionamento, graças á abnegação dos directores daquelle patronato.

«FON-FON» NO R[illegible] DO NORTE

A interessante menina [illegible] da Paiva, filha [illegible] N. Paiva e neta [illegible] Theodosio Ribeiro [illegible] va, no dia de sua [illegible] communhão, cele[illegible] Rio Grande do Norte.

CUPIDO NO SUBURBIO — (AH, QUELLE GARE !) — Da Paramount

com Dranem, Jeanne Boitel e Armand Lurville

O chefe da *gare* de Mocheville, Jovignan, suspeita que Helena, a sua linda mulher, o engana com o Marquez de Chaizerac. Que este lhe faz a côrte, é positivo, mas Jovignan quer saber, ao certo, a que ponto chegaram as cousas. Parte portanto para a cidade, annunciando que só regressará ás duas horas da madrugada.

Apenas porém o marido volta as costas, pára na estação o expresso das 19 h. 30, parada essa provocada pelo excentrico Tuvache que viajava sem bilhete, e acossado pelos guardas do trem, julgou salvar-se fazendo soar a campainha de alarme...

Para escapar aos seus perseguidores, o viajante clandestino envereda pela *gare* a dentro, e descobrindo, no gabinete do chefe, o uniforme de Jovignan, enverga-o mais que depressa.

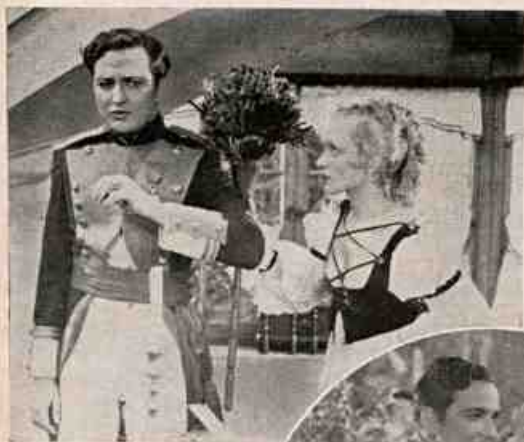
Entrementes, os fiscaes do trem, com o inspector principal de la Trombe, põem-se a procurar o fugitivo. Mas nem sombra de Tuvache, pois o inspector, quando vê na estação aquelle individuo de sobre-casaca preta e *bonet* branco, logo o toma pelo chefe da *gare*.

Sobrevem Helena, mas se ella esclarecer ao inspector, terá que confessar a ausencia do marido que abandonou o serviço sem a indispensavel licença do chefe. Emquanto não melhora a situação, consente, portanto, em que os funccionarios da estrada tomem Tuvache por seu esposo.

Desastrada inspiração, porque Tuvache, boçal, grosseiro, tolo e ignorante como é, commette as maiores *gaffes* e tropellias. Achando grande divertimento na corneta encontrada no bolso da sobrecasaca de Jovignan, sopra-a com desespero, e assim occasiona a partida do trem, ficando de la Trombe atrapalhado, por falta de conducção para voltar á capital. Empenhada em assegurar o futuro de seu marido, Helena requinta de amabilidades para com de la Trombe, a quem convida a passar a noite na *gare* de Mocheville.

A esse tempo, Torchu, um dos graxeiros da *gare*, que foi ao castello de Chaizerac afim de passar a noite, como todas as semanas, com a cozinheira Agripina, deixa-se surprehender pela Marqueza. Postos na rua na mesma hora, Torchu e Agripina refugiam-se na sala de espera da estação para ali saborear a refeição excellente que a cozinheira preparou: *foie gras*, lagosta, caviar... Esse escolhido menú, constituirá, porém, por ironia da sorte, o jantar do chefe da *gare*, de Helena e de la Trombe.

No correr do jantar, Tuvache, bebado como um granadeiro, conduz-se de um modo escandaloso, a ponto de tratar por tu o inspector e animál-o a beijar Helena. Indignado com o lapuz, mas contente pela occasião que se lhe offerece, de la Trombe busca penetrar no aposento da moça afim de consolál-a de ter por marido um bobo como Jovignan.

Sobrevem neste momento o marquez de Chaizerac que não entende o que se passa, e cuja presença ainda mais complica a situação. Esta só se deslinda definitivamente quando regressa Jovignan, o legitimo, e tudo se harmonisa satisfatoriamente para todos: Jovignan se convencerá da virtude da esposa, e o alegre Tuvache, inconsciente de toda a sorte de desastres que provocou, mas cujo silencio foi comprado por de la Trombe, partirá pelo primeiro trem. Será a primeira vez que elle viajará com passagem paga. e paga nada menos que pelo proprio inspector da companhia!

GRANADEIROS DO AMOR

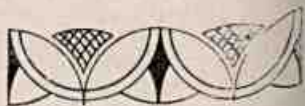
DA FOX

com RAUL ROULIEN e CONCHITA MONTENEGRO

ERICH REMBERG, joven autor-actor viennense, acaba de obter um tremendo fracasso com a sua ultima obra publicada. Preoccupado com esse desastre acceita o conselho dos amigos para escrever uma grande opereta á maneira antiga, e para descobrir o assumpto, parte para Meran, no Tyrol austriaco, hospedando-se no castello de von Keller, um velho fidalgo excentrico. Durante a primeira noite, por signal uma noite tempestuosa, Erich vem a conhecer a formosa Loni, que lhe revela o mysterio que envolve certa parte do palacio, um salão onde existe um quadro da invasão napoleonica.

Começa então a desenvolver-se no cerebro de Erich como que a vida que anima esse quadro, que representa a entrada das tropas francezas em Meran. Erich vê-se personalizado na figura do tenente Marquis, recebendo ordem de procurar alojamento para os soldados. O commandante das tropas francezas escolhe o palacio Keller para quartel general, apesar do protesto do burgomestre, que allega que na residencia apenas se encontra a baroneza Loni. E' então que Erich conhece de perto a formosa baroneza e por ella se apaixona, procurando conquistar o seu amor, o que dentro em breve consegue.

Chega, porem, a noticia de que as tropas austriacas se dirigem sobre Meran. Loni cáe em desespero. De um lado estão seu pae e seu noivo; do outro o homem por quem se confessa perdida de amor. Erich quer convencêl-a a que fuja com elle. A demora no castello colloca-o numa situação delicada. Os austriacos chegaram e elle vê-se obrigado a occultar-se no quarto de Loni. Mais tarde tentam fugir os dois mas são detidos. Espera Erich e o soldado a seu serviço um fusilamento inevitavel. Isso só não succederá se for, como se espera, assignado o armisticio. Ha uma grande ansiedade nessa hora tragica. Por fim, sôam dois tiros de canhão: é o signal convencionado para a grande nova. Soldados austriacos e soldados francezes exultam de alegria. Loni e Erich veem que se abre deante dos seus corações a estrada da felicidade.

Cáe o panno. A peça acabára e acabára com um ruidoso triumpho para Erich que escrevêra e vivêra.

LAGRIMAS DE HOMEM

(Sorrell and Son)

Direcção: HERBERT WILCOX

H. B. WARNER — Margot Grahame — Hugh Williams, etc

QUANDO o capitão Stephen Sorrell volta da guerra, encontra seu lar deserto e seu filhinho desamparado dos carinhos maternos. A esposa não resistiu á separação [illegible] abandonou o [illegible] ainda creança, [illegible] á busca de [illegible] de aventuras. Elle sente que sua responsabilidade é agora dobrada, pois não tem de attender apenas ás necessidades materiaes [illegible] mas ainda [illegible] do filhinho. [illegible] Pequena firma social [illegible] e filho [illegible] maiores [illegible] mundo, solidarios em tudo, por tudo...

O martyrio de Sorrell só então começava. Quando pensa em recuperar seu emprego, deixado por occasião de cumprir seu dever militar, vae encontrar a [illegible] occupada por um homem que não tivéra mais [illegible] para servir a Patria e alli encontrára o seu ganha-pão. Sorrell sente-se ainda forte para resistir ás intemperies e deixa o outro em seu logar. Mas agora não [illegible] facil obter novo emprego... Em poucos [illegible] de que assim será. Não ha vagas, e os [illegible] para os quaes está apto, vivem occupados. [illegible] de sua velha companheira, a [illegible] Por ter de acceitar qualquer trabalho, mesmo [illegible] É preciso reagir, para poder manter e educar o [illegible] unica razão de toda a sua existencia... Vamos [illegible] tarde, porteiro de hotel. Ah! tem de carregar ás costas pesadas malas, e uma noite, vendo chegar um casal, vê sua antiga esposa, agora nos braços de outro homem, que exulta vendo-o naquelle trabalho exhaustivo, demasiado aspero para a [illegible] Sorrell [illegible] a esposa tenta falar com seu filhinho. Sorrell não consente. Elle sabe isolar Kit daquella [illegible] comprehendeu sua grande missão de mãe...

[illegible] annos passaram e Kit cresceu, está formado. [illegible] grande cirurgião... As Universidades [illegible] o homem do dia... Elle realiza conferencias scientificas no amphitheatro da Universidade, ás [illegible] Assiste seu velho pae, agora socio do hotel para onde entrou como Porteiro. Al quebrado, embora, Sorrell [illegible] sua missão por finda. Tem [illegible] Prescinde de seus [illegible] movimentar-se na [illegible] o contrapeso do velho [illegible] de uma linda tarde, deixando de [illegible] publica bem [illegible] seu filho querido, Sorrell [illegible] uma syncope. Con- [illegible] para o hospital. De ha [illegible] soffrer do coração... [illegible] tratar-se. Não tinha um filho medico? Mas para que fa- [illegible] soffrer? O filho pertence á sua [illegible] Preoccupar-se com o [illegible] Agora é tarde. Toda [illegible] medica resulta inutil.

E um dia, Sorrell entrega a alma ao Creador, rodeado do filho e da nóra, que era tambem tão extremosa para seu futuro paesinho!... Sorrell morreu feliz. Compensado de todos os sacrificios. Morreu como um pae digno. Pae que soube sacrificar-se pelo sangue de seu sangue...

*** O studio "Eastern Service", em Astoria, concluiu já a filmagem de "Crime sem paixão", a primeira producção da dupla Ben Hecht-Charles Mac Arthur para a Paramount.

*** David Holt, um actorzinho de seis annos e meio, que o nosso publico conhecerá no proximo film de Harold Lloyd, será aproveitado pela Paramount em "You Belong Me", ao lado de Lee Tracy e Helen Mack.

*** A aviação conquistou mais um adepto, — George Bancroft, o qual iniciará um curso dessa especialidade logo que termine a filmagem de "Elmer and Elsie", para a Paramount.

*** Para vehiculo de Claudette Colbert, prestes a terminar a filmagem de "Cleopatra", a Paramount adquiriu "The Gilded Lily", em que a grande artista terá por galã Cary Grant.

*** Gary Cooper vae adquirir um hiate de recreio, com que pretende singrar os mares, ao largo de Santa Monica. Mas isso só depois de estar prompta "Now and Forever" a sua proxima creação.

AS ANDORINHAS — As garrulas mensageiras da primavéra formam o motivo principal deste bonito modelo, que se presta admiravelmente a ser executado em «filet», «crochet», crivo, ponto de Rhodes ou ponto de marca sobre «étamine» ou talagarça. Si fôr escolhido o ponto de marca, devem-se empregar linhas ou lãs em 2 ou 3 tons de verde para as folhas, «marron» escuro para os galhos e mais claro para hastes novas, 1 tom de vermelho e 2 de rosa para as flôres. As andorinhas terão as costas, cabeça e azas azul e o peito cinzento claro.

Notas de ARTE

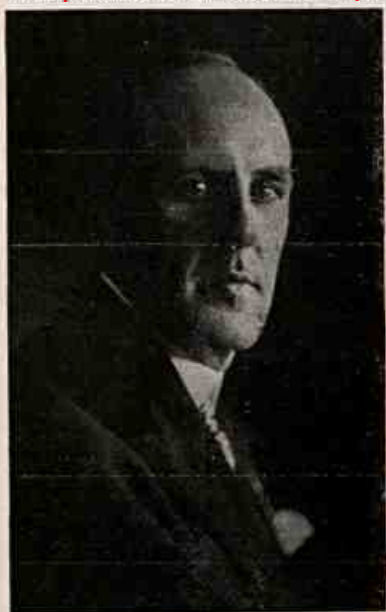
GRANDE COMPANHIA DE ESPECTACULOS LYRICOS, SYMPHONICOS E CHOREOGRAPHICOS. — A WALKYRIA, op. em 3 actos; libretto e musica de Ricardo Wagner. — Em 9ª recita de assignatura, foi cantada no T. M. em a noite de [illegible] de setembro, a Walkyria, 1ª parte, [illegible] como lhe chamou o autor, da celebre Tetralogia do [illegible] de Beyreuth — O Annel dos Niebelungos — sob a regencia do mº. allemão Fritz Busch, e com a seguinte distribuição: Brunilda — Ella de Nemethy; Siglinda — Margarida Teschemacher; Sigmundo — Gotthelf Pistor; Wotan — Walter Grossmann; Hunding — Alexandre Kipnis; Fricka — Karin Branzel; [illegible] — Edith Fleischer, Brazel [illegible] Ritter Swiano, D'Ambrosio, Stenck d'Affonseca.

O Annel dos Nibelungos é essencialmente uma symphonia em 4 partes. Assim mesmo já a classificaram [illegible] — O Ouro do Rheno, como Introducção; A Walkyria, Romança — Scherzo — Sigfrido, [illegible] Crepusculo dos Deuses. [illegible] differe da symphonia [illegible] porque entre os [illegible] orchestra figuram bem esta verda[illegible] realmente a originalidade musical de Wagner [illegible] transportado a acção para [illegible] Beethoven e Berlioz antes delle: a [illegible] dramatica de Berlioz é [illegible] mas sim ter, [illegible] instrumentalizado [illegible] que em vez de esta[illegible] cantores podiam [illegible]. E essa transposição [illegible] exclusiva, não é o que realmente agrada, pelo menos [illegible] que encanta, [illegible] que enthusiasma [illegible] de Wagner, é a sua orchestra, tão viva, tão dramatica, [illegible] de uma [illegible] eloquente e soberba, se [illegible] do que na scena [illegible] poetica. Digna da admiração, essa obra [illegible] não constitue entretanto [illegible] essencialmente original [illegible] das vozes [illegible] é apenas um aperfeiçoamento da [illegible] anterior de Beethoven e Berlioz. Accentue-se ainda [illegible] original Wagner [illegible]. Emquanto [illegible] contrariou Beethoven [illegible] mestre de Bonn [illegible] musica instrumental, [illegible] na sua symphonia [illegible] com côros), [illegible] abateu a musica [illegible] da voz simples [illegible]. Será isso [illegible] retrogradação, evolução [illegible] problema a reviver [illegible] para muitos que [illegible] wagneriana.

[illegible] obra de Wagner [illegible] de indiscutiveis [illegible] fazer da musica um [illegible] conjuncto das [illegible] num templo [illegible] Beyreuth — [illegible] religioso, re[illegible] da mytho[illegible].

[illegible] essas divagações, [illegible] audições [illegible] e não [illegible] technicos, que nos [illegible] dos sons, e passar [illegible] a representação da [illegible] da Companhia [illegible] como a Flauta [illegible] e o Orpheu, [illegible] a bella e philosophica classificação de Bellaigue — a Walkyria teve interpretação digna dos applausos que a coroaram no fim de cada acto.

O mº. Fritz Busch encontrou na orchestra do T. M. professores dignos de lhe corresponderem á magistral batuta. O Preludio e todos os motivos da opera, especialmente o *Fogo Magico* ou o *Encantamento do Fogo*, tiveram grande realce. Pena foi na execução desse trecho como no da *Cavalgada das Walkyrias*, fossem precarios ou de todo faltassem os effeitos scenicos para dar á musica a moldura apropriada ao quadro da acção sonora.

Embora as vozes da orchestra não permittam realçar sempre as vozes da scena, há numeros em que estas sobresahem, e tanto mais quanto mais perfeitos os cantores. Foi o que succedeu com a ultima edição exhibida no Municipal.

O prof. Charley Lachmund, figura das mais conceituadas do nosso meio artistico, como musicista e musicologo, e que vae realizar, a partir de 4.ª-feira, 19 de setembro, no Instituto Nacional de Musica, sob os auspicios do Conservatorio Musical do Districto Federal e com o concurso da talentosa pianista senhorita Zilah de Moura Britto, uma série de 5 conferencias analyticas de alto valor technico e esthetico, sobre obras de Beethoven, Schumann e Liszt.

Gotthelf Pistor, bella voz, forte e bem timbrada de tenor abarytonado e a sra. Margarida Teschemacher, soprano de emotivos dotes vocaes e dramaticos, deram accentuado realce ao duo final do 1º acto, onde se ouve o hymno da primavera de Sigmundo — *Rifulge ancora il sol primaveril*, e o canto de amor, de Siglinda — *Tu sei l'april*, e o do 2º — *T'en vai! Son maledetta!*

A sra. Ella de Nemethy, soprano de grande voz, extensa e volumosa, impressionante Brunilda. Interpretou com especial relevo as exhortações á Siglinda para fugir á colera de Wotan — *Vola! t'affretta*, a entrega do fragmento da espada de Sigmundo — *Tu serba pel forte le sacre scheggie*, e o dialogo com Wotan — *Padre, qui son: la tua pena m'impon!*

O barytono Walter Grossmann, que foi louvavel parceiro da soprano Ella Nemethy, imprimiu relativa força emotiva na despedida de Wotan — *Addio, sublime prole d'eroi* e na invocação ao Fogo — *Loge, m'odi.*

A sra. Karin Branzel, com pouca arte mas bôa voz, viveu a scena e duetto do 2º acto, entre Wotan e Fricka — *Tra i monti a che ti celi.*

O baixo Alexandre Kipnis na sua rapida passagem pela opera, encarnando Hunding, deixou bôa impressão, cantando com sinistro accento — *Sotto al mio tetto Wolfung, tu stai.*

A sra. Edith Fleischer e as outras sopranos que encarnaram as 8 Walkyrias, irmãs de Brunilda, deram bastante destaque á scena e canto do 3º acto — *Hojotoho! Hojotoho!*

Em resumo a interpretação da *Walkyria*, relativamente a outros, foi dos melhores espectaculos da temporada; talvez mesmo o mais homogeneo de todos.

Quanto á impressão do publico que costumam produzir as operas essencialmente wagnerianas, menos intensa, menos enthusiasta do que a determinada, em igualdade de condições, pelas do proprio Wagner, como *Tannhauser* e *Lohengrin*, pelas de Verdi, como *O Trovador* ou *Aida*, pela *Carmen*, de Bizet, pela *Thais*, de Massenet, pela *Sansão e Dalila* de Saint-Saëns, ou pelo *O Guarany* e *O Escravo*, de Carlos Gomes, etc. E' que a musica de Wagner precisa ser pensada antes de ser sentida, e as outras são sentidas antes de ser pensadas... (1) *Maria Tudor, op. em 4 actos de Carlos Gomes; libretto de Emilio Praga, extrahido do drama homonymo de Victor Hugo.* — Em 10ª recita de assignatura cantou-se no T. M., em a noite de 7 de setembro, como espectaculo de gala em homenagem á data da nossa independencia, a grande op. — *Maria Tudor* — do maior musico dramatico do Brasil — Antonio de Carlos Gomes.

Embora segunda, pareceu-nos ter sido a primeira vez que ouvimos o bello drama lyrico do compositor nacional, porquanto a representação anterior, realizada em 15 de agosto ultimo, no mesmo T. M., apesar de ter interpretes do valor artistico da sra. Carmen Gomes e dos srs. Reis e Silva e Asdrubal Lima, foi sacrificada por quem encarnou a figura de Giovanna, a sra. Antonietta de Souza.

(Continúa na pagina seguinte)

E' possivel que examinando minuciosamente a representação pela Comp. Lyr. do Municipal, se lhe apontem defeitos, mas a verdade é que todos desappareceram na harmonia do conjuncto e deante da soberba interpretação que deram á heroina e á rival, as notaveis artistas, sras. Gina Cigna e Ebe Stignani.

A sra. Gina Cigna interpretou com bella voz e ainda mais bella arte a grande personagem da sensual e perversa rainha Maria Tudor, *Maria a Sanguinaria*, como lhe chamavam os subditos. Viveu cantando e cantou vivendo a grande aria final do 2º acto — *Vendetta! Vendetta*, e o monologo e aria do 4º — *Piú intensamente io t'amo* e *Oh! mie notti d'amor*. Os gestos e atitudes, a mimica da face, os bellos graves e os bellissimos agudos, dominadores da orchestra, a sensibilidade irradiante, tudo concorreu para empolgar, enthusiasmar o auditorio, que saudou fragorosamente com palmas, chamados e bravos a notavel actriz-cantora.

A sra. Ebe Stignani encheu todo o primeiro acto e contribuiu para o completo realce do final do quarto. Tanto a romança de Giovanna — *Quanti raggi del ciel*, como o duetto entre Giovanna e Gilberto — *Ero un orfana fanciulla*, foram especimens do mais primoroso canto. Assim tambem o grande duetto entre Giovanna e Maria — *Qui nell'ombra* onde brilharam ambas, como um systema de estrellas duplas. Extensão, volume, timbre, sons agudos, medios os graves, tudo encanta e delicia, agrada e empolga na bellissima e rara voz da grande, da no-

NOTAS DE ARTE

(CONCLUSÃO)

tavel meio-soprano, que é a sra. Ebe Stignani.

O tenor Aureliano Marcato, senão subiu até onde se alçaram as duas invulgares sopranos, teve momentos felizes na encarnação de Fabiano, como no duetto — *Colui che non canta* e na aria — *Va, cordoglio fa lunge*.

O baixo Santiago Font, discreto Gilberto. Cooperou para formar o fundo do quadro onde brilhou a voz e a arte de Ebe Stignani no duetto entre Gilberto e Giovanna — *Ero un orfana fanciulla*.

O barytono Victor Damiani na figura de D. Gil não nos pareceu estar vivendo um dos seus melhores papeis. No emtanto cooperou mais ou menos regularmente para o exito do conjuncto. Deu algum realce á ria — *Lugubre giacoliero*.

Os côros sempre inteiramente afinados. Deram bello esplendor ao concertante final do 3º acto. Scenarios e indumentaria ricos e appropriados. Orchestra perfeita sob a batuta intelligente e animadora do mº. Ettore Panizza. — Concerto Symphonico. — Em 11ª recita de assignatura, realizou-se no T. M., na noite de 8 de setembro um concerto symphonico, dirigido pelo grande regente allemão, mº. Fritz Busch, e onde foi executado este programma: 1) Wagner — Abertura da op. "Tannhauser"; 2) Beethoven — 5ª Symphonia (Allegro com brio — Andante con moto — Allegro em dó menor e Allegro em dó maior); 3) Schubert — Symphonia Inacabada; 4) Wagner — Abertura da op. "Rienzi".

Verdadeira noite de arte, de grande arte. Regendo tudo de côr, salvo a Abertura de "Rienzi", o mº. Busch fez da orchestra um orgão immenso que elle tocava com a batuta e com os mil e um movimentos dos braços, das mãos, da cabeça, do tronco, todos convergindo á mesma finalidade: imprimir ao conjuncto instrumental, a par da mais perfeita unidade, o mais expressivo e minucioso destaque de cada instrumento. Embora tudo bello e communicativo, assignalamos mais especialmente o Andante e o Final (os 2 Allegro) da 5ª Symphonia, da Symphonia do Destino, como lhe chamam, a grande epopéa sonora de Beethoven, e o 1º tempo da S. *Inacabada*, que se poderia cognominar um lied symphonico do musico magistral dos lieds. A orchestra do Municipal mostrou mais uma vez — já o mostrára na execução da *Walkyria* — ser digna da grande regencia do mº. Busch. Se não fora a bravura e a technica dos soldados, não teria o general conseguido tão grande victoria.

Toda a sala profundamente emocionada saudou com numerosas palmas e successivos chamados o glorioso regente e a sua orchestra.

OSCAR D'ALVA

(1). As citações do libretto são feitas segundo a versão italiana do original allemão, por A. Zanardini. O. D'A.

— Tenho a impressão, senhorita, de que esta não é a primeira vez que danço com v. ex.

— Eu, tambem. Ainda me lembro perfeitamente do peso de seus pés...

UM NOIVO OBEDIENTE

De JEAN BOUCHOR

DURANTE o baile realizado em casa dos Saint-Gratien, Henrique Lavertujou se-aproximou da senhorita Helena Saint-Gratien e disse-lhe, apaixonadamente:

— Amo-a, senhorita Helena! Quer ser minha esposa?

— Depende...

— De que?

— Do que possa você fazer por mim. Eu quero um marido que me convenha.

— E eu não lhe convenho?

— No que diz respeito á posição e á fortuna, sim... Mas quanto ao physico... já sei que um homem não precisa ser bonito... Mas, deve, pelo menos, agradar.

— E eu não lhe convenho?

— Presentemente, não.

— E mais adeante?

— Isso haveremos de vêr.

— Diga-me alguma cousa do que devo fazer.

— Por exemplo... E' um detalhe, mas tem sua importancia.

— Vamos ao detalhe.

— Você parte seu cabello ao meio.

— Que tem isso de extraordinario?

— E' que essa maneira de penteado nos homens já passou de moda, ha muitos annos. Hoje se usa o cabello para traz, e alisado.

— Estou sciente.

No dia seguinte, Henrique appresentou com o cabello penteado da maneira por que o desejava Helena. Esta, para recompensal-o por sua obediencia, permittiu a Henrique que a acompanhasse em suas compras, e se dignou acceitar dois pares de meias de sêda e uma pelle.

Quando se despediam, passou um jovem yankee com impermeavel e a cabeça descoberta.

— Veja você — disse Helena — como o cabello cortado á americana torna o homem mais joven e lhe dá um aspecto de sportman que senta admiravelmente.

— Estou sciente — disse Henrique.

Dias depois, foi vêr Helena com a cabeça raspada.

A casualidade quiz que naquelle dia estivesse ao piano do salão da mãe de Helena um pianista polaco, cujos cabellos acariciavam uma golla de velludo.

— Linda cabeça de artista! — suspirou Helena.

— Estou sciente — disse Henrique.

No mez seguinte, seu cabello ondulado cobria-lhe o collarinho da camisa.

— Você acabará agradando-me affirmou Helena. — Que pena que você seja moreno em vez de loiro! Ha homens loiros encantadores!

— Estou sciente — disse Henrique.

(Cont. na pag. seguinte)

Pouco depois, mostrava a Hele-na uma cabelleira loira, que arrancou gritos de admiração á joven.

— Está bem. Mas você parece muito joven. Sabe o que agrada ás mulheres? Um homem que haja vivido e soffrido. Um homem cujos cabellos negros...

— Ah! Negros?

— Estão adornados com alguns fios de prata. Mas para isso é preciso viver e soffrer.

— Viverei e soffrerei.

Na volta do verão, Henrique foi visitar Helena.

— Helena — disse-lhe. — Vivi e soffri. Olhe.

Helena viu que as cans começavam a branquejar as faces de seu amigo.

— Como você está bem! — exclamou ella. — Agora quero ser sua esposa.

Celebrou-se o casamento.

Henrique teve por testemunha seu tio o general e o senhor Fourmentel, director do Instituto Biologico, calvo como uma bola de bilhar.

— Um grande sabio! — disse, ao apresental-o a sua mulher.

UM NOIVO OBEDIENTE

(CONCLUSÃO)

Após a ceremonia, Helena parecia um pouco abstrahida.

— Penso — disse ella — no senhor Fourmentel. Como é linda uma cabeça de sabio!

— E' bastante calvo.

— Esse é o maior encanto dos pensadores!

— Gostarias?...

— Sim. Gostaria de unir-me a um pensador.

— Estou sciente.

Henrique sahiu do quarto para voltar, dois minutos depois, calvo, magnificamente calvo.

— Teus desejos, querida Helena, são ordens para mim.

Abriu um armario onde havia cinco formosas perucas: a do cabello deitado para traz, a do cortado rente, a do pianista polaco, a do cabello loiro e a dos fios de prata.

— Alegro-me — disse elle á sua mulher — que prefiras minha cabeça ao natural, querida Helena. E agora... vamos dormir?

ALGODÃO PAULISTA

Segundo graphicos expostos na Feira de Amostras, São Paulo produziu, no ultimo periodo agrario, cerca de 90 milhões de kilo de algodão, tendo ultrapassado, assim, o total da producção algodoeira dos Estados "leaders" dessa lavoura.

A RAINHA

DE JORGE DOLLY

NA residencia da senhora Michu, porteira de uma bôa casa da avenida de Messina. A porteira da casa ao lado, senhora Bonavent, acaba de tomar seu café.

— Mais um pouco?

— Não. Obrigada.

— Sim. Mas...

— [illegible] cheia.

— E seu marido, senhora Michu?

— Alcides? Desagradavel como sempre.

— Tinha tão bom genio...

— Mudou muito. Desde que ficou vermelho.

— Tingiu-se?... Era negro como um carvoeiro.

— Não: vermelho de opinião politica.

— Ahn!

— E' chefe da União Bolchevista da Plaine Monceau.

— Seu marido é bolchevique, senhora Michu?

— Sim.

— Pobre mulher!

— Seu trabalho o obrigou a isso.

— E que faz elle?

— E' constructor de montanhas russas.

— De montanhas russas?

— Sim. Nas feiras.

— Ah!

— Desde que se tornou vermelho está negro contra os ricos, os proprietarios, os capitalistas, os reis e as rainhas. Só ouvindo-o falar dos reis!

— E sua filha, dona Michu?

— E' nossa alegria!

— Continúa empregada nas galerias subterraneas?

— Sim.

— No departamento de perfumes?

— Sim. E' poetico, não?

— E' tão linda...

— E' tão honesta...

— E' tão instruida...

— E' uma perola. Elegeram-na rainha do districto, e hoje é seu grande dia.

— A senhora deve estar orgulhosa! ...

— Sim. Mas é necessario que eu aja com grande discreção, em virtude das idéas politicas de seu pae. A filha de meu bolchevista não póde ser rainha. Assim tenho que occultal-a. Foi coroada com um pseudonymo.

— E' uma rainha que está incógnita.

— Sim.

— E' curioso!

(Continúa na pagina seguinte)

JUIZOS ERRONEOS... — Como uma esposa imagina que o seu marido se porta, quando está fóra de casa...

A RAINHA — (Conclusão)

— Seu pae quer casál-a.

— E ella está satisfeita?

— Não. Ella gosta de um empregado das galerias, mas seu pae se nega a dar seu consentimento, porque o noivo se chama Barão.

— Não o comprehendo.

— Elle diz que Barão é um nome nobre.

— Pobrezinha!

— Seu pae quer casál-a com um de seus amigos. Heitor, que tem o nariz vermelho como seus cabellos.

— E ella?

— Ella não quer, naturalmente. Está apaixonada por Barão.

— Então?...

— Ha, por isso, um mar de desgostos.

Nesse momento, a porta se abriu e appareceu a joven Michu vestida de setim branco, a corôa de papelão dourado na cabeça e um sceptro na mão.

— Aqui me tens, mamãe. Sou rainha das rainhas.

— Minha filha! — exclamou a mãe, abraçando-a.

— Felicidades! — disse a vizinha.

— Outro cafézinho?

— Com muito prazer! A' saúde da rainha das rainhas!

Nesse momento se ouviu:

E' a luta final.
Agrupemo-nos, e, amanhã,
A Internacional...

— Teu pae! — exclamou a senhora Michu. — Esconde-te. Si elle te vir vestida de rainha... nem quero pensar nisso!...

A joven quiz entrar na carvoaria. Mas impossivel: seu traje lhe impedia.

O senhor Michu, acompanhado de Heitor, penetrou na portaria. A senhora Bonavent desappareceu. Pállida e trémula, a senhora Michu ficou a presenciar a scena.

— Que ha?

A joven sahiu de traz da ... e se apresentou deante de seu ... com o sceptro na mão e a ... na cabeça.

— O que ha — disse Heitor ... que tua filha é a rainha das ... nhas. Minha irmã mo disse ... bolchevista ter por filha uma ... nha!... E' estranho!...

— Minha filha é rainha?

— Sim.

— Então, eu sou o pae da ...

— Sim.

A senhora Michu tremia. Que ... occorrer? Michu desappareceu ... compartimento vizinho.

— Vae, com certeza, buscar ... punhal.

— Para que?

Para matar a filha.

— A senhora está louca, ... Michu.

... e como elle se porta, na r... lidade...

Michu reappareceu ... jaquetão do dia do casamento ... zéra chapéo de copa com ... eriçado e improvisara um ... noculo com o crystal de ... logio.

— Estás precioso, Michu! ... disse-lhe Heitor.

— Meu marido enlouqueceu ... pensou a porteira.

— Estou orgulhoso de ter ... lha rainha, embora só ... dia. Quero ir comtigo ... ruagem.

— Mas...

— Cala-te, Heitor! Eu ... pae de uma rainha!

— Mas...

— Nada. Virginia — disse ... mulher — tire dahi esse ... de Lenine.

— Bem.

— Amanhã muito cuidado ... do me trouxeres *L'Humanité*.

Heitor, sorrindo, disse: ...

— Quando me darás a ... tua filha?

— A mão de minha filha ... anarchista?! Vae embora ... Minha filha, agora póde casar ... teu Barão...

O MENTIROSO - DE ARKADIO AVERCHENKO

ESTAVA eu em um restaurante, commodamente abboletado em um macio sofá, quando a meus ouvidos chegou uma das phrases mais surprehendentes que até então escutára e que talvez nunca fôra pronunciada sobre o nosso velho globo terrestre...

— ... quando organizei uma caçada de elephantes na America...

Olhei por cima do espaldar de meu sofá e minha vista topou com um moço loiro, que narrava, indolentemente, sua aventura a duas encantadoras senhoras que, reduzidas por suas palavras, o escutavam com os olhos palpitantes e entreabertas as frescas e encarnadas boquinhas...

— ... hão de saber vv. exs. que os elephantes americanos se destacam por sua particular ferocidade...

Meu honesto coração, que palpita briosamente em meu peito, não poude supportar semelhante patranha. Levantei-me de um salto, aproximei-me do grupo e, depois de pedir desculpas ás senhoras, como é proprio em um perfeito "gentleman", me dirigia o moço.

— O senhor está mentindo — disse-lhe, olhando-o com severidade — e acontece que não posso supportar a mentira!

O moço pulou de seu assento, como que movido por uma estranha móla e em seus opacos olhos relampagueou a cólera.

— Cavalheiro! — exclamou elle. — O senhor me responderá pelo insulto.

— Conforme... Mas isso não tira seu vil caracter á mentira que o senhor acaba de contar ás senhoras aqui presentes.

— Elle só nos estava contando — aventurou uma das damas alludidas — de como se caçam os elephantes na America.

— Senhora — repliquei, comprehendo e approvo sua curiosidade sportiva. Mas... acontece que na America não ha elephantes. Esses desconsiderados pachidermes só se encontram na Africa e na Asia.

— Deveras? E como interpretar, então, a narrativa que nos fez este moço acerca de sua brilhante actuação numa caçada de elephantes na America, na qual diz ter morto dois desses animaes?...

— Simplesmente, como uma grande mentira.

— Cavalheiro! — exclamou o loiro, com dignidade. — Hei de pedir-lhe contas pelo que acaba de dizer.

— Com o maior prazer; estou á sua disposição, quando e onde queira... Mas, advirto-lhe que nem por isso apparecerão elephantes na America.

Uma das senhoras estalou em sonora gargalhada, coisa que até tal ponto tocou o amor proprio de meu interlocutor, que, ruborizando-se como a aurora, me disse:

— Espero que o senhor comprehenderá...

— Um desafio? Acceito-o gostosamente. Dê-me seu cartão.

O moço com ar furioso, tirou sua carteira, e, depois de rebuscar nella durante longos minutos, me extendeu um cartão. Depois de o ter recebido, fiz um cerimonioso cumprimento e me afastei.

* * *

NÃO sou um covarde, mas... um duello é um duello, ora essa! Costumo tratar com seriedade assumptos dessa ordem. Tinha de arranjar todos os tramites tradicionaes: encontrar padrinhos, um medico, escrever cartas de despedida a meus paes, ante a possibilidade de um desenlace fatal — e tudo isso junto me occupou tanto tempo, que só á tarde do dia seguinte estava liquidado. Na mesma noite vieram ver-me meus padrinhos, que me communicaram:

— O individuo não se acovardou?

— Imaginem que não. Mostrou-se muito valente e consentiu...

* * *

A'S oito horas menos um quarto da manhã seguinte, estava eu no local combinado, em companhia de minhas testemunhas e do medico. Dentro de dez escassos minutos appareceu o automovel de meu adversario.

Meus padrinhos foram ao seu encontro e, depois de um breve colloquio com os padrinhos de meu adversario, mediram a distancia e nos entregaram as armas. Tanto e como o outro procuravamos não nos olhar até o momento de fazer fogo. Assim se pratica sempre, em virtude, talvez, de uma excessiva delicadeza, ou melhor denotando o mais profundo desprezo pelo inimigo.

Chegou o momento decisivo. Levantei meu revolver, apontei com elle para meu adversario e... baixei a

(Continúa na pagina seguinte)

O MENTIROSO - (conclusão)

arma, que ficou pendurada, inerte, em minha mão.

— Escutem! — exclamei, atonito, dirigindo-me a meus padrinhos. — E' uma bruxaria. Será possivel que seja o mesmo senhor?...

— Quem?

— Ora quem havia de ser? Meu adversario. E' a mesma pessôa a quem visitaram hontem?

— Naturalmente. Por quem nos toma você? Fomos a sua casa e cumprimos ao pé da letra com todos os requisitos que são do caso.

— Mas, si este senhor tem o cabello negro e o que me desafiou era loiro.

Uma conversação analoga se entabolou no longo quo logar occupado por meu supposto inimigo.

— Que diabo! — rugia este, tão forte, que podia distinguir claramente todas as suas palavras. — Quem é esse senhor que está parado alli com um revólver na mão? E' a primeira vez em minha vida que o vejo.

Minhas testemunhas indignaram-se e exclamaram com fortes vozes:

— Como é isso?! O senhor não será capaz de negar que estivemos hontem precisamente em sua casa e que o senhor acceitou o desafio para o duello!...

Os dois grupos se iam aproximando paulatinamente, gesticulando e falando acaloradamente.

— Acceitei, com effeito — respondeu o desconhecido — porque suppunha que os senhores vinham da parte do cavalheiro a quem desafiára. Quanto a este cavalheiro aqui presente, nada tenho contra elle. Muito ao contrario, elle me parece até summamente sympathico. Como vae, senhor? Bom dia!

— Bem, obrigado — respondei, apertando-lhe afectuosamente a mão. — Perdôe-me a indiscreção, senhor... Este cartão é seu?...

— Sim, senhor. Lembro-me de o ter dado aquelle tratante loiro que...

— Espere! — exclamei, não cabendo em mim de contente. — E' um joven de aspecto enfermiço e olhos de peixe, que mente de uma tão descarada maneira, que nesse sport não ha quem o vença?

— Exactamente. Imagine-se que, em minha presença, assegurava a suas ouvintes que havia contrahido enlace com Sarah Bernhardt e que a famosa artista, com ciúme delle, um dia, quebrou uma perna. Eu o agarrei pelo pescoço, e... este...

— Quanto a mim, a causa foram os elephantes. Contava elle, convencido, prosa, como costumava caçar esses animaes na America... Que lhe parece?

Entre nós se entabolou uma cordial e amena conversação, e feitos amigos voltamos á cidade. Almoçámos juntos e depois fomos dar um passeio.

Meu novo amigo segurou-me pela manga, murmurando:

— Ouça! Aqui está!...

— Quem?

— O marido de Sarah Bernhardt e o caçador de elephantes na America. Ali vae elle com uma sombrinha.

Accelerámos o passo para nos aproximarmos do casal, e aguçamos o ouvido.

— Saiba, senhora — dizia o embusteiro — que desgraçadamente, estou habituado as duellos. Mas os homens se tornaram lamentavelmente covardes dia em dia. Imagine que nos ultimos trez dias desafiei a dois senhores, mas nenhum delles se atreveu a mandar-me os padrinhos. Devem ter tido medo do encontro... Quá! quá! quá!... E eu que fui ingenuo que fiquei em casa os trez dias esperando. Antegozava o prazer que me produziriam esses encontros. Em geral, sou muito amigo das emoções. Lembro-me que, quando, uma vez, na Escola, resolvi de atravessar a nado a catarata do Niagara...

Nós dois estalámos em riso e voltámos sobre nossos passos...

Escriptores e livros

Luiz Delfino — POESIAS LYRICAS — Comp. Edt. Nacional — S. Paulo — 6$

LUIZ DELFINO, nascido em 1834 e fallecido em 1910, permanece ainda, para muitos, ignorado. Espirito formado entre os romanticos, o seu nome figurou em revistas e jornaes, porém, não deixou em volume o traço definitivo da sua personalidade. Só agora a producção de Luiz Delfino começa a apparecer em livro, o que vae facilitar o estudo da sua obra.

Apontado por Sylvio Romero como o maior poeta do Brasil, conceito que não esposamos, é sem duvida uma destacada figura da nossa literatura, authentico discipulo do lyrismo hugoano, que fez época.

O presente volume, no qual estão reunidas as poesias de Luiz Delfino, constitúe brilhante homenagem prestada ao autor das *Tres irmãs*, uma das mais bellas concepções poeticas da lingua portugueza.

Apesar do sabor antigo das poesias, o livro interessa.

May Christie — ALEGRIA DE VIVER — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 3$

UM romance singelo, que Lirio Xavier traduziu para a *Nova bibliotheca das moças*. *Kitty sees life* é o titulo do original inglez.

Conan Doyle — O DOUTOR NEGRO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 4$

UMA nova collecção de novellas policiaes e de mysterio, dos melhores autores estrangeiros, acaba de ser lançada pela grande editora de S. Paulo.

E' a confirmação de que as traducções de obras estrangeiras conquistaram de vez o nosso mercado de livros, pondo em cheque a producção nacional. Mas, se isto acontece, é porque os editores necessariamente satisfazem ao paladar do publico.

A nova collecção, denominada *Série negra*, tem ao menos uma virtude: as traducções foram confiadas a escriptores conhecidos, o que é uma garantia de successo.

Monteiro Lobato traduziu o primeiro volume da série.

S. S. Van Dine — O CRIME DO ESCARAVELHO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 4$

EIS o terceiro volume da *Série negra*, traduzido pelo escriptor Adriano de Abreu. Trata-se de uma novella policial movimentada, das melhores no genero.

Edgard Wallace — O CALENDARIO — Comp. Edt. Nacional — S. Paulo — 4$

A *Série negra* tem mais um volume do famoso novellista, que dispensa referencias de nossa parte. A traducção é de Manoel Bandeira.

José Pereira da Silva — GETULIO VARGAS — Selma Editora — Rio — 6$

O presidente Getulio Vargas é estudado em traços ligeiros neste trabalho de Pereira da Silva. Sente-se que o autor podia ser mais preciso no relevo da personalidade focalizada.

Ao em vez disso, porém, preferiu desviar-se da róta natural, entrando na apreciação de questões politicas pouco interessantes para o momento, quando os animos não estão ainda serenados. Em 1928, visitando, no palacio do governo gaúcho, o sr. Getulio Vargas, escrevemos para FON-FON uma pagina que continha a prophecia da sua victoria integral na politica.

Comprehendemos, ao entrar em contacto com o presidente, que estavamos deante de uma individualidade nada vulgar. Essa impressão está intacta, pois temos razão para reaffirmar o nosso primitivo ponto de vista.

Pereira da Silva tem elementos para completar o seu estudo, emprestando-lhe maior interesse e brilho, porque para tanto lhe sobra talento.

Oscar Gray — O ENIGMA DE BAGSCHOTT Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 4$

GUSTAVO BARROSO traduziu o quarto volume da *Série negra*, o que constitue a maior recommendação para o valor da obra, uma novella cheia de imprevistos curiosos.

Neves-Manta — AS RAZÕES DO DR. FREUD... — Selma Editora — Rio — 5$

UMA admiravel galeria de quadros. Homens e coisas. Annotações de cultura e de pensamento, diz o escriptor. Muito mais.

E' o commentario de um espirito scintillante, que se vae destacando nitidamente na legião dos novos.

Um punhado de pequenos estudos, que reflectem as cogitações de uma intelligencia brilhante, seductora.

Neves-Manta é um grande trabalhador, que já conquistou publico pela qualidade da sua obra.

O presente volume revela uma nova face do talento do medico-escriptor, que ora apparece como chronista de fina sensibilidade, annotando, commentando, encantando pela elegancia da sua prosa.

S. S. Van Dine — O CRIME DO DRAGÃO Comp. Edt. Nacional — S. Paulo — 4$

LEITURA que empolga o espirito do publico. O volume pertence á *Série negra*, e a traducção é de Adriano de Abreu.

Elinor Glyn — SEIS DIAS DE AMOR — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

PAULO DE FREITAS traduziu, do original inglez, *Six days*, um romance sentimental, ora incluido na collecção denominada *Nova bibliotheca das moças*.

Mario Poppe

O SÔPRO

A personalidade de Guilherme Pontinaze se impunha, por seu prestigio, a todos os cidadãos de Toulon. Seus antepassados deixaram as marcas de seus sapatos nas pedras do arsenal e suas moedas de ouro nas tavernas. A casa commercial Pontinaze e Filhos enriquecêra a familia de tal maneira que o ultimo desse nome, Guilherme o "Conquistador", poude se retirar, aos quarenta annos, da vida agitada para se consagrar ás delicias do bilhar, ás flores e á bôa mesa, sobretudo, conforme diziam, ao amor.

De porte elegante, bigóde provocador, era muito respeitado, porque tinha dinheiro e uma casa parisiense. Transbordava de felicidade e sempre contente de si mesmo.

Tinha-se a impressão de que seu espirito planava acima da pobre humanidade.

Segundo a opinião corrente, as mais lindas mulheres dos arredores estavam loucas por elle e essa fama datava de muitos annos atraz.

E a verdade historica era certamente muito differente. Depois de uma fracassada aventura de mocidade, Guilherme conseguiu impôr essa fama de irresistivel e todos os bons cidadãos, como todo meridional, acreditavam nella, com essa imaginação que lhes é peculiar.

Alguns factos, habilmente interpretados contribuiram a manter essa fama. Por que não se casava?... Porque uma esposa legitima acabaria com essas famosas aventuras. Por que não recebia em sua casa nem seus melhores amigos?... Para proteger da maledicencia as senhoras da alta sociedade que o visitavam ás escondidas. Por que mostrava elle completa indifferença pelas amantes de seus camaradas?... Porque, neste caso, nada tinha que invejar a ninguem.

Entrincheirado atraz dessa reputação de conquistador invencivel, Guilherme organizára sua vida segundo suas secretas predilecções; uma vida prudente quasi monastica. A natureza que o fizera habil para todos os jogos de azar, conhecedor dos melhores vinhos e iguarias, déra-lhe uma indifferença amorosa que chegava ao horror.

Na realidade, sua unica amiga, a mulher a quem confiava suas penas e suas alegrias, não era precisamente nenhuma senhora; Mariette, sua governante, da mesma idade que elle, compartilhava da sua casa e da sua mesa. Não havia, entre elles, amor nem desejo, apenas uma grata sympathia.

Quem podia suspeitar isso?... Qual daquelles que commentavam as suas façanhas amorosas em voz baixa acreditaria nesses habitos austeros?... Mas, por um estranho phenomeno, Guilherme mesmo chegou a se julgar sinceramente o conquistador invencivel de que tanto falavam.

Até que, um dia, Mariette annunciou a seu patrão que sua sobrinha viria morar com ella e frequentar uma escola em Toulon.

O patrão, conforme suas normas de galanteria, respondeu, [illegible]mente:

— Minha bôa Mariette... Nunca neguei nada a uma mulher.

Oito dias mais tarde, Magda Foudége chegava risonha, faladora, expansiva e se installava sem a menor ceremonia.

— Não desejo importunal-o, sr. Pontinaze — disse a rapariga. — Não me verá quasi nunca; passo os dias na escola. Não faço o menor ruido; ninguem me ouve.

O PARQUE INDUSTRIAL DE SÃO PAULO

Existem actualmente em São Paulo, em pleno funccionamento, cerca de *sete mil* estabelecimentos industriaes, onde se empregam varias centenas de milhares de operarios de ambos os sexos.

— Precisavas ser meu filho, para te corrigir!
— Por que? Porque fumo?
— Não... Porque fumas e... não offereces.

De Auguste Poailly

Depois disso, foi tomar posse de seu quarto e cantou com toda força de seus pulmões durante todo o dia.

— Felizmente ninguem a ouve nunca — murmurou Guilherme indulgente. — Ouvir... Imagine quando se

Magali era demasiado bonita para que a censurasse. Guilherme era apreciador da belleza feminina. Principalmente porque sua admiração era desinteressada, as observava e julgava com o criterio de um artista olhando um quadro sem a menor perturbação.

Nunca pensou que a belleza de Magali pudesse significar o menor perigo para sua quietude sentimental ou physica. Essas questões já estavam ha muito tempo resolvidas. Podia, pois, com absoluta tranquilidade de consciencia, se dar ao prazer de contemplar a rapariga, que era um objecto de arte nada mais, porem precioso.

De estatura mediana, esculpida como uma estatueta grega, esbelta, nervosa, olhos verdes e pelle dourada, Magali representava em todo seu esplendor a vibrante graça meridional.

Guilherme comprehendia até que ponto a presença de uma linda mulher em sua casa podia ten'ficar sua reputação de infat'gavel seductor. E' verdade que ninguem nunca as vira... Agora, algum incredulo teria de se convenc r... Ao cabo de oito dias, a presença de Magali era conhecida por toda cidade.

— Quem será?... De onde veiu?...

E as investigações confirmavam as conjecturas. Pela primeira vez em sua vida, Guilherme abrigava sob seu tecto uma de suas amantes!...

— Soube escolher!... Fresca como um jasmim e viçosa como uma rosa.

Os amigos, todos os frequentadores do café, commentavam:

— Afinal se queimou, á força de brincar com fogo!... Se a rapariga for esperta, casar-se-á com elle...

— Qual! Casar?... Cortará a mão antes de assignar o contracto.

— Uma mulher em sua casa! E' um homem perdido! — disse Nestor Billerot.

E, nessa mesma noite, com voz grave tremula de emoção, no momento do apperitivo, Nestor declarou no meio de um pathetico silencio:

— Guilherme, não te zangues!... Porem, devo te avisar que corres um grande perigo.

— Eu?... — exclamou Guilherme, inquieto.

— Sim... Sabemos... vimos a pequena... E' digna de ti... Mas... Não a ames demais!... Um homem como tu... Não queremos que soffras!...

Guilherme deu uma risada fresca e alegre.

— Que tem isso? Se a rapariga é pura como uma flôr... Uma flôr cheira bem durante algum tempo... Mas, depois... Soprarei suas petalas, que cahirão...

— Quando será isso? — perguntaram todos.

— Não sei... Mas ella sabe que commigo não ha situações eternas...

— Irá quando lh'o disseres?

(Continúa na pagina seguinte)

— Claro... E' muito intelligente... Aproveita a felicidade do momento...

— Ainda bem!... — disse Nestor. — Perdôa-me então... Brindemos teus amores de hoje e os de amanhã.

Era preciso a prodigiosa placidez de Guilherme para não se sentir perturbado pela presença de Magali. Pela manhã, antes de sahir, e á tarde ao voltar, vestia um pyjama indiscreto e provocante. Com a candura d'alma de Guilherme, aquelle "deshabille" era prova de uma infantil ingenuidade. Alem disso, já não o tratava de "senhor" e sim de "tio". Não era isso de perfeita simplicidade? Condescendia com essa intimidade, não ligava importancia e nunca fôra tão feliz.

Entretanto, passaram-se as semanas, já havia dois mezes que Magali estava em casa e já começava a se perguntar se teria que renunciar aos seus sonhos temerosos.

Em pouco tempo julgou seu "tio". A' sua chegada disseram-lhe que era um terrivel seductor. Propôz-se então a difficultar a conquista... Mas até então nada lhe pediu, nem nada parecia desejar.

Era completamente indifferente... Afinal, um dia, Magali pensou:

— Será possivel que nunca tenha beijado uma mulher?

Magali sabia que era bonita e já tivera occasião de perceber sua influencia sobre os homens e os meios de provocal-os! Mas aqui toda sua experiencia fracassava lamentavelmente. Decidiu então representar o papel melancolico. Dava suspiros tão profundos, que Guilherme teve que percebel-os. E affectuosamente interrogou sua "sobrinha".

— Que tens, querida?

Ella encolheu os hombros.

— Ah! Para que dizer?... Não comprehenderia!...

— Como não?... Queres que te diga? Uma pena de amor!

— Talvez...

— Então? Sou até capaz de contar toda a historia... Tens medo que te esqueça?... O teu namorado de Avignon.

O SÔPRO

(C O N C L U S Ã O)

— Mas... quem lhe disse que amo alguem lá?... Póde bem ser que esse alguem esteja mais perto...

— Aqui?... Em Toulon?... Pois bem. Uma das duas: ou te ama ou não. No primeiro caso, te seguirá quando partires e, no segundo, não deves pensar mais nelle e procurar outro.

— Oh! Estou muito triste... Consola-me, tio!

Guilherme não teve tempo de responder. Já a rapariga sentára nos joelhos. Enternecido, pôz-se a acariciál-a.

— Ora, vamos! Esse homem não percebe que o amas?

— Não!

— Então, esse homem é idiota!

— Sim... — murmurou Magali.

— A menos que vás beijál-o para despertar-lhe a intelligencia... Agora vamos dormir.

* * *

Guilherme estava dormindo um somno calmo e sereno, quando teve a sensação estranha. Havia outra pessôa que alterava sua maravilhosa mercia.

Não acordou. Virou-se com um vago mal-estar. A sensação persistia... Alguem estava sentado á beira de sua cama.

Penosamente, Guilherme sentia-se invadido por uma angustia horrivel. Entendeu a mão e o temor tornou-se realidade...

— Meu tio!... Não me mande embora!... balbuciou uma voz offegante.

— Que?... — murmurou Guilherme, gelado de terror. E's tu? Que fazes aqui?... Enganaste-te de quarto?

— Não... não foi engano... de proposito...

Cada vez mais apavorado, [illegible] va de se desvencilhar daquelle [illegible] ço que lhe infundia um medo [illegible] rivel. E a rapariga continuava:

— Eu o amo, tio! Amo-o!

— Mais uma!... Já devia [illegible] ginar! Era inevitavel!... [illegible] menina!

E, ao pronunciar essas palavras, conseguira se afastar um [illegible] Sentou-se na cama e muito [illegible] se dirigiu a Magali.

— Escuta, menina!... [illegible] lidade e nada posso contra [illegible] Não penses mais nisso... [illegible] hir do quarto... Ninguem te [illegible] que esteve aqui... Não [illegible] comprometter... Voltarei [illegible] já tiveres sahido...

— Despede-me?... Assim o despede?...

— Esquecer-me-á depressa [illegible]

— Ah!... Comprehendo! [illegible] tou Magali. — Nunca beijou mulher!... Mentiroso!...

Guilherme, porém, não [illegible] suas ultimas palavras, já [illegible] no jardim respirando o ar [illegible]

E o coração batia-lhe com [illegible] como se acabasse de escapar [illegible] perigo de morte.

* * *

Na manhã seguinte, Magali [illegible] gressou a Avignon, sem [illegible] mentar seu "tio". Emquanto [illegible] lherme, deslumbrante de [illegible] e felicidade, entrou no café [illegible] o esperavam seus amigos de [illegible] pre.

Sorrindo, apertou a mão de [illegible] e com ar de triumpho [illegible] creado:

— Champagne para todos! Sou eu que pago!...

Sentando-se, deixou cahir [illegible] hidamente estas phrases:

— Já sabem, meus amigos [illegible] Como lhes disse... tinha que [illegible] gar o dia em que sopraria [illegible] Pufff!... E as petalas voaram [illegible]

A CITRICULTURA EM SÃO PAULO

Em 1929 São Paulo produziu cerca de 274.000 caixas de laranjas. Em 1933, transcorridos apenas 4 annos, essa producção elevava-se a 1.177.000 caixas, ultrapassando, assim, a restante producção citricula do paiz.

O VALOR DA PRODUCÇÃO INDUSTRIAL PAULISTA

O valor da producção industrial paulista, durante o anno de [illegible] foi de 2.115.449:163$000, [illegible] em 1911 o valor dessa mesma producção não foi alem de 210.885:000$000.

NUNCA MAIS...

De Alvaro Marinho Rego

NUMA tarde de ouro, macia como um arminho, os dois se encontraram...

Cada um desejára, por certo, occultar a alegria desse encontro, furtando-se a grandes exclamações. Um simples "bôa tarde" seria tudo... Mas uma força estranha fêl-os approximar um do outro, com toda a impetuosidade que sufocara o seu amôr, agora reavivado por esse encontro de após annos.

— Maria!

— Armando!...

Os labios do homem pronunciaram, com emoção, o nome da mulher amada. Os labios tremulos da mulher proferiram o nome do homem amado. E ambas as exclamações se confundiram num só delirio de amôr...

Todo o fogo que ardêra naquellas almas, que lhes enchêra as horas do passado, e as fizera vibrar, corpo a corpo, partilhando o mesmo ideal — o da perfeição, — todo o fogo que fôra a propria grandeza e consumição daquelle amôr, ainda não extincto, mas apenas [illegible] pela separação, tornou a [illegible] ao sôpro do resurgimento.

Deixaram-se ficar alli, naquella [illegible] negligencia, divorciados do resto do mundo, e a elle identificados, tão somente, pelo amôr — principio de todas as coisas, unica razão de ser da vida.

Como estavam mudados! Elle tinha a cabeça já meio grisalha, e os olhos haviam perdido aquelle brilho que tanto a fascinava. Ella, perdendo a belleza de outr'ora, [illegible], comtudo, trazer uma [illegible]. Tinha vivido... E a experiencia da vida fêl-a assim, [illegible], sobretudo, mais mulher.

A noite começava a se espreguiçar, num grande bocejo, atirando sombras p'ra lá e p'ra cá. Pairava em tudo uma subtileza, um não sei quê de bom fluctuava sobre o morrer da tarde...

O homem falou:

— Lembra-se, disse elle, quando nos conhecemos? Você era apenas uma [illegible] que conduzia [illegible] ar ingênuo de quem quer ser moça. Eu estudava, então, os estudos preparatorios. Nossos collegios não ficavam distantes um do outro... E o caminho a percorrer era o mesmo. A assiduidade com que nos viamos, nos levou a uma aproximação inevitavel. Passámos a nos cumprimentar. A começo, simples cortezia. Mas eu havia sympathizado com você. E você parecia gostar de mim. Nossa amizade em breve se transformou. Já agora nos falavamos. E, após as aulas, iamos sempre procurando encontrar belleza nas coisas... Você achava graça em tudo, sorria por tudo, e para tudo tinha uma phrase de carinho. E eu sentia um bem estar immenso em vel-a satisfeita. Eramos felizes...

Teve uma pausa. Depois proseguiu:

— Naquelle tempo, recorda-se?, nós eramos puros. E nossos sentimentos elevados. Ainda não haviamos ganho a maldade do mundo. Esta veio depois, com o tempo... Tendo concluido o meu curso de humanidades, ingressei na Academia. Novo horizonte, mais amplo e seductor, dilatou-se á minha vista maravilhada, parada no Bello. Outras obrigações tomaram-me o tempo. Novas imposições me absorveram. Mas nem por isso, a esqueci. Pelo contrario. Parece que, com o nascer do juizo, augmentou minha ternura por você. E o nosso romance foi-se desfiando para a frente... e o nosso amôr crescendo. O alternar dos dias e das noites não fazia mais que inflammar esse sentimento, tão ingenuo, a começo, e tão vehemente, por fim! Amôr, esse! Pouco depois, você terminou seus estudos. Tornámo-nos noivos. E... amámo-nos. Amámo-nos muito. Dediquei todo o meu affecto para tornál-a feliz. Procurava satisfazêl-a nos menores caprichos. Nosso amôr tinha algo de sublime. Você me promettia uma felicidade indefinivel, que, por isso mesmo, não cheguei a conhecer... Já reparou como tudo na vida é assim?... Você é a mais bella recordação de minha juventude. Você encheu a minha vida de estudante, que, sem você, teria sido um trecho inutil, atirado para as coisas que se esquecem... Você habitou dentro de mim, por largo tempo, sentindo as minhas mesmas ambições, adivinhando os meus anseios... E, quando você se foi embora, deixou em tudo uma lembrança meiga e bôa, um não sei quê de bello que me acompanha até hoje... E hoje, que não consegui esquecêl-a, nem você a mim, volte, peço-lhe... Volte para mim... Torne ao nosso amôr...

Ella parecia tocada de emoção, ao reviver esse passado longinquo. Uma lagrima teimosa escorreu, lentamente, pela face carminada. O homem fitava-a com ternura. Olhava-a. Olhava-a com esperança. Sua dôr era grande. Maior o seu amôr.

Mas ella desenganou-o com um movimento de cabeça. E sussurro, baixinho, talvez para si mesma.

— E' impossivel... voltar... começar de novo... Não. Nunca daria certo. Nosso amôr é grande demais para a mesquinhez do mundo. Era preciso uma alta Perfeição... Conformemo-nos com a certeza de que nos queremos. Queremo-nos pela lei natural das coisas, das attracções, da propria affinidade... Mas... não é possivel. Está triste, meu amigo? Não menor é o meu soffrimento. Minha desillusão foi grande, muito grande... A experiencia da vida deu-me uma noção exacta dos homens e das coisas... Busquei o Bello, e o Bello não existia. Procurei-o no proprio extracto da vida, nas menores particulas que vibrassem ao sôpro de vida, mas... nunca o encontrei. Vê, pois, quão grande foi a minha decepção. No proprio Amôr, que é o principio gerador das coisas, não achei o que minha imaginação idealizara. Ha de dizer que o seu amôr por mim attinge ás raias da devoção. Não o nego. Nosso amôr é grande, ardente e louco... Mas, talvez por isso mesmo, nunca nos comprehenderemos. Não vale a pena, pois, insistirmos. Soffres com a minha resolução? Mas assim é preciso, para o nosso bem. Amigo agora, o amo com todos os sentidos... Amo-o como uma mulher bem o sabe amar. Mas... que quer? Fomos uns perdularios de Felicidade... Não soubemos conservar essa dadiva. Agora é tarde... Tarde para acceitar novamente... Nunca mais nossas vidas poderão unir-se... Não nos revoltemos. Conformemo-nos com o destino. Não deveremos nos tornar a vêr. Para que? Não adeanta mais... Separemo-nos sem uma atitude de rancor. Esqueçamo-nos para maior gloria do nosso Amôr.

Historia muda

O INCENDIO

De PITIGRILLI

(Continuação do numero anterior)

— Mas o modo...

— Não, meu rapaz. Eu disse conquistar e não adquirir. Os jovens vêm na propria juventude a causa do exito. Não! Nós, os grandes amantes, tivemos feito por uma particular energia fluidica que não tem relação alguma com a idade. Os jovens attribuem muita importancia á sua juventude, e não sabem que seus mais perigosos rivaes são os homens idosos. A juventude é um malentendido na partida do nascimento como a belleza é um malentendido na harmonia das dimensões e no equilibrio das proporções. As mulheres bellas, cujas linhas correspondem a certos conceitos famosos (o nariz deve conter-se trez vezes na altura do rosto, e outras asneiras semelhantes) resultarão excellentes modelos a cinco francos á hora para academia de arte, mas não inspirarão uma loucura. Não se deve crer no exito da juventude, como não se deve crêr nessa tabella proporcional da belleza feminina determinada pelos agrimensores da epiderme. As mulheres que me fizeram enlouquecer não eram bellezas. A mulher que eu mais amei tinha as pernas semelhantes a dois pacotes de algodão hydrophilo.

"Quanto ao meu conceito de pagar, ó meu amigo!, lhe responderei que se paga sempre. Se se é joven, paga-se através de certos intermediarios que se chamam modista, florista, joalheiro. Se se é velho, a coisa resulta mais commoda, porque as mulheres usam a esquisita delicadeza de acceitar directamente de nós, por meio de certos commodissimos talões retangulares, que as instituições bancarias fornecem a quem lhes dá o dinheiro para guardar. Afinal de contas, pagar ou não pagar, que importa? Nunca ha um motivo unico, preciso e determinado, pelo qual as mulheres amam. Até aquellas que amam por dinheiro não amam exclusivamente por dinheiro, e aquellas que amam por amôr não amam exclusivamente por amôr. As mulheres são milagrosas fabricantes de universos. Sobre cem mulheres, pelo menos noventa e nove desejaram dar-me a entender que eu era a sua unica falta, ou seu segundo amante ou seu primeiro adulterio. Nenhuma me disse que eu era o quinquagesimo, ou o trigesimo, ou o terceiro. Todas me disseram que era o segundo; algumas, que era o primeiro, e, para me fazer crêr melhor, até pretendiam que me casasse."

O rapaz escutava o velho conquistador, olhando-o com olhos dilatados. E como para os moços a unica verdade reside no amor, ouvia-o como se ouve um vidente.

Perguntou:

— O senhor, que conquistou todas as mulheres que quiz...

O velho interrompeu-o com um gesto lento da mão pallida:

— Meu rapaz; ninguem conquista a mulher que quer. O amor é regido pelas circumstancias, e não pela vontade. As mulheres que eu desejaria não são as que tu vês ali, commemorando na vida commum, do meu passado; as mulheres que eu desejaria são as que eu não tive: figuras entrevistas na rua e perdidas entre a multidão; mulheres que passaram junto a mim em uma estação ferroviaria e partiram em um trem que partiu em direcção opposta á minha; bailarinas que me encantaram quando as vi languidas sob os reflectores e me deixaram indifferente quando as detive á sahida; advogadas em funcção, que me agradaram, exaltadas e desfiguradas e passionaes no furor das replicas, na inventiva, na artificia licia do sophisma, na deslealdade das respostas, na seductora feminilidade das ... ções, e pareceram-me insignificantes quando as vi descer as escadas do Palacio da Justiça, elegantemente trajadas e pintadas. A mulher que eu desejava era aquella que estava com outro, em um café, e que não correspondia á minha attenção; ou aquella que se sentava junto a mim no theatro e me deixava algum pello do seu arminho na manga de meu smoking, e que me agradava por uma vez, ou por uma phrase intelligente, ou por um silencio ... A mulher que eu quizéra á ... conhecida que me fitou e ... pareceu e que, quando a tornei a ver, já não era ella. Eu creio no "coup de foudre", sobretudo se considerarmos uma pequena carga electrica. Em um momento dado certas mulheres se electrizam; seis mezes depois não se electrizam mais, porque qualquer coisa se lhes modificou ... rente ou em nossa condição de ... dade, ou porque outra mulher ... ve de corpo isolador. Conquista-se a mulher que se quer ... conquistál-a nesse momento ... depois. Minhas mulheres foram adoraveis, mas não foram ... eu teria desejado. A mulher que está em nossos braços e ... bocca a vinte centimetros da nossa nuca é a que desejamos.

(CONCLUSÃO)

que vinte centimetros é um espaço demasiado curto para o salto do nosso desejo e para a trajectoria parabolica de nossa fantasia.

O moço observou:

— Mas a mulher, vivendo a nosso lado, não se transforma adaptando-se a nós mesmos?

— Certamente.

— Então somos felizes.

— Infelizes, queres dizer, meu caro amigo. Após algum tempo a mulher adapta-se ao ambiente, accommoda-se ao homem como o violino á sua caixa. A mulher é o mais typico phenomeno de mimetismo que ha na natureza. Napoleão tinha razão quando dizia: "*Mes marechaux sont restés des sous-officiers; leurs femmes sont devenues duchesses*". Mas se isto é uma vantagem para a vida social, é uma causa de catastrophe para o amôr; quando a mulher assumiu nossa fórma espiritual, não agrada mais.

— Verifica-se que a cultura e a intelligencia valem pouco no amôr.

— Pouco, para a paixão, que é o principio, mas muito para o amôr, que é o desenvolvimento. A mulher ideal é a mulher intelligente; é perigosa e terrivel quando já não ama; a mulher estupida é perigosa sempre, e, sobretudo, quando não nos adora. A intelligencia da mulher não é, no emtanto, um estado constante, uma linha recta: é uma sinuosidade. E quando uma mulher intelligente se põe a fazer tolices, as curvas de sua tolice são tão profundas quanto altas as curvas do seu talento.

— Outro tanto — arriscou o joven — póde-se dizer das paixões. Quando o amôr se transforma em odio...

O velho interrompeu-o com o gesto habitual, e retorquiu:

— Sobre este ponto não me sinto habilitado para te informar. Em materia de paixões femininas nada comprehendo e minha documentação — quinhentas amantes entre estaveis e transitorias — não me esclarece a respeito da intensidade da paixão feminina e da potencialidade de seus pequenos corações. Sei que muitas mulheres matam; algumas outras se matam; algumas se apaixonaram por mim e chamaram-me com extremo desespero.

— E o senhor sempre attendeu?

— Sim. Mas, examinando os casos, bastante numerosos, nos quaes mulheres se apaixonaram por mim, e que por mim renunciaram á casa, aos filhos, á posição social, e affrontaram a ruina e o escandalo; e se penso que suas loucuras se apresentaram como um perigo incendiario de breve duração, ponho-me a rir, porque todas as mulheres que me lançaram um grito de alarma, supplicando-me que as ouvisse e que lhes extinguisse a chamma da paixão, se parecem singularmente com a joven viennense de que lhe falei ha pouco, tanto que as classifiquei na mesma categoria. E a rapidez com que sempre lhes attendi aos gritos desesperados de chamamento, recorda-me o gesto com com que fechei gloriosamente a carreira de bombeiro; no fundo, quando uma mulher chama e um homem attende, o gesto desse homem é o mesmo do joven tenente que ha quarenta annos commandava a corporação do nono districto.

— Como? Que gesto?

Sem levantar-se do seu assento, o velho empurrou lentamente, com a ponta da bengala, primeiro uma e depois a outra porta do armario, e concluiu, com um sorriso melancolico e indulgente:

— Que gesto? Precipitar-me a extinguir um incendio que não existe!

Elle. — Senhorita: consente que o meu guarda-chuva a proteja?
Ella. — Ora... com o maior prazer, cavalheiro!

O BANHO FRIO DIARIO

Indicações sobre o seu uso

Discute-se muito sobre a conveniencia ou inconveniencia do banho frio. Muitos ha que o condemnam como excitante exaggerado do systema nervoso ou como causa de resfriados. Tudo, porém, é questão de dosagem.

Ao primeiro contacto do corpo com a agua fria contrahem-se as veias e capillares. A pelle empallidece e se arrepia. O sangue foge da peripheria. Mas é justamente isso o que provoca, logo a seguir, uma feliz reacção. Activa-se a circulação do sangue. E tem logar uma agradavel sensação de calor e bem estar. Essa impressão perder-se-á com o prolongamento exaggerado do banho. As extremidades ficam arroxeadas, a pelle se encolhe, o individuo tirita.

Para retirar do banho frio todos os seus beneficios, é preciso observar estes tres principios: a) nunca permanecer muito tempo debaixo d'agua; b) evitar a immobilidade dentro do banheiro ou sob o chuveiro; c) evitar o banho frio quando o corpo está muito fatigado por grandes esforços, pois que perde, assim, a capacidade de reacção contra o frio, o que dá logar ás vezes a accidentes graves.

Não é aconselhavel ainda o banho frio aos nervosos, cardiacos, plethoricos, convalescentes, velhos e creanças muito novas. A forte reacção que provoca póde ser prejudicial.

Afóra esses casos, para os quaes se aconselha, no indispensavel banho diario, a agua quente ou tepida, o banho frio só póde ser util, estimulante admiravel do organismo e do systema nervoso.

Seja qual fôr, porém, a temperatura da agua, deve-se proceder criteriosamente á escolha de um sabonete puro e neutro, de preferencia de oleos vegetaes como o Gessy. De um bom sabonete depende a saúde e a conservação da epiderme.

CAPITULO I

ESTRANGULADO PELO PHANTASMA?

Se jamais houve historia que me parecesse mysteriosa, é com certeza esta! murmurou comsigo Sherlock Holmes, depondo sobre a mesa uma nota de mil libras do Banco Inglez, que acabara de examinar demoradamente.

"Supponho que se me annuviam os olhos, continuou elle no seu monologo. Harry! chamou o policia, voltando-se para a sala de entrada.

— Aqui estou, senhor Holmes, respondeu uma voz, ao passo que a porta se entreabria vivamente.

— Examina esta nota de mil libras e observa-a com attenção.

Harry examinou por todos os lados a nota do banco, sujeitando mesmo os rendilhados do desenho á observação microscopica.

— Bem, continuou o policia. Agora examina a segunda nota.

Harry Taxon obedeceu conscienciosamente.

— Então, perguntou-lhe Holmes, que te parece?

— Supponho, respondeu tranquillamente o jovem auxiliar, que o publico não teria duvida em considerar verdadeira qualquer das notas, se bem que uma seja falsa.

— Tu notaste tambem a differença, não me enganei e os empregados do banco tambem não. Agora lê essa carta do director do Banco Inglez.

Harry Taxon leu:

Os moedeiros

(SHERLOCK HOLMES

Exmo. Sr. Sherlock Holmes.

Desde algum tempo os empregados do meu banco teem constatado a existencia de certo numero de notas falsas. As falsificações são tão perfeitas que eu proprio estive em duvida, e egualmente outros membros da Direcção, se effectivamente se tratava de notas falsificadas.

"E' possivel que as insignificantes differenças que os empregados do banco notaram, sejam muito simplesmente defeitos na impressão das notas.

E tenho tanta mais razão para acreditar nessa hypothese, quando é certo que as notas em questão proveem, na sua maior parte do cofre de Sua Magestade, e até, como confidencialmente me foi participado pelo thesoureiro, do dinheiro de jogo do ...

"Sabendo que V. é tão excellente photographo e chimico como policia, envio-lhe uma das notas provenientes do cofre real e uma verdadeira do banco, pedindo-lhe que veja si realmente existe falsificação e caso assim fôr, dê os passos necessarios para a descoberta do criminoso. Não lhe occultarei que o Banco Inglez reserva uma gratificação de dez mil libras a todo aquelle que descobrir uma falsificação de notas do banco.

"Sou, com a maxima consideração, etc.

Shrewsbury

— Bem, o que dizes tu a isto? exclamou Sherlock Holmes, logo que o auxiliar terminou a leitura.

— Entendo que se deve photographar e ampliar a nota do banco, e examinar não só as letras, numeros e rendilhados do desenho, como tambem a consistencia e fabrico do papel.

"Não percebo porém, accrescentou Harry hesitante, porque razão devo dizer eu tudo o que ha a fazer, quando o senhor certamente já o sabe melhor do que eu.

Sherlock Holmes levantando-se da commoda poltrona, dirigiu-se para Harry e pousou-lhe amigavelmente as mãos sobre os hombros.

— Tambem tens razão, disse o policia. Gosto de ver como te aperfeiçoas, e como as minhas theorias germinam em bom terreno. E' claro, as notas do banco, provenientes do cofre do rei, são todas falsas, e — o que é o mais interessante — o papel das falsificadas é absolutamente egual ao das verdadeiras, quer dizer, é o mesmo papel que empregam no banco para o fabrico das notas; deve por consequencia provir dahi.

Uma campainhada estridente interrompeu a palestra.

Harry foi abrir apressadamente.

— O sr. Wilson, annunciou elle.

O inspector de policia entrou.

— Antes que digas qualquer cousa meu caro Wilson, exclamou Sherlock Holmes, senta-te e descança um pouco. Excusas de te apressar; de resto, sei já de que se trata.

— Impossivel! interrompeu vivamente o inspector que arquejava cansado. Ha' um quarto de hora ainda nada sabia eu proprio, e tu, a quem venho encontrar de chinellos e "robe-de-chambre", ainda menos podes saber.

Nos labios do policia desenhou-se o conhecido sorriso ironico.

— Meu caro amigo, disse elle, exprimes-te quasi pelas mesmas palavras que me dirigiste da outra vez...

Os falsos de Sheffield

— Por CONAN DOYLE —

quando eu descobri o assassino de Roberto Norton. Lembras-te daquelle famoso enygma pittoresco, que me collocou na pista do criminoso do "noivo desapparecido"?

— Não querias acreditar que eu já soubesse o fim da tua visita antes de teres falado.

Wilson meneou a cabeça em ar de duvida.

— E' pena que não apostes, respondeu elle num suspiro. Assim sempre te podia alliviar de um par de libras.

O policia considerou o inspector num rapido exame.

— Sem duvida que se trata de um caso importante, começou Sherlock Holmes. Se me não engano, é assassinato, e até praticado nos campos de Sheffield. Recebeste um telegramma para mandares immediatamente alguns policias; deste resposta affirmativa, e agora vens ter commigo para me pedir que acompanhe os teus subordinados ao logar do crime.

O inspector ergueu-se cheio de espanto.

— Homem! exclamou elle. Tens com certeza relações com o diabo. Como é possivel que sem a mais insignificante indicação tenhas podido adivinhar o que aqui me traz?

Sherlock Holmes accendeu de novo o cachimbo, que collocara sobre a mesa á chegada do inspector Wilson.

— Sem a mais insignificante indicação, dizes tu? perguntou ironico. O telegramma que recebeste, tens-o ainda na mão. Do bolso do teu sobretudo espreita o horario dos caminhos de ferro, que prudentemente trouxeste comtigo; e como o editor mandou encadernar esses horarios com capas de diversas côres, conforme os trajectos, e a capa do teu é verde, concluo que é o do caminho de ferro do condado de Sheffield.

Houve um momento de silencio.

No rosto do inspector transparecia a mais viva surpreza.

— Que se trata de um crime capital, muito provavelmente de um assassinato, prova-o a pressa com que vens ter commigo, continuou tranquillamente o policia.

— Mas por onde conclues que eu tivesse respondido já? perguntou o inspector.

Em vez de responder, Sherlock Holmes agarrou na mão do seu interlocutor e mostrou-lhe o dedo medio.

— Quem não conhece a tinta vermelha de que o publico se serve nas estações do telegrapho? Só tu podias provir esta pequena mancha no dedo. Bem, agora conta-me as particularidades deste interessante caso.

O inspector de policia sentou-se novamente.

— Devo confessar, ponderou elle, que já vou sendo muito dispensavel na policia de segurança de Londres. Bastava que mandassem ter comtigo, todas as pessoas que nos vem apresentar uma queixa. Tu até lhes pouparias o trabalho de te contarem circumstanciadamente os factos.

— Não vale a pena entristeceres, disse carinhosamente Sherlock Holmes. Conta depressa o que ha de novo.

— Então houve. No condado de Sheffield existem, como decerto sabes tambem, as ruinas do antigo castello de Milster.

— No qual, segundo affirmam as pessoas da terra, apparece um phantasma, interrompeu Holmes.

— Tal qual. Ha algumas semanas installou-se no antigo quarto habitavel do castello um irmão do actual proprietario Lord Milster, que voltou da India reformado no posto de capitão. O infeliz foi hoje encontrado morto proximo das ruinas do castello.

— Assassinado? perguntou Sherlock Holmes com interesse.

— O telegramma diz: provavelmente estrangulado.

— Hum... O regedor que mandou o telegramma quiz decerto dizer, estrangulado pelo phantasma. Conheço ha muito tempo aquellas superstições, accrescentou o policia.

— Então, tomas conta do caso? perguntou Wilson.

— Com a condição de que não mandes nenhum subordinado teu para que eu possa trabalhar livremente.

— Está dito, respondeu o inspector de policia. De resto, já telegraphei que não devem mexer no cadaver, e deixar tudo como está, até que eu mande alguem daqui.

— Excellente. Se bem que eu tenha aqui um caso interessante para estudar, sinto-me bastante attrahido para o castello de Milster, esse pardieiro de má fama. Quando parte o comboio?

— Dentro de vinte minutos.

— Não podia ser melhor, Harry, em minha ausencia tens que me representar aqui. Pensa um pouco no caso de que falamos esta manhã.

A physionomia satisfeita de Harry, transformou-se de subito numa expressão de profundo desapontamento.

— Que diabo tens tu? perguntou o policia.

(Continua na pagina seguinte)

— E' que... Julguei que o senhor me levaria tambem ao castello de Milster. Leve-me, continuou elle quasi supplicante, deixe-me acompanhal-o. Estou convencido de que precisará de mim.

Sherlock Holmes contrahiu pensativo as sobrancelhas.

— E' mais provavel que me vás estorvar. No emtanto, accrescentou elle, mesmo assim vens commigo. Trata de ir buscar a tua mala de mão.

Harry voou a buscal-a, e em alguns minutos estava tudo arranjado. Até mesmo o carro esperava á porta.

Momentos depois a carruagem partia a todo galope em direcção ao caminho de ferro, transportando Sherlock Holmes, e o seu fiel discipulo.

CAPITULO II

EXTRAORDINARIAS DESCOBERTAS

O castello de Milster, devia ter sido antigamente uma fortaleza inexpugnavel. Ainda hoje se podia ver, nos seus muros expressos, nos seus fossos profundos, nas suas torres e barbacans, em parte bem conservadas que tinha sido um dos mais fortes castellos de Inglaterra.

Quando se passou esta historia, só era habitavel uma parte do rez do chão, por certo recentemente restaurado, e onde morava com sua neta um guarda velho e rabujento.

Proximo das ruinas, num jardim completamente inculto, e ainda dentro dos dilatados muros, agglomerava-se uma multidão que contemplava com horror um cadaver deitado de costas.

Era o corpo de um homem ainda novo: os olhos entreabertos, sobre os quaes nenhuma alma piedosa tinha cerrado as palpebras, dirigiam-se para o c... numa expressão indizivel.

— Não tenho sombras de duvida, ponderava o re-gedor, um velho de longos cabellos brancos emol-rando a face coberta de rugas. O phantasma... phantasma...

— E' verdade, dizia outro. O sr. Johnston nun-quiz em vida acreditar nelle. Agora veiu, e levou...

Foi estrangulado, murmurou o regedor. Do... forma deviam existir vestigios de sangue.

De subito houve um movimento na multidão, com-posta na maior parte de habitantes das aldeias vi-zinhas. Uma rapariga, bella como um dia de pr-imavera, acercou-se do grupo.

O regedor foi o primeiro a dirigir-se-lhe.

— Betsy, disse elle, queres ver tambem o pobre senhor Johnston, o irmão do nosso lord Milster? Que diz teu avô, o guarda do palacio, a tamanha desgraça?

A rapariga cujo cabello negro contrastava singu-larmente com a tez pallida do rosto, lançou sobre o cadaver um olhar de terror. As mãos levemente crispadas, o tronco curvado para a frente, os olhos desmedidamente abertos de pavor — dir-se-hia a propria estatua da Tragedia. Alguns segundos ficou immovel nesta posição. Depois teve um calafrio e recuou vivamente.

— Sua Excellencia, lord Milster, manda-me saber se já chegou a policia de Londres, disse ella com voz tremula.

— Ainda não respondeu o velho. Onde está o lord?

— Em nossa casa, no castello, ao pé de meu avô.

— Preveniremos Sua Excellencia logo que che-gerem... Mas parece-me accrescentou elle esguei-tando por sobre o grupo, que ahi vem dois homens que podem muito bem ter chegado a Ulster pelo com-boio de Londres.

Sherlock Holmes e Harry Toxon, pois eram elles effectivamente os recemchegados, dirigiram-se para o grupo.

— Faça sahir esta gente, disse o policia ao velho regedor, não quero que me vão destruir qualquer vestigio.

Os do grupo afastaram-se de mau humor.

Quando Sherlock Holmes e Harry se encontraram sós, examinaram primeiro detidamente o cadaver.

EVOCAÇÃO

O passado é a memoria. A hora presente
é o passado que dorme na lembrança,
lembrança que ainda é um pouco de esperança
que espera despertar constantemente.

O passado parece uma creança!
Vem sempre a rir, a rir perdidamente,
e desarruma o coração da gente,
como uma sombra cautelosa e mansa.

Onde está o passado, que eu não sei?
Onde se esconde em mim? Onde se esconde?
Levou-o, alguem, do canto onde o deixei?

Não. O passado não nos deixa, não.
Ha um logar em nós, que eu não sei onde,
onde elle espera e não espera em vão.

ESDRAS FARIAS

depois tentou o policia levantar-lhe um braço, o que só a muito custo poude conseguir.

— A rigidez cadaverica... murmurou elle. A morte deve ter-se dado ha dez horas pelo menos.

— Um bello typo de homem, disse Harry. Physionomia energica. Perfeitamente britannica.

— Mas, se me não engano ahi vem o proprio lord Milster; e não é difficil descobrir-lhe no rosto certa semelhança com o finado.

Harry tinha razão. Era lord Milster uma figura elegante, delgado e secco, talvez 10 annos mais velho que seu irmão.

— O sr. Sherlock Holmes? perguntou elle delicadamente, dirigindo-se ao policia.

— Eu proprio.

— Admira-se por certo que eu já saiba o seu nome, accrescentou o lord. O senhor Wilson teve a amabilidade de me participar pelo telegrapho a sua chegada.

— Já aqui esteve a justiça? perguntou o policia, examinando rapidamente o seu interlocutor com um olhar agudissimo.

— Ainda não. Se lhe parece, acompanhe-me um pouco até que ella chegue. Entretanto contar-lhe-hei a vida de meu pobre irmão, e poderei talvez dar-lhe algumas indicações de importancia para descobrir o assassino — se realmente se trata de um assassinato.

— Logo, duvida que tenha havido crime na morte do sr. Johnston? inquiriu Sherlock Holmes.

Disseram-me que o cadaver não apresenta a minima contusão. E' possivel, continuou, encolhendo os hombros, que tenha sido victima de uma congestão.

No entanto é de um assassinato que se trata, Mylord, declarou o policia com voz firme. Queira examinar o cadaver; nunca o corpo de um homem subitamente surprehendido por este genero de morte, fica em tal posição. O cadaver foi collocado assim já depois de morto. Esteve primeiro de bruços, e só depois da morte o deixaram de costas, quando ainda não havia rigidez cadaverica.

O lord lançou um olhar commovido sobre o corpo inerte de seu irmão.

— Pobre Carlos, murmurou elle, então sempre teem razão os meus presentimentos.

Afastou-se lentamente do cadaver, e saiu do jardim seguido por Sherlock Holmes e Harry.

— Fica tu aqui, custe o que custar, segredou o policia ao seu joven discipulo. Deves impedir a entrada de estranhos no jardim e dar-me parte quando chegar a justiça.

Lord Milster estava já distante, no caminho dos campos baldios; a certeza de que a morte de seu irmão era devida a um crime parecia tel-o impressionado tanto, que estava alheio a tudo quanto o rodeava.

Só se voltou vivamente, quando ouviu Sherlock Holmes tossir atraz de si.

— O senhor falou-me de importantes revelações para a descoberta do criminoso, começou Holmes.

— E' verdade. Não sei si sabe que meu irmão voltara ha pouco da India como official reformado. De resto, era apenas meio irmão, sem direito aos titulos e á fortuna do senhorio de Milster. Mas, eu olhava por elle tão generosamente, que não tinha razão para se queixar.

O lord calou-se um momento e voltou-se para as ruinas do castello, continuando:

— Como vê, é bem triste o estado em que se encontra o solar de meus antepassados. Por isso todos se admiraram que meu irmão, tivesse preferido esta região desoladora á confortavel habitação de Londres. Mandou aqui restaurar um dos aposentos, e lá se installou muito a seu gosto.

— Não imagina por que razão viria elle parar aqui? perguntou o policia, prescrutando a physionomia do lord com o olhar.

O seu interlocutor franziu as sobrancelhas e hesitou um instante.

— Talvez, disse elle por fim. Corre que meu irmão tinha amores com Betsy, a neta do meu administrador. Em todo o caso, accrescentou com energia.

(Continúa na pagina seguinte)

SCISMAS

Uma casita branca, um velho cães, uma alameda...
Um farfalhar de rendas e de séda.

Dois olhos verdes, duas mãos delgadas
presas em duas mãos, muito apertadas...

Um grande beijo e nada mais. Depois,
uma ansia extrema para todos dois.

E' bôa a vida? E' má? Que tal achas a Vida?
Um sonho louco? uma esperança fenecida?
a saudade de um beijo? o aroma de uma flor?

— Que tal achas a Vida, meu amor?...

ACHILLES ALVES

ainda que elle estivesse apaixonado por essa linda rapariga, posso empenhar a minha palavra em como não era correspondido.

Sherlock Holmes admirou a decisão destas palavras.

Que podia haver de commum entre uma historia de amores e o assassinato?

Pretende fazer-me uma insinuação sobre o assassino, mylord?

— Exactamente. E agora escute, sr. Holmes. O que vou contar-lhe é rigorosamente confidencial. Nem mesmo deante da justiça deverá fazer uso das minhas palavras. O assassino de meu pobre irmão é um joven rendeiro, Bill Kundry, que esta manhã perguntou o policia.

— E onde está a prova de que seja elle o criminoso? desappareceu de casa.

— Uma pessôa, de que em caso algum posso trahir o nome, viu-o ás quatro horas da manhã junto do cadaver. O motivo que o levou a praticar o assassinato é bem claro: o rendeiro pretendia a mão de Betsy e viu em meu irmão o seu rival. Só elle pode ser o assassino, tenho um presentimento que m'o diz. Que este patife seja levado ao cadafalso! Tenho confiança no senhor. Decerto descobrirá todas as provas necessarias.

E sem se importar mais com o policia, Lord Milster voltou-lhe as costas e dirigiu-se apressadamente para o castello.

Sherlock Holmes seguiu-o longamente, com os olhos e meditou durante alguns minutos.

Não tinha elle visto o odio e a sede de vingança brilhando no olhar do Lord!

E' verdade que a suspeita que este lhe communicara era terrivel, e que se tratava de seu irmão unico.

Sherlock Holmes voltou para traz fazendo comsigo mesmo todas estas considerações. De repente estacou.

Avistou no chão uma carteira de couro polido, côr de castanha.

Agarrou-a rapidamente e examinou o brazão de prata que a ornava.

— Pertence a Lord Milster, murmurou comsigo. São as suas armas que estão gravadas nesta carteira.

Ia guardal-a quando a carteira se abriu deixando vêr o volumoso conteudo que a enchia.

Como hypnotisado contemplou o policia os papeis, as notas do banco, as facturas, as cartas. De repente voltou-se para o lado do castello. O Lord tinha desapparecido.

— E' extraordinario, murmurou Holmes. E comtudo não ha engano possivel.

Examinou ainda uma vez cuidadosamente os papeis tirou um delles e guardou-o no bolso.

— Bem, continuou elle comsigo. Agora um telegramma quanto antes para Londres.

Quando Sherlock Holmes chegou ao local do crime acabava de chegar a justiça.

— Uma ferida produzida por arma de fogo, disse o Coronel (*) ao policia, que já era seu conhecido. Pode vêl-a na parte posterior da cabeça. O pobre sr. Johnston foi ferido pelas costas.

Sherlock Holmes approximou-se do cadaver e apalpou-lhe a nuca.

— Impossivel, declarou elle com decisão.

— Porque? perguntou o Coronel.

— Porque não ha arma que possa disparar uma bala tão grande, como a que por este buraco penetrou no craneo do assassinado.

O Coronel fez um signal a algumas pessoas que espreitavam curiosamente junto ao muro do jardim.

— Levem o cadaver para o deposito do cemiterio, ordenou elle. Os medicos já lá estão á espera da autopsia, com certeza que se ha de encontrar a bala. Se o sr. Sherlock me quizer acompanhar, eu propria lh'a entregarei.

— Por emquanto tenho ainda que fazer aqui, disse elle afastando-se do Coronel.

— Mas que diabo tem o sr. que fazer neste deserto onde só ha terra e uns bocados de herva? perguntou o ironico official de justiça. Talvez as pegadas do phantasma que assassinou o pobre senhor Johnston, accrescentou rindo.

— Nem mais nem menos, respondeu Sherlock Holmes com seriedade. As pegadas do phantasma.

O policia ficou só.

Ninguem podia perturbal-o nem observar o que fazia:

Contemplou immovel o lugar onde repousara o corpo inanimado, e onde a impressão ficara gravada no terreno. Rigido como uma estatua, toda a vida se lhe concentrara no olhar, onde brilhava um fogo terrivel.

Depois examinou o chão pollegada por pollegada. Não houve uma pedra que escapasse á sua vista de aguia. De subito contrahiu-se-lhe o rosto e com um gesto de avaro precipitou-se para um pequeno objecto que entrevira sobre a relva.

Olhou-o por todos os lados e metteu-o finalmente no bolso.

A "cousa" devia aqui estar, murmurou elle, antes que o cadaver foi voltado.

Completamente absorto nas suas reflexões dirigiu-se para o castello e embrenhou-se no labyrintho das ruinas. De repente parou no caminho: chegara-lhe aos ouvidos o ruido de um dialogo que partia de uma rua transversal.

(*) Coroner — Official de justiça encarregado de examinar os corpos das pessoas que morreram de morte violenta.

(Continua no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Lavinne, France
Rue Tronchet, 9 — Paris VIII Ludgate Hill
Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado .... 1$500

Os Romances de Fon-Fon

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga a parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada, com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. A descriminação abaixo está na ordem de leitura.

	Preço:	Pelo Correio
FAUSTA — 10 fasciculos	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasciculos	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasciculos	8$000	9$600
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
CAPITAN — 14 fasciculos	7$000	8$400
BERIDAN — 19 fasciculos	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasciculos	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasciculos	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasciculos	3$000	3$600
HEROINA — 14 fasciculos	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasciculos	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasciculos	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasciculos	4$500	5$400
O RIVAL DO REI — 7 fasciculos	3$500	4$200
PASSAVANT — 9 fasciculos	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasciculos	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasciculos	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasciculos	2$500	3$000
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasciculos	6$500	7$800

EXPLORE O ESPAÇO COM O RADIO DE ONDAS CURTAS

Berlim

New York

Paris

Londres

Roma

RCA Victor

PAUL J. CHRISTOPH Cº

RIO - Ouvidor, 98; Gonçalves Dias, 64; Av. Rio Branco, 122; Carioca, 70 - SÃO PAULO - S. Bento, 35; Direita, 25; Palmeiras, 2-A - NICTHEROY - Rua Conceição, 77 - SANTOS - Commercio, 46.